

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**PUC-SP**

**Mauricio Bacic Olic**

**Entre o liso e o estriado: skatistas na metrópole**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**SÃO PAULO**

**2010**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**PUC-SP**

**Mauricio Bacic Olic**

**Entre o liso e o estriado: skatistas na metrópole**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Professora Doutora Dorothea Voegeli Passetti.

**SÃO PAULO**

**2010**

**Banca Examinadora**

---

---

---

*“O espaço liso não para de ser traduzido, transvestido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso. Num caso, organiza-se até mesmo o deserto; no outro, o deserto se propaga e cresce: e os dois ao mesmo tempo”.*

*GILLES DELEUZE E FELIX GUATTARI (MIL PLATÔS).*

## RESUMO

Esta Dissertação tem como objetivo analisar os modos pelos quais os skatistas se apropriam do espaço urbano por meio de movimentos geradores de formas de *apropriação* e de *propriedade* sobre o espaço urbano. Para isso, a pesquisa valeu-se de um trabalho de cunho etnográfico junto ao universo de skatistas com o objetivo de acompanhar o itinerário destes sujeitos através de uma dinâmica tridimensional pela metrópole: o corpo, a pista e a cidade. Neste trabalho, portanto, buscou-se seguir a experiência dos skatistas em *fazer cidade*, entre o liso e o estriado, desde o modo como lidam com seu corpo, passando por formas mais densas de agrupamentos em espaços pré-determinados para sua prática, até em suas dimensões mais amplas de espraiamento por diferentes pistas, praças e ruas da região metropolitana de São Paulo.

**Palavras-chave:** skate, *localismo*, espaço urbano, juventude.

## ABSTRACT

This thesis analyzes the ways in which the skaters take ownerships of urban space through motion-generating forms of *ownership* and *property* in urban spaces. For this, the research drew on an ethnographic work with the population of skateboarders in order to follow the route of these subjects using a dynamic three-dimensional by metropolis: the body, the skatepark and the city.

In this study, therefore, sought to follow the experience of the skaters do in the city, between the smooth and striated from the way they deal with your body to forms more dense clusters in areas predetermined for this practice, even in broader dimensions of sprawl in different lanes, squares and streets of the metropolitan region of São Paulo.

**Key word:** skateboard, localism, urban space, youth.

# Índice

## ✓ APRESENTAÇÃO

Uma prática de mil corpos .....Página 01.

## ✓ INTRODUÇÃO

Entre o liso e o estriado.....Página 05.

Por uma antropologia que se tece no corpo do pesquisador.....Página 10.

## ✓ PARTE I: O CORPO

Cartografias do indizível .....Página 15.

- Estética dos gestos.....Página 19.
- Deslizes minoritários.....Página 25.
- Agrimensor de seu próprio corpo.....Página 29.

## ✓ PARTE II: A PISTA

Territorialidades na pista.....Página 40.

- A pista como propriedade skatista.....Página 48.
- Aqui o *localismo* prevalece.....Página 59.



- Entre o *Yeah!* e o *tesourar*: reciprocidade em deslize.....Página 72.

### ✓ **PARTE III: A CIDADE**

**Desejo de evasão: práticas de intervenção no meio urbano.....Página 91.**

- A busca pelo novo: ou como transbordar pelo meio.....Página 109.

**Políticas públicas como aparelhos de captura.....Página 113.**

- “Bem vindo a Arroyo Moroti”: formas de se cativar um nômade.....Página 117.

**Novas formas de deriva dos skatistas na metrópole.....Página 130.**

- Recortes do circuito.....Página 134.
- Novas formas de transbordamento: ou como verter pelo ponto.....Página 141.

### ✓ **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

**Fechando o circuito.....Página 147.**

✓ **BIBLIOGRAFIA.....Página 152.**

✓ **GLOSSÁRIO.....Página 161.**

# APRESENTAÇÃO

## Uma prática de mil corpos.

O skate faz parte dos denominados esportes radicais, caracterizados através do gosto comum pelo risco e pela aventura. Desde seu surgimento até os dias de hoje, o skate vem se aprimorando e criando dentro de sua prática diferentes modalidades, fruto da exploração e criação de novos obstáculos (utilização de praças, ruas, piscinas abandonadas), somada a sua interação com outros esportes radicais (surfe e snowboarding) e outras manifestações juvenis (punk e hip-hop), além do desenvolvimento tecnológico do material utilizado em sua fabricação.

O skate possui basicamente quatro principais modalidades, que são o *downhill*, o *vertical*, o *street* e o *freestyle*. Atualmente, dentre as quatro categorias, o *street* é a mais popular tanto no Brasil como no mundo todo. Isto ocorre pela comunhão de dois motivos; o primeiro é que em comparação com as outras modalidades, no *street* a aprendizagem é considerada mais fácil. O segundo fator se deve a facilidade de acesso ao terreno, que são ruas, calçadas, escadas, bancos, corrimãos e outros obstáculos urbanos. Outras modalidades, como o *vertical*, dependem da construção de equipamentos específicos para sua prática, assim restringindo o número de adeptos deste estilo.

O *street* surgiu na passagem da década de 1970 para a de 80, em consequência da carência de locais para se praticar devido ao fechamento de diversas pistas de skate. Isto levou os skatistas a se voltarem para as ruas, e a aplicar as técnicas de deslize aprendidas nas pistas para criar novas manobras em guias, bancos e outros obstáculos urbanos. Desde este

período até os dias atuais, as pistas passaram a ser modeladas em sua maioria no estilo *streetstyle*, isto é, os obstáculos urbanos são reproduzidos artificialmente nas pistas, com a finalidade de proporcionar um local para as manobras com o estilo da rua.

Assim como o *street*, a modalidade *downhill* é praticada em ruas, porém o movimento de deslize se restringe apenas a ladeira, já que sua característica é a descida de vias urbanas em alta velocidade onde o skatista executa derrapadas, conhecidas como *slides*. O *downhill* é um aperfeiçoamento da modalidade *slalom*, que foi uma das primeiras formas de se andar de skate na década de 50/60, e consistia na descida de ruas contornando obstáculos. Existe ainda dentro dessa modalidade o estilo *speed*, que consiste na descida de ladeiras em alta velocidade. Com o fechamento das pistas, o *downhill* tornou-se uma das modalidades mais praticadas durante a década de 1980, mas a partir dos anos 90 acabou caindo no ostracismo. A partir do ano 2000, em detrimento do crescimento e da visibilidade do skate no universo juvenil e dos esportes radicais, o *downhill* vem adquirindo novos adeptos.

O estilo *vertical* teve início durante a década de 1970, na região da Califórnia, nos Estados Unidos da América, em virtude de uma crise de abastecimento de água, quando as piscinas das residências tiveram que ser esvaziadas. Isto fez com que os skatistas passassem a utilizá-las para sua prática, criando assim uma nova modalidade. O skate *vertical* possui algumas segmentações de acordo com o tipo de obstáculo construído, e a sua prática ocorre exclusivamente em pistas. Dentre os tipos de *vertical* estão o *half-pipe* (formato de um U, altura média de 4 metros), o *bowl riding* (formato de uma bola cortada ao meio), o *snake* (grande pista de concreto em formato de serpente), o *banks* (formato oval, igual a uma banheira), o *pool riding* (praticado em piscinas vazias de fundo de quintal) e as *mini/micro-rampas* (são *half-pipes* em dimensões menores, com no máximo 2 metros). Em geral, este estilo é considerado o mais plástico e o mais difícil, já que o deslize deixa de ocorrer no

obstáculo ou no asfalto e passa acontecer majoritariamente no ar [em especial no *haf-pipe*], sendo que o obstáculo torna-se o propulsor para o voo.

Neste sentido, se tanto o *street* como o *downhill* possui como uma das suas principais características o enfrentamento do risco por meio da resignificação da arquitetura urbana. No caso do *vertical* a radicalidade não está no fator (“social”) de *apropriação* do espaço, mas sim no enfrentamento físico da gravidade, já que o skatista executa seus movimentos a uma altura superior aos quatro metros do solo. Para os adeptos dessa modalidade, o uso de equipamentos de segurança – capacete, joelheira e cotoveleira - são obrigatórios, caso contrário, uma queda sem estar com estes equipamentos pode acarretar graves contusões ao skatista.

Embora o *vertical* não seja a modalidade mais praticada entre os skatistas, ela acaba sendo o principal alvo de atenção da mídia, principalmente das emissoras de canal aberto. Isto porque a grande plasticidade de seus movimentos acaba atraindo a atenção de um público não só o de skatistas, possibilitando assim que a cobertura de suas competições obtenha maior êxito e espaço nos meios de comunicação.

Já o *freestyle*, ou estilo livre, é considerado uma das modalidades mais técnicas e difíceis do skate. Em geral ele é praticado em um terreno liso e sem obstáculos e transições, com o objetivo de executar diferentes tipos de manobras, utilizando tanto os pés como as mãos. Este estilo é um dos mais antigos dentro do skate, porém nunca foi muito popular, e a partir dos anos 80 foi perdendo espaço para o *street*, que aos poucos incorporou suas manobras para serem executadas em obstáculos do meio urbano, até que nos anos 90 o *freestyle* deixasse praticamente de existir, ficando restrito a apenas poucos praticantes em todo o mundo.

É importante lembrar que o skate possui também uma variação em seu formato, pois a partir de 1979 começaram a ser criados skates com *shapes* (tábua de madeira) mais compridos, *trucks* (eixos) mais largos e rodas maiores, que passaram a ser denominados *longboards*. Estes skates, além de mais pesados, possuem uma maior estabilidade, seus movimentos se assemelham ao do surfe e ele é praticado geralmente nas modalidades *vertical* (sobretudo no *banks*) e *downhill*.

Atualmente, a mais nova evolução dentro das categorias de skate vem sendo o *big air*, praticada por skatistas do estilo *vertical*, em que o skatista desce de uma plataforma de aproximadamente 20 metros, alcançando em torno de 70 quilômetros por hora, pula um vão de cerca de 15 metros, e logo após aterrisar, executa, por fim, uma manobra no *quarter* (formato análogo à metade de um U). O *big air* vem sendo utilizado em grandes apresentações pelo mundo. O evento mais famoso foi quando o skatista estadunidense Danny Way pulou a Muralha da China no ano de 2005. No Brasil, competições deste gênero vêm sendo realizadas anualmente em São Paulo no Sambódromo do Anhembi (“OI Megarampa”), com ampla cobertura dos meios de comunicação de dentro e de fora do skate.

Portanto, pode-se observar que o aprimoramento do skate está intrinsecamente atrelado a sua capacidade de produzir uma interferência nos diferentes espaços da arquitetura urbana, além de apresentar um constante desenvolvimento de suas modalidades, no sentido de que cada vez mais o skatista possa radicalizar o seu corpo. Estes predicados fazem do skate uma atividade esportiva detentor de um estilo de vida atrativo a diferentes segmentos do universo juvenil, por sua fluidez, diversidade e dinamismo.

# INTRODUÇÃO

## Entre o liso e o estriado

*"O skatista tem um olhar diferente sobre as coisas da cidade, os bancos da praça, as curvas da rua, as paredes inclinadas, escadarias, corrimãos (...) a arquitetura urbana é aliada do espírito do skate".*

Marcos "ET" Ribeiro, skatista.

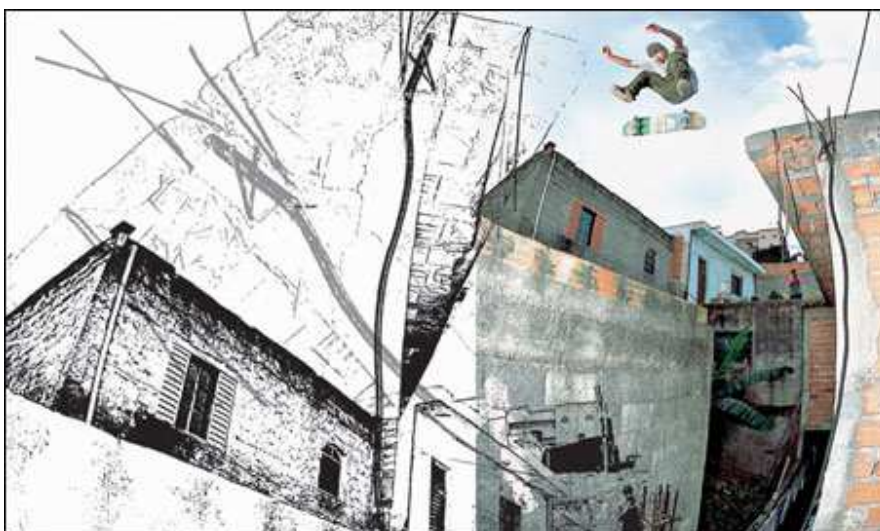


Foto: Otávio Neto — Arte: Edílson Kato.

Sozinhos ou preferencialmente em bandos. É assim que os skatistas deslizam pela superfície da cidade em sua incessante busca do *pico*<sup>1</sup> perfeito; aquele que sempre está por vir, que ocorre no espaço do acontecimento, fruto do eterno movimento entre a

---

<sup>1</sup> Locais da arquitetura urbana *apropriados* para prática de skate.

sensualidade do olhar diferente sobre as coisas da cidade, e a embriaguez produzida pela ocupação em ato dos diferentes equipamentos da arquitetura urbana.

Será justamente a partir deste movimento, de como os skatistas se apropriam do espaço urbano — entre o liso (território do desejo) e o estriado (espaço da organização) —, que a presente pesquisa seguirá o fluxo das relações entre o skate e a cidade. Para isso, tornar-se-á necessária a construção de um olhar que esteja sempre no limiar, na margem, e que busque, ao invés de identificar as características, traçar intensidades e multiplicidades, não como a conjugação de múltiplas partes, mas como a negociação entre o skatista e a cidade produz diferentes maneiras de dobras e bricolagens, de modo a situar possíveis deslocamentos e bifurcações desta experiência social.

Logo, a construção do olhar antropológico a respeito da realidade mapeada passa a obedecer a um movimento em que “qualquer ponto arbitrariamente escolhido no interior é um limite entre um interior e um exterior: não existe meio absoluto de interioridade” (Viveiros de Castro, 2002: p. 430).

Nesta perspectiva, a construção da pesquisa não irá reter-se em uma visão sedimentada no interior do universo de skatistas, buscando por fim erigir formas de representação pautadas em categorias analíticas estanques dadas de antemão, tal como identidade, grupo, sociedade. Isto porque este tipo de análise, ao construir uma espécie de “interior absoluto”, acaba por não seguir o fluxo/movimento da relação dinâmica entre o skatista e a cidade.

Importante salientar que a cidade não é sinônimo apenas de arquitetura urbana, mas um conjunto dinâmico de relações entre diferentes atores sociais, em que cada um ao seu modo negocia sua forma de *fazer cidade*. Será neste contexto que a segunda parte desta introdução irá abordar os caminhos metodológicos utilizados durante o trabalho de campo

no sentido da construção de uma cartografia, entendida como uma espécie de geografia das sensações e do desejo. A descrição etnográfica irá se valer das práticas de campo enquanto dinamismos criadores, no intuito de experimentar como os skatistas agem nos interstícios da cidade.

O primeiro capítulo da pesquisa penetra na viceralidade que envolve a prática do skate, em suas técnicas corporais como formas discursivas, no intuito de desvendar o movimento em que o skatista, ao lidar a todo instante com a questão do risco, torna-se um avaliador de seu próprio corpo. Neste capítulo será trabalhado como os skatistas lidam e constroem seu corpo por meio do desafio e do risco presentes na prática do skate. Para isso, foi desenvolvida uma pesquisa a partir de uma participação observante no sentido de Wacquant (2002), em que a construção do conhecimento etnográfico se deu pela posição do pesquisador enquanto sendo ele mesmo um skatista, e inserindo-se no campo como tal.

O trabalho de campo estará pautado também em uma etnografia móvel e multilocalizada, como meio de acompanhamento de circuitos dos skatistas na cidade. Contudo, isto não quer dizer que a etnografia não tenha uma centralidade pois, como poderá ser visto no segundo capítulo, a pista de skate do CEU Butantã foi o espaço escolhido para desenvolver uma descrição densa (Geertz, 1978), entre os anos de 2006–09, das diferentes formas de sociabilidade dos skatistas em um ambiente voltado exclusivamente para sua prática.

Neste sentido, o capítulo II busca mostrar como os múltiplos agentes, ao atravessarem a pista de skate do CEU Butantã, tornam-se sujeitos da ação e carregam consigo marcas de fixação e transitoriedade no espaço. Transitoriedade esta que será o eixo de análise do terceiro capítulo, em que, por meio da construção de uma etnografia móvel, a pesquisa cartografa três momentos distintos no qual os skatistas dialogam com a cidade de



São Paulo e com o Estado. No primeiro momento, o enfoque recai sobre como se tece a ocupação dos espaços centrais da cidade para a prática do skate. No segundo instante, a atenção é dada aos conflitos oriundos desta ocupação, e, como o Estado passa a organizar (estriar) a prática do skate por meio da construção de pistas, localizadas majoritariamente em bairros mais afastados da cidade.

Por fim, o terceiro movimento visa mostrar como, a partir desta nova geografia, resultado de uma maior fixação da prática do skate em espaços pré-estabelecidos para sua prática, surge um novo tipo de movimento, em que os skatistas passam a abandonar seus respectivos bairros de origem para se locomoverem, não apenas no sentido bairro–centro, mas também pelo eixo bairro–bairro. Como se diz na categoria nativa, o skatista passa a se deslocar de *quebrada para quebrada*, indicando novas formas de fixação e movimento na cidade.

Esta opção por uma espécie de duplo movimento no decorrer do trabalho de campo, por meio de fluxos centrífugos (na pista) e centrípetos (na cidade), se deve ao fato de o “campo” não ser propriamente um espaço físico bem delimitado, mas uma prática que indica uma superfície interior/exterior em que o real, como escreveu Guimarães Rosa “não esta na saída nem na chegada; ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (2003: p. 56).

No entanto, a pesquisa busca produzir também, concomitante ao duplo movimento de fluxos centrípetos e centrífugos, um processo de tridimensionalidade do skatista na metrópole, construídas a partir de um adensamento da experiência com os skatistas. Ou seja, a pesquisa estará estruturada em três recortes que guiam a dimensão do olhar sobre os skatistas. No terceiro capítulo (a cidade) a dimensão do olhar busca contemplar processos de *apropriação* do espaço urbano de maior amplitude, enquanto que no capítulo II (a pista)

o foco se concentra a lugares mais bem delimitados de *propriedade* dos skatistas. O capítulo I, por sua vez, se enveredará pelas molecularidades do espaço-corpo do skatista.

Deste modo, a pesquisa irá se valer, além dos autores clássicos da antropologia e sociologia urbana brasileira, de pensadores identificados como filósofos da diferença (ou da prática) — tal como Deleuze, Guattari e Foucault — como meio da construção do que Márcio Goldman (2003; 2006) denominou de antropologia do devir. Ou seja, uma antropologia que não pode ser representada, mas apenas sentida, sendo que os conceitos, em especial de Deleuze e Guattari, serão utilizados não de modo aplicativo, mas na dimensão das ressonâncias e das relações de trocas vivenciadas como uma prática em que o corpo e a vida são tomados por acontecimentos por onde passam e operam as diferentes dimensões da vida social.

Assim, na construção de uma antropologia do devir, o real será encarado dentro de um processo em que a superfície do acontecimento possui uma fragmentação povoada por pluralidades — que indicam tanto movimentos de escape (liso), como de captura (estriado) —, entendidos não por discursos cristalizadores de formas e identidades, mas por práticas corporais produtoras de agenciamentos coletivos que atravessam esta experiência que se espraia na cidade, e que busque compreender *o que se passa* na relação entre o skatista e o espaço urbano. Neste sentido, portanto, atinge-se o objetivo último da presente pesquisa: o que pode o corpo skatista na metrópole?

▪ **POR UMA ANTROPOLOGIA QUE SE TECE NO CORPO DO  
PESQUISADOR.**

*“Só se vive à experiência de si mesmo”.*

Friedrich Nietzsche.

*“(…) há um reconhecimento muito mais nítido hoje em dia de que a posição do etnógrafo não é simplesmente a de alguém que registra a vida de uma sociedade, mas também de alguém que tanto afeta essa vida como é afetado por ela”.*

Raymond Firth.

O percurso metodológico da presente pesquisa tem como objetivo construir uma antropologia que se tece no corpo do pesquisador, por meio de um duplo movimento: por um lado, pelo fato do pesquisador andar de skate, será construído um distanciamento em que ele deixa de ser skatista para, por outro lado, praticar uma aproximação através de um tornar-se skatista, não no sentido da reprodução e da conversão de suas formas e identidades, mas, um tornar-se nativo em suas intensidades. Ou seja, o skatista pesquisador torna-se um *skatista molecular*.

Neste sentido, a postura do etnógrafo deixa de ser de alguém que se coloca como um sujeito-intérprete em relação ao mundo-objeto que lhe cerca, e passa a assumir um perspectivismo que avalia e imprime sentido, não como uma relação posicional do sujeito frente a um mundo ordenado (uma variação sobre o mesmo), mas como enfrentamento das

relações de pluralidade, que ao invés de produzir representações, produz intensidades, imprime formas, cria, instaura correlações de forças.

Assim a opção por construir uma antropologia do devir, como forma de desvendar a experiência dos skatistas na cidade, faz com que se torne necessária a discussão da própria relação entre sujeito e objeto — ou melhor, como aponta Bruno Latour (1994), entre quase-sujeitos e quase-objetos — no trabalho de campo, dentro da perspectiva crítica a respeito da autoridade etnográfica.

É importante salientar que a idéia de autoridade não remete a uma questão simplesmente de desigualdade entre o pesquisador e seu objeto, mas remonta a uma estratégia pelo qual o pesquisador constrói sua presença no texto etnográfico, dentro de uma perspectiva em termos epistemológicos e de uma relação de poder, em que, como aponta José Reginaldo Santos Gonçalves:

A autoridade em questão não é apenas uma espécie de justificação para uma posição de superioridade do etnógrafo, mas na verdade é peça fundamental na própria constituição do texto, e, simultaneamente, na articulação da experiência representada (Gonçalves, in: Clifford, 1998: p. 13).

Nesta perspectiva, na medida em que a experiência etnográfica parte de uma relação pautada em uma participação observante (Wacquant, 2002), ou seja, ao mesmo tempo em que o pesquisador pratica/anda de skate, também investiga esta realidade na qual está inserido, o movimento a ser feito no decorrer do trabalho de campo será o de praticar o que Roberto Da Matta (1974) denominou de Anthropological Blues. Isto é, criar um distanciamento que transforme o olhar em relação aos skatistas (vê-los como diferentes).

Logo, isto fará com que o “estranhamento seja antes de tudo um estranhamento de si

mesmo” (Caiafa, 1989: p. 22), em que “a alteridade é uma relação interna, onde o eu é, antes de mais nada, uma figura do outro” (Viveiros de Castro, 2002: p. 430). Esta perspectiva, independente de o pesquisador, inicialmente, ser ou não *skatista*, produz uma quebra na separação epistemológica entre sujeito e objeto:

O nativo, nesse sentido, não é mais pensado simplesmente como aquele que eu fui (como ocorre no evolucionismo), ou aquele que eu não sou (como ocorre no funcionalismo), ou mesmo aquele que eu poderia ser (como ocorre no culturalismo): ele é o que eu sou parcial e incompletamente (e vice-versa é claro) (Goldman, 2006: p. 31).

Seguindo o raciocínio de Goldman (2006) — em que a etnografia deixa de ser somente um processo de observação (presa a esquemas teóricos), ou de conversão (assumir o ponto de vista do outro), ou ainda de transformação (tornar-se nativo, enquanto forma – identidade) —, atinge-se a forma de um pensamento sinestésico, em que as idéias construídas são inseparáveis dos afectos. Esta concepção encara o campo e os seus nativos não como objeto da interpretação, mas dentro de práticas de experimentação, em que o pensar é o devir, são as idéias que vêm de outro lugar (e não das representações já dadas e dos discursos recalçados).

Assim, se o etnógrafo ao pesquisar uma sociedade diferente da sua realiza um movimento de transformar o exótico em familiar, no caso em que o trabalho de campo se realiza em sua própria sociedade, ele deve executar um movimento inverso, de transformar o familiar em exótico (Merleau-Ponty, 1960; Velho, 1999).

No entanto, o exótico será entendido aqui como diferença irreconhecível, é o *skatista molecular* que emerge a partir do momento em que o pesquisador tornar-se um

estrangeiro de si mesmo. Cria-se um povo, inventa-se um povo-skatista inacabado, e não uma representação (uma identidade skatista):

A tarefa de uma verdadeira análise é descobrir esses agenciamentos coletivos, esses povos que estão em nós e que nos fazem falar, e a partir dos quais nós produzimos enunciados (Deleuze, 2006: p. 347).

Portanto, a construção do conhecimento por meio de processos de minoração (moleculares), produzirá um texto etnográfico que busque novas/outras sensibilidades, de modo que o maior desafio da pesquisa será o de realizar o movimento de transpor para forma textual a sensualidade e a embriaguez sensorial, à qual Wacquant (2002) se refere em seu trabalho sobre outra modalidade esportiva, o boxe, para a descrição da prática do skate.

Assim, o caminho a ser traçado na pesquisa será o de entender como os movimentos executados pelos skatistas, na busca de construir para si um corpo radical — por meio de técnicas corporais que indiquem a experiência limite enquanto formas discursivas não ditas, porém praticadas —, criam uma arte indicadora da pluralidade de forças que circunscrevem esta ação, como formas produtoras de intensidades nos corpos e nos diversos espaços por eles ocupados.

Isto permitirá que as ações dos skatistas sejam observadas a partir do viés de uma dinâmica expansiva de incorporação, assim apresentada por Loic Wacquant, em seu estudo sobre o corpo do pesquisador:

Uma vez no ringue, é o corpo que compreende e aprende, que faz a triagem da informação e armazena-a, que encontra a resposta certa no repertório de ações e de

reações possíveis, que se torna, enfim, o verdadeiro sujeito (se é que há um sujeito) da prática pugilística. (Wacquant, 2002: p. 119).

Na presente pesquisa, a prática pugilística pode passar aqui a ser entendida como a prática do skate, e o espaço do ringue se transformará nas diferentes pistas e *picos* da cidade ocupados pelos skatistas para exercer sua arte.

Logo, com o rompimento da verticalidade entre pesquisador e objeto, poder-se-á construir uma escrita a partir de uma espécie de relação entre sujeitos, em que “conhecer é personificar, tomar o ponto de vista daquilo que deve ser conhecido” (Viveiros de Castro, 2002: p. 358). Assim a escrita será resultado do enlace de duas sensações sem semelhança (skatista e etnógrafo), cujo pesquisador entra em uma zona de vizinhança (por meio da embriaguez sensorial) em que não se consegue mais se distinguir do skatista. Ele torna-se, portanto, um *skatista molecular*.

Por fim, é importante ressaltar que a posição no trabalho de campo enquanto um skatista pesquisador, ou, melhor dizendo, de tornar-se um *skatista molecular*, não faz com que o pesquisador seja um porta-voz nem tampouco um ideólogo, mas sim um observador participante crítico do universo do skate. Para isso, o olhar etnográfico molecular — que irá captar o devir-skatista — estará situado em uma ontologia do presente, “na difícil passagem entre o que já se diz e se vê e o que não ainda, entre o agora e o devir, o mesmo e o outro, entre o que somos e o que estamos vindo a ser” (Muchail, 2005: p. 307).

## CAPÍTULO I: O CORPO

### Cartografias do indizível ou como expressar sentimentos através dos pés.

*“A essência do espírito lúdico é ousar, correr riscos, suportar a incerteza e a tensão”.*

Jonh Huizinga.

*“Há mais razão no teu corpo de que em tua melhor sabedoria”.*

Friederich Nietzsche.

As técnicas corporais empregadas na prática do skate expressam um modo singular tanto na forma como o jovem experimenta os limites de seu corpo, como na relação criativa que ele estabelece com o espaço urbano. Neste sentido, as técnicas podem ser encaradas como uma espécie de tradução de uma manifestação cultural específica detentora de uma expressão simbólica — manifesta através do elemento da *radicalidade* —, que indica a construção de um estilo de vida diferenciado dos skatistas na metrópole.

No entanto, para desvendar como o skatista lida com as intensidades vivenciadas pelo seu corpo na busca pela experiência limite, enquanto forma de experiência carnal (Wacquant, 2002), o caminho a ser percorrido será o de cartografar como ocorre o movimento de incorporação e aprendizado da prática do skate. Este processo será caracterizado por uma pedagogia do movimento, no qual o skate torna-se um instrumento, isto é, um meio que o jovem utiliza na construção sócio-cultural de seu corpo.



O ato de andar de skate não é um talento inato, mas, como qualquer esporte, uma prática que deve ser treinada e aprimorada. O seu aprendizado, que ocorre, geralmente, como uma prática lúdica de lazer, passa por um processo inicial único, seja qual for a modalidade, de incorporação do skate ao corpo do jovem, de maneira que ele passe a se equilibrar em cima do skate e consiga articular as suas primeiras *remadas* (ato em que o skatista impulsiona o skate).

Esta fase marca uma seleção daqueles que irão ou não ingressar no universo dos esportes radicais através do skate. Isto porque se defrontarão com o desafio inicial de transpor os seus limites através de uma pedagogia do movimento no qual passarão a incorporar o skate aos seus pés.

Nem todos conseguem vencer este desafio do equilíbrio inicial no skate, Antonio (35 anos) — pai do skatista Lucas (13 anos) —, relatou:

“Eu quando era mais novo até tentava andar de skate, como só caía, acabei desistindo e agora venho só para acompanhar o meu filho”.

No entanto, para que o filho realmente se torne um skatista, caberá a ele encarar o desafio que a todo instante permeia a prática do skate: transformar o risco do acidente e da conseqüente possibilidade da quebra do corpo, em motivação para sua prática. Com isso, este desafio inicial que leva a produção de um corpo adrenalizado (que acompanhará o skatista em toda sua trajetória), será o que poderíamos denominar de pré-requisito para se inserir neste universo dos esportes radicais. Lucas, filho de Antonio, assim contra-argumentou a postura do pai:

“No skate a gente cai direto, eu mesmo já levei uns cinco tombo hoje para acertar um *fifty*<sup>2</sup> no caixote, mas depois de tanto tentar, eu acertei (...) saiu *zicado*”.

O não cumprimento deste movimento de assimilação pelo corpo do desafio decorrente de sua prática produz um estriamento do risco enquanto produtor de um corpo radical. Cria-se uma emoção negativa que limita, inibe e leva a interdição de suas potencialidades, de modo a impedir a incorporação da *radicalidade* presente na prática do skate. Um exemplo disto é o caso do garoto Gustavo, conforme a passagem transcrita de meu diário de campo:

(...) religiosamente, todos sábados pela manhã, exceto nos dias de chuva, o pequeno Gustavo de 11 anos chega com seu skate ao CEU Butantã, acompanhado pelo seu avô. Enquanto o avô, o cruzeirense Seu Aristides pratica caminhada nas dependências da instituição, Gustavo, por sua vez, rapidamente se dirige à pista de skate. Como ainda não domina as técnicas que possibilitam a execução das manobras, sua diversão está em descer as rampas e, conforme perde a velocidade, executa um movimento final em que torce seu corpo e projeta o skate para longe. Embora este movimento não se configure propriamente em nenhuma manobra, Gustavo parece estar feliz em executá-la, encontra beleza nos gestos mais simples em cima do skate.

Com o passar do tempo, notei que Gustavo não aparecia mais na pista: será que não via mais beleza em sua prática? Em diversas ocasiões, avistei seu avô caminhando ao longe, mas nada dele. Certo dia, enquanto descansava nos bancos localizados na parte superior da pista, um senhor sorridente, com a indistinguível camisa azul do Cruzeiro, se aproximou, não havia dúvida que se tratava de Seu Aristides. Ao questioná-lo sobre a ausência de seu neto, Seu

---

<sup>2</sup> Manobra em que o skatista desliza o skate pela borda de um obstáculo com os dois eixos (*trucks*).

Aristides — que por sinal apreciava contar um caso —, passou a me narrar como seu neto havia fraturado a tibia; contou-me com detalhes todo movimento que acarretou no acidente, desde a descida da transição, até o momento fatídico no qual ao projetar o skate para longe, como de costume fazia, o skate desta vez se voltou contra sua frágil canela. A princípio, disse ele em um tom de remorso, acreditava que o garoto estivesse de manha, era corpo-mole, fato que fez com que ele fosse encaminhado ao hospital apenas vinte quatro horas depois do ocorrido (...) saldo final: quarenta dias de cama com a perna engessada.

Passados mais de seis meses, ainda encontro Seu Aristides, acompanhado de sua inseparável camisa do Cruzeiro, no entanto, nunca mais vi seu neto na pista; quando o questiono sobre o assunto, ele diz que embora seu neto tenha vontade de voltar andar de skate, o trauma da queda fez com que ele ficasse temeroso frente aos seus desejos. Para Seu Aristides, segundo sua larga experiência de vida, talvez algum dia, aos poucos, quando esquecer o acidente, ele volte (...).

*Diário de campo: julho de 2006.*

Assim, mesmo que o jovem tenha o desejo latente de andar de skate, esta intensidade é reprimida pela marca psicológica que evita o movimento de individuação do risco, como uma forma de adrenalizar e *radicalizar* o seu corpo, dando-lhe a coragem necessária para a execução de novas manobras. Isto fará que ele perca a iniciativa de se arriscar e passe a ter medo de enfrentar os limites de seu corpo, especialmente quando este skatista já sofreu um trauma de uma queda devido à prática do skate, de modo que neste momento, ele “já não pode fazer mais o que deseja: criar superando a si próprio” (Nietzsche, 2007: p. 36).

### ❖ Estética dos gestos.

O enfrentamento primeiro do medo, fruto da dificuldade inicial de se equilibrar no skate, permitirá que o jovem possa produzir uma espécie de emoção positiva, em que sua ação possa se expandir e levar a uma transgressão dos limites do seu corpo, ou seja, possibilite que o jovem seja afetado pelo skate, mesmo que ele ainda não execute manobras de grande plasticidade.

“O skate para mim é uma forma de liberdade, todo dia você aprende uma coisa nova, vai a um *pico novo*” (Douglas, 19 anos).

“Andar de skate é a arte de expressar sentimentos através dos pés” (frase escrita em um *shape*).

Superar este momento inicial marca também a inserção do jovem no universo mais amplo do skate. Foi possível perceber no trabalho de campo, como a adesão à prática de skate acarretou em transformações na forma de falar, vestir e de se comportar destes jovens:

“É *tipo assim*, um tempo atrás eu *colava* aqui (no CEU Butantã) para jogar bola, mas quando comecei a dar um rolê de skate aí já era, comecei a colar mais com *os mano* do skate (...) comecei a usar outros *panos*<sup>3</sup> e escutar outros tipos de som, tipo uns *hardcore*, tá ligado?” (Maicon, 16 anos).

---

<sup>3</sup> Gíria utilizada para designar vestimenta, roupas.

Maicon foi aos poucos se inseriu em um estilo de vida (Bourdieu, 1983) propriamente skatista, caracterizado pela forma com a qual seus integrantes vivenciam o mundo, se comportam e fazem escolhas, a partir de um elemento único: o gosto pela prática do skate. Este processo de integração do jovem ao estilo de vida skatista, contudo, não implica que ele estará simplesmente se diluindo a um corpo coletivo uniforme e homogêneo. O skate é um estilo e uma prática de fronteiras fluídas que mantêm diálogo com outras manifestações juvenis e esportivas, como, por exemplo, o surfe, o hip-hop e o punk-hardcore, e abre a possibilidade, por meio de processos de bricolagem, de construir uma pluralidade de estilos/tendências no interior do universo do skate. Nesta perspectiva, dentro de sua própria prática esportiva, o skatista poderá desenvolver diferentes estilos de acordo com as influências decorrentes da aproximação com outras manifestações juvenis.

Este é o caso do estilo *skate-surfe*, caracterizado por uma forma de andar de skate em que são reproduzidos no asfalto os movimentos executados pelos surfistas nas ondas. Este estilo começou a se desenvolver nas décadas de 1960/70 quando o skate era apenas uma extensão do surfe para o asfalto, inclusive o formato do skate era análogo às pranchas de surfe, como lembra o skatista da época Cesinha Chaves:

Naquela época a gente fazia o nosso *surfinho* da maneira que dava, cortávamos compensados e tábuas com formas de pranchinha e pegávamos patins com rodas de borracha, que usávamos com a regulagem do eixo solto, para fazer curvas do surfe no asfalto (Chaves, in: Britto, 2000: p. 13).

Embora este estilo tenha se manifestado há mais de três décadas atrás, atualmente, esta forma de praticar skate encontra ainda seguidores, sobretudo dentro da modalidade *downhill* e entre os skatistas que utilizam o *banks* para fazer suas *sessões* <sup>4</sup>.



Foto: skatista na onda (Eduardo Braz).

Já o *skate-punk*, inspirado na agressividade do modo de vida dos punks (“o skate representa a nossa música. Ambos são imprevisíveis e agressivos” <sup>5</sup>) em comunhão com a ocupação mais intensa dos equipamentos urbanos por meio do uso de guias, bancos, calçadas, paredes, corrimãos, possui uma característica em que o skatista busca a todo instante resignificar a arquitetura da cidade. Neste sentido, o skatista transforma os espaços ocupados em *picos skatáveis*, através de movimentos inspirados no lema dos punks do *faça você mesmo*.

---

<sup>4</sup> Forma com os skatistas designam o ato de andar de skate.

<sup>5</sup> Entrevista do vocalista da banda de punk – hardcore “Suicidal Tendences” para Revista “Yeah!” (ano I, número 03, 1986, p. 21).

O *skate-punk* prioriza a velocidade e a agressividade em detrimento de uma técnica mais apurada. Os lemas dos skatistas no período eram: *ande de skate ou morra e skate na veia*. Sua origem remonta ao início dos anos 80, período em que o punk atingiu grande visibilidade e se tornou uma espécie de referência dentro do universo juvenil (Abramo, 1994; Costa, 1993), mas até hoje é um estilo que influencia skatistas de diferentes modalidades:

“Aquele cara é *punk*! Ele não tá nem aí, *se joga* mesmo (...) você viu a foto dele na revista descendo um puta *gap*<sup>6</sup>?! *Da hora!*” (Marvin, 13 anos).



Foto: a *agressividade* do skate-punk (Juarez Mascarello).

Existe um terceiro estilo ainda que é o *skate-rap*, produto da aproximação do skate com a cultura hip-hop, em comunhão com as transformações que o skate sofreu no início dos anos 90, como coloca o skatista Marcos “ET” Ribeiro:

---

<sup>6</sup> Gap em português significa abertura, lacuna. São espaços em desnível que os skatistas usam para executar suas manobras.

O skate perdeu a velocidade, as manobras se transformaram, parecia que a garotada estava querendo criar um novo skate, voltado apenas para eles, sem direito a veteranos. A molecada assumiu uma postura radical, contra qualquer intromissão dos *old schools*<sup>7</sup>. Eles sabiam de tudo, não aceitavam regras pré-determinadas, queriam reinventar tudo, muitos inspirados em fitas e revistas *gringas* (...) uma nova geração estava nascendo, garotos que não mais se inspiravam em antigos *prós*<sup>8</sup>, mas jovens que viam, em seus companheiros de idade, espelho para decolarem (Ribeiro, in: Britto, 2000: p. 57 – 58).

Assim como o *skate-punk*, o *skate-rap* também promove uma apropriação e resignificação da arquitetura urbana, porém esta ocupação ocorre de modo diferenciado no que diz respeito á forma de se andar de skate. Como as batidas cadenciadas e ritmadas do rap — acompanhadas pelo estilo *streetwear* —, esta nova tendência do *street skate* passou a dar uma ênfase maior na elaboração técnica das *manobras de giro* (ação, que possui um conjunto de variações, em que o skate gira em torno de seu próprio eixo para depois novamente se acoplar ao pé do skatista) e *de borda* (movimento em que o skatista desliza com o skate na beirado dos obstáculos).

Para isso, o próprio design do skate mudou, visto que a partir dos anos 90 os *shapes* (tábua de madeira onde o skatista coloca os pés) adquiriram um formato mais fino e simétrico entre o *tail* e o *nose* (partes de trás e da frente do skate, respectivamente), em detrimento aos modelos utilizados nos anos 80, conhecidos no meio do skate como *tubarão* (detentor de um formato mais largo, pesado e sem simetria). Além disso, alguns acessórios que ficavam presos ao *shape* foram retirados, como é o caso dos *glabbers* (tiras plásticas dispostas na lateral do skate) e dos *nose guards* e *tail pivots* (equipamentos para proteção

---

<sup>7</sup> Como é conhecida a “velha escola”, ou seja, os skatistas mais antigos.

<sup>8</sup> Profissionais.



do *shape*), as rodas, por sua vez, passaram a ser torneadas, diminuindo assim seu tamanho. Estas mudanças tiveram como objetivo tornar o skate mais leve, ágil (porém não tão veloz), e com um design que permitisse a execução de manobras mais técnicas, antes só executadas na modalidade *freestyle*.



Foto: a técnica do *skate-rap* (Renato Custódio).

Essas transformações no design e nos equipamentos do skate, com o objetivo de propiciar o desenvolvimento de novas técnicas e estilos, expressam um dinamismo de sua prática que extrapola a simples criação de manobras (variação sobre o mesmo). O movimento de inovação do skate, de gerar novos estilos, indica, para além das transformações materiais dos equipamentos, trocas realizadas a partir da intersecção do skate com outras manifestações do universo juvenil, que permitem a produção de uma

estética dos gestos e dos movimentos que carregam consigo marcas da pluralidade e da fluidez existentes no estilo de vida skatista.

#### ❖ **Deslizes minoritários.**

No que diz respeito a inserção do jovem no universo do skate, não existe nenhum pré-requisito no que diz respeito aos atributos corporais que possibilitem a sua prática. Assim, pôde-se perceber nas observações de campo, que embora a presença de corpos magros, masculinos e sem nenhum tipo de deficiência física sejam os mais visíveis nas pistas, nada impede com que obesos, portadores de algum tipo de deficiência física e meninas também possam compartilhar de sua prática.

Inclusive, perante os estereótipos sociais de valorização de um corpo atlético esguio, masculinizado e mimetizando as funções de uma máquina, a presença destes corpos estranhos (mulher, obeso e deficiente físico) no esporte — especialmente em atividades como o skate que envolve força, resistência e risco —, acabam por se inserir neste universo como forças minoritárias que perfuram as marcas dominantes do corpo-atleta moderno, através de um novo campo de possibilidades de interação com o skate, rompendo com as hierarquias e as fronteiras do possível:

Não por analogia ou equivalência, mas por um tipo de experiência que não procede por demarcação do espaço e diluição no familiar, mas por um agravamento da experiência, um apagamento da familiaridade reconhecível, por uma fuga dos parâmetros de avaliação (Caiafa, 1989: p. 88).

Estas forças minoritárias do corpo-atleta, portanto, provocam uma nova relação de forças, e a prática do skate passa a ser reinterpretada a partir do que podem estes corpos. O skatista obeso, por exemplo, valendo-se de sua massa, transforma-a em energia potencial e a canaliza para o skate-órgão, de modo a produzir novas formas de intensidades que perfuram e atravessam todo espaço objetivo da pista. Logo, de forma singular, sem necessariamente executar nenhum tipo de manobra, e sem retirar os pés de cima do skate, incorpora para si todo espaço por ele ocupado, produz uma cartografia por meio de movimentos que combinam força, agilidade e velocidade.

Nesta mesma perspectiva, os skatistas que possuem algum tipo de deficiência física, parecem extrapolar qualquer limite que possa ser idealizado e imposto ao corpo dentro da prática do skate, como é o caso do skatista profissional pernambucano Og de Souza, que em decorrência de uma poliomielite na infância, teve suas pernas atrofiadas, de modo que inicialmente, o skate passou a ser um meio de transporte para ele. Mas, com decorrer do tempo, ele passou a extrapolar este limite filantrópico do skate, e assim passou a aprimorar técnicas para execução das manobras realizadas pelos demais skatistas, só que com uma diferença: ele o faz com as mãos.

Com isso, Og de Souza criou para si uma técnica corporal específica, em que a partir das intensidades provocadas pela relação entre seu corpo, o skate e o espaço urbano, passou a produzir um novo campo de possibilidades para si, recuando, portanto, as fronteiras impostas ao estereótipo do corpo deficiente.



Foto: Og de Souza descendo de *grind* o corrimão (Alexandre Vianna).

No caso do universo feminino, as forças minoritárias atravessam a própria concepção de espaço público. Isto porque, dentro do clichê do imaginário social, o espaço da rua é por excelência o território de apropriação masculina. Esta imagem, por sua vez, se contrapõe a esfera privada da casa, voltada ao universo feminino, situação esta que acaba por produzir uma maior invisibilidade das garotas na cena juvenil e no espaço público:

“Minha família não gosta muito que eu ande de skate, acham que é coisa de *maloqueiro*, de homem (...) eles dizem ainda que skatista é tudo vagabundo maconheiro” (Carla, 16 anos).

“No começo eu ficava meio intimidada de andar na pista, só tinha eu de menina o resto era tudo moleque (...) até hoje eu não fico muito à vontade” (Gabriela, 15 anos).



Foto: Campeonato feminino de skate (Evelyn Leine).

Assim, “a mulher tem que se reinventar completamente para driblar o código do guerreiro e ter acesso às armas, técnicas de guerra para poder guerrear” (Caiafa, 1989: p. 111), de modo que a partir do momento em que ela afirma suas ações de ocupação do espaço da rua para a prática do skate, ou seja, como sujeito da ação e não mais como observadora passiva do sujeito-homem-skatista, acaba por construir territórios existenciais que podem produzir novas formas de relação, uma mistura de corpos que perfure os códigos viris edificados pelo universo masculino no espaço:

Num mundo de representações sociais onde os seres se definem pelo corpo sexuado e pelas práticas sexuais, uma identidade nômade desfaz as polaridades e as hierarquias, solapa as bases do sistema sexo/gênero (...) não há opostos, há posições de sujeitos (...) onde o que importa é o movimento (Swain, 2005: p. 340).

Desta forma, o que permeia a aprendizagem das técnicas corporais do skate, independente de seus atributos corporais, será a maneira como os skatistas lidam com o enfrentamento do risco, segundo intensidades diferenciadas. A superação das fronteiras não ocorre em detrimento das características corporais em si, mas da relação como cada um produz seu limite e lida com ele.

#### ❖ **Agrimensor de seu próprio corpo.**

O aprimoramento na prática do skate não corresponde simplesmente a um acúmulo de manobras técnicas, mas sim às intensidades como cada um responde ao desafio imposto pelo risco, e a conseqüente avaliação das possibilidades de quebra do corpo. Ou seja, cada skatista, dentro de suas experiências específicas, julga até que ponto pode radicalizar o limite do seu corpo:

“Quando eu chego na pista busco primeiro acertar todas manobras que já tenho a *base*<sup>9</sup>, depois começo tentar a *jogar* umas manobras novas, fazer umas *parada* nova para não ficar na mesma (...) mas sem *paga de louco*, se não é *osso*, é *dois palito* para levar um *rola* e se machucar” (Alexandre, 32 anos).

---

<sup>9</sup> Ter a *base* significa ter o conhecimento técnico para realização da manobra.

Logo, será a partir do momento em que o skatista desobstrui as barreiras produtoras de ressentimento e medo respectivamente, e passa a criar um campo de intensidades para prática do skate, que os excessos (caso ele queira) poderão ser cometidos, e os limites transgredidos. Pode-se dizer agora, que o skatista se torna um senhor do acontecimento, ele “manda e obedece a si mesmo sem temor de colocar a si mesmo em risco” (Tótora, 2007: p. 18). O skatista passa a ser aquele que se abre, experimenta e cria modos de vida (dobras); ele produz uma cartografia não somente da libertação do medo da queda e do ressentimento pela manobra não realizada, mas também da criação que envolve este movimento.

Partindo da postura em que o pesquisador também é um skatista, um *skatista molecular*, e de que o campo seja entendido não como propriamente um lugar, mas sim como uma prática, o trecho transcrito de meu diário de campo abaixo busca descrever por meio de meu próprio corpo, como a dinâmica dos micro-movimentos do corpo desenha uma manobra no espaço, enquanto uma interioridade feita de fora:

(...) início a *linha*: desço a transição reta, este primeiro movimento não exige ainda muito do corpo, flexiono levemente os joelhos e exerço uma força contra o skate no intuito de ganhar velocidade; um leve tranco marca o fim da transição e o início da parte reta, é o momento em que o skate atinge a maior velocidade. Isto faz com que seja necessário aliviar o peso e absorver o tranco para que o skatista se livre do atrito.

Mais à frente, outro obstáculo rapidamente se aproxima, é preciso cumprir aquilo que fora planejado antes de iniciar a *linha*<sup>10</sup>. Não existe tempo de racionalizar a ação! É prudente agora, deixar apenas que o corpo fale. Neste instante é ele quem manda e obedece (...).

---

<sup>10</sup> *Linha* é o conjunto de manobras realizada em seqüência.

Uma razão prática permite que em frações de segundo, automaticamente, o corpo se alinhe para execução da manobra. Esta, por sua vez, não é das mais difíceis, já tenho a *base* para executá-la. Isto possibilita que seja adquirida uma maior confiança. A princípio, não há grandes riscos de uma quebra do corpo. A manobra a ser realizada é um *ollie grab varando o spine* (obstáculo semelhante a uma pirâmide cortada ao meio — seu formato consiste em transições retas nas laterais, e uma plataforma na parte superior).

Ao subir uma das rampas nas extremidades do obstáculo, é essencial estar concentrado, pois qualquer desvio na atenção pode levar ao fracasso na manobra, e ainda pior, uma possível queda (...).

O corpo está pronto: pé esquerdo na frente, pouco mais adiante do meio do *shape*; o pé direito, por sua vez, encontra-se na parte de trás, em sua extremidade, mais especificadamente no *tail*. Quando o fim da transição se aproxima, sinto que é chegada a hora: sem pensar contraio com toda força do corpo o pé direito contra o *tail*, que, por sua vez, transfere esta energia liberada pelo corpo contra o solo (...) ouve-se um estalo (...) o *shape* se choca contra o chão.

Este movimento possibilita com que o skate possa se desprender do solo. Neste instante, para que a manobra tenha êxito, é necessário executar um duplo movimento: por um lado, o pé que se encontra há frente do skate deve se dilatar, se projetar adiante, sem se desligar do *shape*, de modo que o skate se estabilize no ar, isto é, ele volte a ficar em uma posição horizontal, paralela ao solo. Isto porque quando se comprime o *tail* contra o chão, esta ação gera o efeito de uma gangorra, um lado do skate fica mais alto que o outro.

Concomitante a este movimento executa-se um outro tipo de ação, que consiste em comprimir todo o corpo sobre o skate, flexionando ao máximo os membros e aliviando o seu peso. Neste momento, instantaneamente, como fora idealizado, realiza-se o movimento do *grab*, ou seja, com uma das mãos segura-se o skate.



A velocidade adquirida antes de chegar no obstáculo, somada a projeção do corpo proporcionada pela transição do *spine*, possibilita com que o *ollie grab* atinja uma maior altura e distância. Com o corpo devidamente estabilizado no skate começo a me aproximar do solo, é o momento do último desafio para se ter êxito na manobra. Na aterrissage, para o skate não escapar ao se chocar contra o chão, é preciso — por meio das articulações do corpo, especialmente dos joelhos — absorver o impacto para prosseguir com o skate no pé (...).

Ao cair *na base*, um prazer momentâneo percorre a pele, ao fundo se escuta um skatista bater seu *shape* contra a borda de um obstáculo, outro solta um pequeno assovio, percebo que estava sendo observado. Estes atos, a princípio sem nenhum significado para os de fora do universo do skate, indicam, assim como o grito de *Yeah!* o reconhecimento pela manobra bem executada.

No entanto, não há tempo para comemorar. É preciso se recompor para uma nova manobra, seguir a *linha*. Os aplausos recebidos injetam uma nova dose de adrenalina (...) é preciso aproveitar o bom momento, o *kairós*, os desejos encontram-se à flor da pele, prestes a explodir, para enfim, se diluir novamente no espaço (...) outro obstáculo se aproxima, em poucos segundos, quem sabe, os desejos, de forma efêmera, novamente irão se esgotar, mas, ao mesmo tempo, novas forças haverão de surgir decorrente do prazer de uma nova manobra realizada (...).

*Diário de campo: maio de 2007.*

O prazer que envolve a execução de uma manobra no skate expressa o momento em que a positividade (expansão) do desejo de realizar o movimento é interrompida e é destituída de sua intensidade, de modo a fazer que a manobra idealizada tome forma, se torne um acontecimento, se concretize. No entanto, à medida que o skatista continua sua

*linha* — agora com seu corpo mais adrenalizado pelo êxito na manobra e pelos incentivos dos demais praticantes —, o skatista pode deslizar novamente pelo plano da potência.

Janice Caiafa, em sua etnografia realizada junto aos punks do Rio de Janeiro, assim cartografou a experiência que teve ao seguir as *linhas* construídas pelos skatistas dentro de um *banks* durante uma competição nos anos 80:

Acompanhar as manobras é difícil para o olho humano porque elas se fazem na velocidade do segundo, os movimentos têm lugar num tempo relâmpago (...) a impressão é mesmo de um vôo, visão de extrema leveza. Contudo quando chegam até a borda, bem perto de quem vê, é um susto: experimenta-se a sensação da força que fazem para impulsionar o corpo nessa aceleração, o atrito da pedra com metal e madeira faz ruído, o corpo contrai a musculatura, aparece o esforço e toda a violência desses arremessos. (...) A extrema sutileza do equilíbrio sobre a prancha na imensa onda de cimento, o movimento e a leveza e a minúcia para se manter sobre o skate. O skatista nunca é grande e volumoso, o corpo é ágil e delgado, embora forte (Caiafa, 1989: p. 73).

Neste processo o corpo, assim como acontece com os boxeadores, será para o skatista “a estratégia espontânea, ele sabe, compreende, julga e reage ao mesmo tempo” (Wacquant, 2002: p. 118), em que utilizando uma linguagem corporal específica, o skatista usa seu corpo como meio de expressão e expansão de sua subjetividade no espaço urbano, uma interioridade feita de fora.

Ao executar uma manobra, o skatista realiza um movimento análogo ao executado na dança descrito por José Gil (2001), de incorporar o espaço objetivo (pista/palco) no intuito de criar para si um espaço do corpo. Ou seja, na medida em que ele busca executar as manobras/movimentos, o seu corpo ganha uma nova dimensão, se dilata e deixa-se impregnar pelo ambiente exterior que o cerca. Ao integrá-lo transforma este espaço em suas

mais variadas dimensões: “o corpo pode tornar-se um espaço interior – exterior, produzindo então múltiplas formas de espaço; espaços porosos, esponjosos, lisos, estriados (...)” (Gil, 2001: p. 56). Sobre esta relação de um espaço interior–exterior, Eduardo Viveiros de Castro afirma que:

(...) dizer que o exterior engloba o interior não significa dizer que o segundo está (tautologicamente) dentro do primeiro, como um peixe dentro do oceano em que nada, mas sim que o exterior é imanente ao interior, como o oceano que nada dentro do peixe, penetrando-o e constituindo-o como figura do (e não apenas no) oceano (Viveiros de Castro, 2002: 430).

Portanto, no skate assim como na dança “o espaço exterior tende a adquirir uma textura semelhante à do corpo a fim de que os gestos fluam tão facilmente como o movimento que se propaga através dos músculos” (Gil, 2001: p. 50), de maneira que as coreografias realizadas pelos skatistas produzam no espaço uma profundidade, dada por um movimento de dilatação e dobragem, em que uma nova relação de tempo e espaço é construída.

Neste sentido, o skatista assume o risco e age expandindo sua ação contra a gravidade para não se precipitar no abismo. Para isso, ele terá que produzir uma economia da prática (Wacquant, 2002) que vise garantir um ténue equilíbrio entre o perigo da quebra do corpo e a prática de doses de irresponsabilidade. São justamente estas doses de insensatez (“para evoluir no skate você tem que *se jogar!*”, Maicon) que permitem ao skatista superar-se a si mesmo criando uma estabilidade da percepção, quando sua consciência lúdica é tomada por o que Callois (1990) denomina de um pânico voluptuoso.

As manobras possuem uma cartografia configurando-se como uma espécie de micro-acontecimentos múltiplos que, com seus gestos, transforma e cria novos sentidos ao movimento. O skatista flerta a todo instante com o imprevisito, e seus movimentos agem por reflexos que guiam as manobras e fazem com que ele crie para si uma resistência às emoções. Em outras palavras, o skatista passa a produzir um pensamento que se faz no corpo que, por sua vez, impede que os instintos de autopreservação do corpo-organismo, do corpo em sua finitude de carne e osso, prevaleçam:

“É por esse sabor de rua que, mesmo que destrua um pouco meu corpo a cada treino diário, continuarei andando de skate enquanto conseguir ficar de pé” (Jurgen Horwarth, 32 anos).

Todavia, não é só de acertos e manobras bem executadas que um skatista vive. A tragédia faz parte da prática do skate. Os tombos e os acidentes são bastante comuns aos seus praticantes, especialmente aqueles que mais se arriscam e buscam, a todo instante, extrapolar os limites de seu corpo através da desestabilização das fronteiras do possível.

Logo, uma questão que permeia a dinâmica das técnicas corporais empregadas no skate é de como seus praticantes lidam com os acidentes, que são partes constituintes de sua prática. Sob este aspecto, um primeiro fator a ser levado em consideração diz respeito à aprendizagem do skate, visto que o skatista além de aprender a executar diferentes manobras, ele também, com o passar do tempo, e acumulando a experiência das quedas, acaba aprendendo a lidar com as quedas. Embora isto não garanta totalmente sua integridade física, a técnica de como cair na prática do skate permite, ao menos, que em muitos casos o skatista evite que o tombo traga prejuízos maiores ao seu corpo: “é preciso

defender-se do choque dos corpos, dos desastres, do atrito violento com o concreto” (Caiafa, 1989: p. 73).

Neste processo, o risco se manifesta de diferentes formas entre os skatistas: ora como uma atitude de radicalizar (“tem hora que agente deixa o medo de lado, *se joga*, se não nunca evolui. Fica sempre nas mesmas manobras”, Farofa, 17 anos), ora como um modo de se preservar (“Hoje em dia eu ando mais de boa, sem me arriscar, só para tirar uma onda mesmo”, Danilo, 29 anos). No primeiro caso, o risco obedece a uma valorização da ação, em que sua prática será vivenciada nas mais altas intensidades, como um meio, não para apenas alcançar o prazer, mas também para extrapolá-lo, de modo que possa superar-se a si mesmo.

A *radicalização* do risco tem de a ser uma atitude com maior constância entre os skatistas mais jovens, isto porque este público, muitas vezes, em decorrência da pouca idade e de um número de traumas menor decorrente de quedas anteriores, tende a não intelectualizar as conseqüências de seus atos. Embora construam uma avaliação do risco que envolve o movimento a partir da *base/técnica* que possuem para a execução da manobra. Assim, estes skatistas tendem a experimentar uma espécie de espírito heróico, pois aquele que criar para além de si deverá perecer, visto que o sofrimento da queda faz parte do processo de construção do prazer.

Já os skatistas mais velhos, conhecidos como *old schools*, tendem a manter uma relação de maior preservação frente ao risco, praticam uma espécie de economia do movimento como forma estratégica de lidar com o risco da quebra do corpo. Assim os *old schools*, ao invés de constantemente provarem o sofrimento da queda, busquem aprimorar formas de radicalização do corpo por meio de movimentos mais estáveis, que valorize a fluidez em detrimento ao atrito e o impacto.

No entanto, esta forma de se andar de skate por meio de uma economia do movimento não deve ser encarada como uma forma de lidar com o risco em que o skatista fica submetido a uma projeção de futuro. Ou seja, a busca por um aprimoramento em cima do skate, mesmo em sua forma mais estável, não pode ser praticada a partir da perspectiva de um perigo a ser evitado, pois deste modo o skatista não criará sua ação com base na expansão/afirmação de seu desejo, mas sim no ressentimento/negação concebido dentro da lógica de uma eterna dívida com o futuro. Isto produzirá um valor dado a ação abstraída do próprio movimento, e projetado para o futuro como forma de um eterno resguardo do corpo, de maneira que o risco seja quantificado pois, para evitar o excesso, o skatista deverá mensurar até que ponto pode consumir o seu corpo-organismo. O risco passa a ser disciplinado pelo ressentimento/medo, na medida em que se projetam conseqüências caso ele decida praticar doses de irresponsabilidade:

“Ah, eu nem me arrisco muito, já imaginou se eu me machucar?! Aí é *roça*, como vou trabalhar depois?” (Jefferson, 31 anos).

Logo, perante os acidentes que fazem parte da prática do skate, o procedimento adotado para que estas quedas não se transformem em traumas e, conseqüentemente, não ergam barreiras inibidoras do desejo de andar de skate, será preciso que o skatista pratique uma espécie de esquecimento, que iniba a produção do ressentimento (“o skatista não cai, ele se levanta!”, Marvin). Isto porque, este tipo de sentimento reativo subtrai o medo do campo das intensidades do desejo, transformando-o assim, em uma marca que se enraíza na memória, como fruto de um mau encontro.

Assim a *radicalidade* presente na prática do skate se processa no movimento de uma constante relação de forças entre o desejo de realizar a manobra, e o medo psicológico da quebra do corpo, de maneira que uma sensação de instabilidade passe a povoá-lo como fonte de prazer (Pociello, 1995). O skatista convive a todo instante com o risco, ora como força imanente, ora como força coercitiva. Esta última se processa através de marcas feitas pela racionalização do medo, movimento este que trás consigo um senso de responsabilidade e de intelectualização das conseqüências. Ou seja, cala o corpo ao deixar que forças reativas impregnem e estriem suas ações.

A ausência de um movimento expansivo do corpo produz no skatista uma espécie de arrependimento, ele passa a ser um ressentido por não afirmar mais sua radicalidade (não cometerá excessos) e, por conseguinte, não transbordará mais seus desejos de produzir para si um espaço do corpo, pois sua ação é subtraída daquilo que ela pode:

“Essa molecada evolui rapidinho porque não sai da pista, tá todo dia andando aqui. Se eu ficasse andando todo dia também iria evoluir mais (...) você ia ver, ia *tirar uma pá* de manobra nova” (Ricardo, 27 anos).

Este skatista, ao regressar à sua casa, ficará a reverberar as manobras idealizadas, porém não executadas, e um sentimento de fracasso tomará o seu corpo. Promete para si que da próxima vez terá coragem de realizá-la.

Portanto, para atingir o aprimoramento de seu corpo através da afirmação de sua *radicalidade*, caberá ao skatista a prática constante de doses de irresponsabilidade, de maneira que ele vivencie sua prática como uma experiência carnal que perfure o movimento de racionalização do medo. “O Si mesmo diz ao Eu: experimenta as dores! E o Eu padece e medita como não padecer mais: e para isso deve pensar” (Nietzsche, 2007: p.

44). Quando pensamos, o medo se transforma em barreira; mas quando sentimos de modo sinestésico, o medo se transforma em imanência.

Embora o medo exista para todos, a sua diferenciação acontece na maneira como cada skatista reage a ele. Desta forma, os belos skatistas (que não são necessariamente os que possuem uma técnica mais apurada) são aqueles que afirmam a vida através da busca pela experiência limite, tornando-se, enfim, senhores de seus medos. Utilizam-se deles para adrenalizar os seus corpos, expandir suas intensidades e produzir novos modos de vida.

Neste momento, pode-se dizer que o skatista torna-se agrimensor de seu próprio corpo, ou seja, ele diagnostica, avalia e cria a ação praticada com o skate. Parafraseando o “além homem” nietzschiano, o skatista será o médico que diagnostica os sintomas, isto é, o desafio a serem realizados para concretização da manobra; será também o legislador que avalia as possibilidades de sua execução (se possui a *base*, a técnica para enfrentar o risco, sem cair no abismo — gera os valores para expansão de sua potência); e, finalmente, será o artista que cria e provoca a ação que, de forma efêmera — como fogos de artifício — executa o movimento/manobra como uma manifestação fisiológica (não natural) de seu desejo.



## CAPÍTULO II: A PISTA

### **Territorialidades na pista.**

*“A descrição etnográfica não fixa a visão em um saber.*

*Ela introduz uma preocupação naquilo que é visto”.*

François Laplantine.

Geralmente, o trajeto que percorro para ir ao campo — ou seja, a pista do CEU Butantã — é feita de bicicleta, fazendo que seja gasto cerca de quinze minutos, trajeto este que atravessa os limites entre os distritos do Butantã e do Rio Pequeno apontando diferentes transformações em sua paisagem urbana.

Apesar de o Centro Educacional Unificado ter seu nome vinculado ao bairro do Butantã, na realidade, se encontra no distrito vizinho do Rio Pequeno, que por sua vez, é administrado pela subprefeitura do Butantã. É importante salientar esta distinção, pois são regiões que embora sejam próximas, possuem configurações sócio-econômicas diferenciadas. De tal modo que, se tomarmos como referencia, por exemplo, a pesquisa realizada pela Fundação Seade, Cedec e Faculdade de medicina da USP sobre os melhores e os piores lugares para os jovens viverem entre os 96 distritos de São Paulo (Kormann e Lulie, 2003), o bairro do Butantã ficou com a 19º posição, com um índice de 0,57 (a avaliação varia entre o mínimo zero, e o máximo um), enquanto que o Rio Pequeno ficou bem atrás, na 55º posição, com 0,38.

Neste contexto, a região do Rio Pequeno vem sendo alvo de políticas públicas voltadas para a juventude. No caso do skate, três pistas foram construídas; uma no CEU Butantã em 2003, outra na praça Wilson de Barros em 2002 (no final da Avenida Rio Pequeno), e a terceira na região da Favela do Sapé em 2008 (próximo ao quilômetro quinze da Rodovia Raposo Tavares). A escolha por realizar uma descrição densa no CEU Butantã, ao invés das outras duas pistas, se deve pelo fato de os próprios skatistas, tanto do bairro como de fora, se dirige com maior frequência para lá em virtude da melhor qualidade da pista (é considerada uma das melhores e mais tradicionais pistas de São Paulo).

O bairro limítrofe entre os dois distritos é conhecido como Jardim Bonfiglioli. Por ser uma região em que a ocupação urbana se deu em um relevo acidentado, a primeira parte do trajeto se dá em uma longa subida, através da rua João Gomes Júnior. Nesta via, a ocupação urbana é ainda majoritariamente residencial, suas casas, em geral, são bem acabadas, com garagem e jardins em suas fachadas; árvores nas calçadas e praças dão um certo tom colorido à rua. A ocupação da rua, por sua vez, ocorre de forma transitória, fazendo com que, mesmo onde existem praças e áreas de lazer, o espaço público se caracteriza mais como um ponto de passagem.

Conforme o final da subida se aproxima, o movimento no logradouro aumenta de intensidade, dado que no ponto mais elevado da região, conhecido como Largo do Bonfiglioli — no qual a rua João Gomes Júnior desemboca — se concentram os principais estabelecimentos de comércio e de serviço da região. Este ponto representa uma espécie de micro-centro que, dadas às dimensões de São Paulo, busca suprir as necessidades dos moradores do bairro, sem que estes tenham que se locomover por grandes distâncias na cidade em busca de bens e serviços.

Atravessar esta região implica, mesmo que seja na dimensão do bairro, em uma maior apatia frente a maior intensificação dos estímulos sensoriais provocados por uma superabundância de sons, imagens, movimentos e pessoas. Neste sentido, o espaço parece agora produzir uma espécie de personalidade blasé (Simmel, 1987) — caracterizada pela quantidade de estímulos externos que provocam uma certa indiferença à superabundância de acontecimentos que me cercam —; movimento este que marca um ordenamento espacial pautado no constante fluxo de mercadorias e serviços.

Ao atravessar o Largo do Bonfiglioli e adentrar a Avenida Eng. Heitor Eiras Garcia em direção ao Rio Pequeno, a paisagem urbana passa por novas transformações; neste momento, a ordem presente na primeira parte do trajeto é sucumbida por uma ocupação mais desordenada, dadas pela presença de prédios, residências e estabelecimentos comerciais em um mesmo quarteirão.

Nesta via, o trânsito se torna mais caótico, a quantidade de ônibus e carros que por ali trafegam parecem muitas vezes exceder o limite pelo qual a avenida fora projetada. Isto se deve, ao fato dela ser uma via de acesso aos bairros periféricos que rapidamente vem se desenvolvendo as margens da Rodovia Raposo Tavares. Com isso, a travessia feita de bicicleta para o campo, se torna mais perigosa, sobretudo, levando em consideração a quantidade de buracos que se formam no decorrer desta via.

Na medida em que avanço pela avenida, cada vez mais uma nova paisagem se delinea; comércios populares, Igrejas Evangélicas e botecos se tornam mais presentes e visíveis — sobretudo quando penetro nas pequenas vias da Vila São Domingos — que dá acesso à entrada dos fundos do CEU Butantã. Nestas ruas, as casas não apresentam mais as fachadas tão coloridas, um tom acinzentado e marrom passa a figurar no espaço, dado que além da falta de pintura e acabamento em algumas casas, nota-se a ausência de praças na

região. As residências, por sua vez, parecem estar mais rentes às ruas, poucas possuem garagem e sua construção com laje à vista, produz uma impressão de estar sempre inacabada, a espera talvez de um novo quarto ou uma edícula para abrigar um novo integrante da família.

O aperto de moradias, os poucos pontos de lazer, a proximidade das casas com a rua, as calçadas mais estreitas, fazem que esta via se torne não mais apenas um ponto de passagem, mas uma espécie de quintal dos moradores, palco de encontro e entretenimento tanto de crianças, como de adultos e idosos, onde cada um a sua maneira toma este espaço público como sua casa. Portanto, se até este ponto o trajeto fora marcado pela passagem por espaços em que havia uma maior impessoalidade e de encontros efêmeros, agora, passo a penetrar em territórios privados.

\*

Localizada na Avenida Eng. Heitor Eiras Garcia, altura 1700, próximo ao km 14 da rodovia Raposo Tavares, o CEU Butantã foi inaugurado no segundo semestre de 2003 durante a gestão da então prefeita de São Paulo Marta Suplicy. Os Centros Educacionais Unificados (CEU), projetados para atender regiões menos favorecidas da capital, possuem em sua estrutura além da escola de ensino fundamental, piscinas, teatro, biblioteca, quadras poliesportivas, campo de futebol e pista de skate. A inserção do skate neste projeto de políticas públicas deve-se em grande medida, a uma pesquisa realizada junto aos alunos das escolas públicas da capital no qual o skate ocupou a segunda posição entre os esportes praticados por estes jovens, só perdendo para o futebol (Korman e Lulie, 2003; Pervi, 2005).

A sua construção ocorreu no vale por onde passa o córrego com o sugestivo nome de Águas Podres. Embora tenha sido canalizado no espaço pelo qual atravessa as dependências da instituição, ele retorna à superfície logo após atravessar o portão dos fundos. Isto faz com que esta entrada, ao contrário da principal, possua uma paisagem de maior precariedade. O córrego, fazendo jus a seu nome, é margeado por ruas de terra e entulhos carregados pelo tempo.

Devida à proibição do trânsito de bicicletas no CEU, acabo por prendê-la nas grades que delimitam a fronteira com a rua. A escolha por entrar pelos fundos é justificada pela localização da pista, posicionada próxima a este portão, transformando esta entrada em um atalho para aqueles que possuem um certo conhecimento da *quebrada*. Entre os skatistas, esta entrada é muito utilizada, pois além da proximidade com a pista, um segundo fator é que para aqueles que vem de carro, estacionar próximo a esta entrada garante uma visibilidade do veículo enquanto se está na pista.

Próxima a esta entrada ainda existe o bar do Seu Zé Luis, inaugurado no mesmo período da abertura do CEU Butantã, que é muito freqüentado por skatistas (segundo o dono, cerca de 90% dos clientes) que se dirigem ao bar para tomar uma dolly (por ser o refrigerante mais barato) ou uma cerveja depois e durante as *sessões*. Esta grande assiduidade de skatistas, em especial dos skatistas *locais*, fez com que o bar fosse batizado de Recanto dos Skatistas, além de passar por transformações estéticas feitas com *shapes* em desuso.



Foto: bar do Seu Zé Luis.

Já dentro do CEU, o caminho que leva a pista de skate começa com uma subida íngreme e toda gramada, na qual, na parte mais rebaixada, encontra-se um pequeno lago artificial. Mais acima, em uma espécie de altiplano, fica localizada a pista, e, acima dela, no topo do morro, existe um campo de terra para prática do futebol. Isto faz com que a *skatepark* esteja fora de um espaço de maior circulação de pessoas, de modo que sua ocupação se restrinja mais aos próprios skatistas (e seus respectivos acompanhantes). Além deles, pode-se constatar a presença de alguns transeuntes, em especial crianças, que modificam seus trajetos para assistir a performance dos skatistas, e se derem sorte, conseguir dar uma volta no *carrinho*. Este espaço é atravessado ainda por aqueles que estão se dirigindo ao campo de futebol, assim como por pessoas que praticam caminhadas, porém não foi observado qualquer tipo de interação entre estes diferentes universos.

A pista pode ser considerada uma espécie de espaço híbrido, na medida em que mistura no mesmo espaço obstáculos voltados para modalidade *street*, tal como *caixote*, *rampa reta*, *quarter*, *funbox*, *corrimão* e *vulcão*, com um equipamento que se enquadra na categoria *vertical*, que é o *banks* situado na parte central da pista. Toda sua superfície é

revestida de granilite, o que garante uma maior durabilidade do piso (evitando os indesejáveis buracos), além de ser um material que oferece pouco atrito, auxiliando, portanto, tanto na performance dos skatistas, como no prolongamento da vida útil do skate (sobretudo do *shape*) que se desgasta menos nesse tipo de piso.

O espaço conta ainda com alguns obstáculos improvisados, feitos artesanalmente pelos skatistas *locais*, como *rampas*, *caixotes* e *traves*. A improvisação ocorre também, quando os skatistas se apropriam de objetos — que a princípio não tem nenhuma relação direta com o skate (como, por exemplo, latas de lixo e cones de trânsito) — e passam a incorporá-los ao espaço da pista, onde se metamorfoseiam em obstáculos para a prática do skate.



Foto: pista do CEU Butantã (Cemporcento Skate).

Outro fator que chama atenção é a quase inexistência de pichações e graffiti no interior da pista. Isto se deve mais pela interdição feita pelos skatistas *locais*, do que propriamente pela vigilância que existe em decorrência da pista estar dentro de um espaço

institucional. Esta interdição ocorre em virtude do material que reveste a pista (o granilite) não fixar bem a tinta, de modo que ao skatista cair sua roupa ficará manchada. Desta forma, as poucas pichações que existem na pista estão dispostas em pontos onde o skatista não a usa para a prática do skate, ou em locais (como as laterais de muretas) que não prejudiquem os skatistas.

No que diz respeito aos outros equipamentos presentes no CEU Butantã, os skatistas tendem a ocupá-los apenas de forma esporádica, exceto alguns jovens skatistas que são alunos regulares da escola que funciona no local. Assim, os skatistas ocupam estes outros espaços quando há algum tipo de evento que envolva o universo do skate. Este é o caso, por exemplo, do anfiteatro que ocasionalmente recebe mostras de fotografia de skate, assim como exposições de lançamento de vídeos de skate (conhecidas como *demos*), e festivais que envolvam música e skate (como foi o caso do Iº Butantã Fest: sk8, hardcore, rap e entretenimento ocorrido em 2008). Cabe registrar ainda que, o anfiteatro foi palco também da eleição para presidente da Confederação Brasileira de Skate em 2007 (a CBSK, como não possui sede própria, costuma, muitas vezes, utilizar os espaços dos CEUs para realização de suas atividades).

A construção da pista foi idealizada por George Rotatori, que passou de skatista profissional durante a década de 80, para um profissional do skate a partir dos anos 90, através da projeção e construção de pistas em todo Brasil. Sua arquitetura busca acompanhar os novos modelos de pista que vem sendo desenvolvidas no exterior, enfatizando um desenho que privilegie as curvas, de modo que o skatista possa fluir por toda pista sem precisar colocar os pés no chão. Este tipo de arquitetura permite com que o skatista possa *pegar a base* em diferentes obstáculos, tanto no *street* como no *vertical*, tal como coloca George Rotatori:



Na minha opinião as pistas de hoje devem conter uma coisa integrada: trabalhar um projeto que integre uma *linha* de *banks*, *corner* e que contemple, também, uma área de *street*. Isto faz o skatista *pegar base* no *banks* e, ao mesmo tempo, nos obstáculos de *street* que ficam dentro desse mesmo complexo (...) há alguns exemplos, como os CEUs, essas pistas expressam exatamente esse sentimento de agregar e criar uma situação mista (de *banks* com *street*) (Rotatori, 2006: p. 196).

Esta diversidade de obstáculos oferece aos skatistas uma ampla variedade de possibilidades, abrindo-lhes um campo maior de criação e construção de trajetórias múltiplas. Isto permitirá que, portanto, os skatistas não fiquem restritos somente a um ou outro obstáculo, como acontece em determinadas pistas, idealizadas a partir desta segmentação entre as categorias. Este modelo da *skatepark* do CEU atrai skatistas de diferentes pontos da região metropolitana de São Paulo, especialmente pela presença do *banks*, que promove dentro do universo do skate uma espécie de sub-circuito, formado a partir da existência deste equipamento em determinadas pistas espalhadas pelo Estado de São Paulo.

#### ❖ **A pista como propriedade skatista.**

A pista do CEU Butantã é considerada um dos melhores locais da cidade para pratica de skate, fato este que atrai skatistas de diversos pontos da cidade a se deslocarem para lá. Com isso, a princípio, um olhar distanciado sobre este universo pode levar a uma generalização dos corpos que ali circulam, determinando-os de forma homogênea como sendo os skatistas. No entanto, com o olhar etnográfico que Magnani (2002) denominou de

perto e de dentro, ou seja, um olhar que capte as relações microscópicas tecidas pelos sujeitos que são o lócus da pesquisa, pode-se observar que embora exista um fator único que os leve a ocupar a pista, isto é, o gosto comum pela prática do skate, as relações construídas pelos skatistas possuem diferentes formas de proximidade e distanciamento com a pista e entre os próprios praticantes.

Neste sentido, o eixo norteador da experiência etnográfica será o de seguir as formas de fixação e de fluxo construídas pelos skatistas no espaço da pista. Para isso, o primeiro aspecto a ser destacado é a distinção a ser feita entre o que os skatistas chamam de *picos* para a prática de skate e a pista.

O *pico* é a maneira como os skatistas denominam locais da arquitetura urbana usados para andar de skate. Um determinado espaço se transforma em um *pico* quando o skatista promove um movimento de *apropriação* do espaço em que são produzidos novos sentidos à arquitetura urbana, de acordo com o uso que é feito dela. Se este movimento, por um lado, gera uma forma de territorialização enquanto forma/materialização da experiência do skatista de “fazer cidade”, por outro lado, este processo faz do skatista um agente desterritorializador da ordem espacial da cidade, na medida em que imprime novos usos, práticas e sentidos à arquitetura urbana, questão que será trabalhada mais detidamente no próximo capítulo, que discute as diferentes formas pelo qual os skatistas se espraem pela cidade.



Foto: espaço de *apropriação* dos skatistas (Renato Custódio).

A pista, por sua vez, ao invés de produzir formas de *apropriação* (caracterizada pela ocupação territorial transitória do espaço), leva o skatista a elaborar uma relação de *propriedade*, isto é, ele mantém uma relação de direito de posse deste espaço, na medida em que as diferentes *skateparks* que vem sendo construídas têm como objetivo específico atender a demanda de skatistas no intuito de criar espaços específicos para a prática de skate. Assim, na pista, o skatista tende a construir uma outra forma de territorialização baseada em relações de pertencimento, gerando formas de estriamento, codificação, segmentarização e hierarquização. Ou seja, este tipo de territorialização pressupõe, ao contrário do *pico*, a formação de raízes na relação do skatista com o espaço. Na pista, o skatista deixa de ser um agente desterritorializador da ordem espacial da cidade, ele deixa de ter uma relação dinâmica de *apropriação* da arquitetura urbana, para ter uma relação mais estável de *propriedade* com a pista.

No decorrer do trabalho de campo na pista do CEU Butantã, puderam ser observadas duas formas diferenciadas de materialização desta territorialização produtora de fronteiras, estriamentos e segmentações. No primeiro caso, como será visto mais adiante no texto, a criação de fronteiras ocorre entre os próprios skatistas, por meio da formação de *localismos*, isto é, um grupo de skatistas, geralmente moradores do bairro em que a pista está localizada, constroem para si uma relação de pertencimento e posse do espaço. Já no segundo caso, a produção de fronteiras e de estriamentos acontece contra a incursão de corpos que não o skatista no espaço da pista. São eles; rollers (adeptos da prática de patins in-line), bikers (jovens que utilizam a bicicleta de modo radical) e crianças, sobretudo as que freqüentam a escola neste CEU.

No caso das crianças, a apropriação aconteceu por meio da resignificação lúdica dos diferentes obstáculos presentes na pista. Esta forma de utilização do espaço por parte das crianças, não é bem recebida pelos seus usuários habituais, os skatistas. Quando a pista se encontra cheia, as crianças restringem-se apenas a observar a performance dos skatistas e, em alguns casos, conseguem dar uma volta com algum skate que conseguem emprestado, dada a condição não atrapalhar (*atravessar*) outros skatistas. Isto quer dizer que a participação no espaço é condicionada a sua adequação aos códigos construídos pelo skatistas. Em caso de não cumprimento destas normas, que pode, inclusive, colocar em risco a sua integridade física em decorrência de um eventual choque, o skate é pego de volta e a criança volta a ser apenas uma observadora passiva.

Por outro lado, quando a pista está mais vazia, surge a possibilidade da utilização do espaço por parte das crianças. Geralmente, esta situação ocorre durante a semana no período matutino, em que, muitas vezes, a pista é utilizada como espaço de recreação para os alunos do ciclo básico I, que compreende da primeira até a quarta série do ensino

fundamental que funciona nas dependências do CEU Butantã. O trecho do diário de campo abaixo descreve como acontece essa *apropriação*:

(...) de longe, já é possível enxergar os pequenos corpos que se movimentam na direção da pista. Na medida em que os poucos skatistas presentes notam sua aproximação, já sabem que a paz da *sessão* esta ameaçada. Logo começam as queixas por parte dos skatistas: “não sei qual é a graça que essas professoras vêm em trazer esse monte de crianças para cá”; “por que esses moleque não vão brincar no parquinho?!”.

Alguns skatistas, com a invasão de seu espaço aproveitam este momento para descansar, enquanto que para outros, este é o aviso para irem embora (...) entre tropeços, brigas e algazarras a horda se aproxima, apostam corrida para ver quem será o primeiro a chegar.

Conforme entram na pista, uma desorganização espacial súbita toma conta do espaço, transições e rampas se metamorfoseiam em escorregadores. Não há pudor em sujar as roupas. Já os skatistas, gradativamente vão perdendo o seu espaço de direito. Rapidamente, todos são rodeados e abordados pelas crianças que pleiteiam não só a ocupação da pista, mas também o uso do skate, brigam entre si para dar uma volta, tanto faz em pé ou sentado. Ao fundo, esporadicamente, uma voz feminina busca em vão por alguma ordem. Conter os excessos. Contudo esta mesma voz, no qual logo identifico como sendo a da Tia da classe, no espaço fora das paredes da sala de aula, parece que sua autoridade não faz mais tanto efeito, ali as hierarquias se afrouxam.

Enquanto isso, alguns skatistas tentam ainda dispersar estes pequenos corpos e retomar a lógica espacial da pista. Uma luta por ordenamento espacial se forma. Ameaças quanto à integridade física, caso o skate escape e atinja seus corpos frágeis, é um trunfo que os skatistas usam para retomar parte da pista.

Perante as ameaças, algumas crianças sentam e observam a performance dos skatistas. Contudo, não conseguem ficar por muito tempo na posição de observadores passivos; aplaudem, fazem gozações, tiram a concentração do skatista. Rapidamente, as crianças retomam seu incessante movimento desordenado. Dispendio de energia.

Na medida em que os skatistas vão desaparecendo em meio à horda dos pequenos, em uma das extremidades da pista, um dos obstáculos passa a ser ocupado por três meninas que parecem não estar dispostas a esgotar seus corpos. Ao me aproximar, noto que o obstáculo — uma *funbox* (obstáculo em forma de trapézio) constituída por um palco com cerca de um metro e meio de altura e com duas transições em ambas extremidades —, se tornara no imaginário das meninas, e das crianças que por ali circulavam, uma casa no qual uma das meninas assumia o papel de mãe, sendo que coube às outras duas a função de filhas.

Logo que fui abordá-las, a mãe de prontidão me oferece um cafezinho, e o meu não cumprimento do gesto mímico do ato de tomar café, rapidamente fora recriminado pelas moradoras da casa. Desfeita a gafe inicial, o diálogo tem início, a mãe cumprindo uma posição de liderança frente o pequeno grupo é quem conduz a conversa, faz questão de reproduzir o comportamento adulto em seus mínimos detalhes, desde a fala até os gestos, seja com relação a mim — o visitante —, seja com as outras crianças.

A todo instante, a conversa é interrompida pela tentativa de invasão por parte dos meninos através dos portões que dão acesso a casa localizados em rampas nas extremidades do obstáculo; num tom autoritário a mãe ordena para que as filhas fechem os portões, os meninos por sua vez, solidários a brincadeira recuam para instantes depois fazer novas investidas, esperando um momento de desatenção das donas do lar (...).

O término da recreação se aproxima, a correria que imaginei estar no fim, por incrível que pareça, aumenta, assim como uma gritaria que não se dirige a ninguém, nos gritos não se identificam sujeitos nem tampouco predicados. A voz se torna só mais instrumento produtor de bagunça-intensidade. Perante a situação caótica, a Tia aos berros ordena que todos façam

uma fila, caso contrário, ameaça cortar o lanche daqueles que não acatarem suas ordens. É preciso conter o excesso, reordenar. Correria. Berros. Ninguém quer perder o lanche. Antes de partir, as meninas (aquelas que construíram a casa) determinam que eu, o skatista pesquisador, o *skatista molecular* seja o responsável de tomar conta da casa—obstáculo.

Aos poucos as últimas crianças, retardatárias que parecem não mais se intimidar com a bravata da Tia, abandonam a pista. Isto possibilita com que a ordem seja restabelecida, por ora tudo volta ao normal, os skatistas, aos poucos, retomam sua *sessão* (...).

*Diário de campo: abril de 2007.*

A relação entre skatistas e rollers, por sua vez, acontece por um processo de mundos que se tocam, mas não se penetram (Park, 1967), ou seja, embora ambos pertençam ao universo dos esportes radicais, e o skate em seus primórdios tenha se apropriado das peças do patins para sua fabricação, os skatistas, em sua maioria, não aceitam compartilhar o espaço da pista com rollers. São poucas as vezes em que os rollers se aventuraram a usar a pista, e, quando isto acontece é bem no início da manhã, pois é um horário em que praticamente não há skatistas no local. No entanto, conforme um número maior de skatistas chegam, aos poucos, os rollers vão embora, e os que resolvem permanecer, geralmente são boicotados por parte dos skatistas, que desferem intimidações por meio de agressões verbais (“sai da frente *vacilão!*”), ou por ações que colocam a sua própria integridade física em perigo, tal como choques propositais quando um roller *atravessa a linha* do skatista.

Esta relação de conflito não é uma atitude recente, ela data dos primórdios dos anos 80, período em que o skate buscava se afirmar como uma pratica *marginal, autêntica e underground*. Era o período do *skate-punk*. Os skatistas do período viam no patins uma antítese do skate, como uma pratica da *moda e sem autenticidade*. Segundo o skatista

Alexandre “o skate nunca se *bicou* com o patins”, já Fabio Bolota, que viveu a época como skatista, registrou da seguinte forma a relação do patins com o skate:

O skate voltava a sua origem *underground*. A invasão dos roller assombrava o mundo com suas *franguices* totalmente fashion (...) gritos fora roller! Chegavam a ser estampadas em camisetas (Bolota, in: Britto, 2000: p. 31).

Neste mesmo sentido, Cecília Gonçalves assim descreveu o comportamento de um grupo de skatistas dos anos 80 *locais* do Parque do Ibirapuera, conhecidos como “Ibira Country Boys”:

Eram um *clã* fechado, outsider. Além de não terem muitos amigos no *vertical*, não trocavam idéias com os surfistas, declararam guerra aos rollers, e só não se injuriavam com os bikers (Gonçalves, in: Britto, 2000: p. 92).

Esta disputa se manifestou também nos anos 90, pois neste período o patins passou a ter um grande número de adeptos em decorrência do desenvolvimento de um novo modelo de seu equipamento, denominado de in-line, cujo design apresentava uma inovação, que perdura até os dias de hoje, em que as quatro rodas passaram a ficar alinhadas sob apenas um eixo, facilitando assim a execução das manobras e viabilizando o seu uso em pistas de skate. Logo, as poucas pistas existentes na época em São Paulo, tal como a *Prestige* e a *Z/N skatepark* (ambas particulares, localizadas na Vila Leopoldina e no Imirim, respectivamente), passaram a ser divididas entre skatistas e rollers. Estas pistas acabaram se tornando locais de disputa territorial, em que grande parte dos skatistas, por considerarem este espaço como sendo seu por direito, além de não respeitarem, não admitiam dividir o



espaço com rollers. Assim, era comum que os skatistas *atropelassem* os rollers que passassem por seu caminho, e/ou fossem intimidados a não utilizar o espaço.

Este movimento que leva a construção de fronteiras no espaço, de territorialidades mais rígidas, também fora observada por Ricardo Uvinha em seu estudo de campo nas pistas públicas de São Bernardo e São Caetano (na região metropolitana de São Paulo), em que identificou imagens grafitadas que remetiam a interdição da pista aos rollers:

Em meio aos grafites, quase sempre presentes, destaca-se uma, em São Bernardo, que faz referencia a um par de patins coberto por um X em vermelho, com a palavra *frangos*. Tal desenho é alusivo a proibição, pelos skatistas, de patins no local, e propositalmente colocado para intimidar os rollers (Uvinha, 2001: p. 53).

Mais do que afastar os rollers de seus territórios, os skatistas passam a nomeá-los por meio de classificações que visam delimitar as fronteiras entre as duas manifestações. Como Anselm Strauss (1999: p. 37) afirma, estas rotulações têm o intuito de dizer algo não apenas de alguém que recebe a designação, mas também de quem nomeia. Nesta perspectiva, os skatistas marcam sua diferença com relação aos rollers por meio de signos/símbolos que representam formas de segmentações binárias. Ou seja, por meio de processos produtores de dicotomias e oposições, os skatistas erguem barreiras simbólicas que levam a um distanciamento semântico dos valores atribuídos às duas manifestações.

Dito de outra forma, na medida em que os skatistas estereotipam os rollers com adjetivos referente a sua pratica como sendo *viadagem* e *franguices*, ou ainda relacionam o patins a *moda*, isto é, como uma pratica *sem autenticidade*, eles acabam, em contrapartida, por se autodefinir, por meio da depreciação do outro, como uma pratica *viril* e *autêntica*. O significado de um é o inverso do outro. Desta maneira as fronteiras simbólicas edificam-se

por segmentações binárias como *passivo* (patins) e *ativo* (skate), *feminino* (patins) e *masculino* (skate), *moda/superficial* (patins) e *autêntico* (skate). Esta polarização cria um distanciamento e não permite que haja possíveis trocas e interações entre as duas manifestações, a princípio, tão próximas.

Esta forma de fronteira simbólica erguida pelos skatistas em relação aos rollers, não se aplica ao terceiro corpo estranho que por vezes busca usar a pista, os bikers. Isto porque, dentro dos estereótipos construídos pelos skatistas, pautado nas formas de segmentação binária (relacionada acima), os bikers são identificados como uma espécie de prática irmã do skate, ou seja, como uma prática que possui estereótipos análogos aos dos skatistas. Na descrição do comportamento de um grupo de skatistas conhecidos como “Ibira Country Boys”, Cecília Gonçalves ressalta que eles “(...) só não se injuriavam com os bikers” (Gonçalves, in: Britto, 2000: p. 92). No entanto, mesmo não existindo empecilhos simbólicos que obstruam o uso da pista por parte dos bikers, sua presença não é bem aceita pelos proprietários do espaço. Segundo os skatistas, as *linhas* dos bikers se chocam com as *linhas* skatistas, atrapalham a dinâmica da *sessão*:

“Lá no CEU do Campo Limpo tem que *cola* bem de manhãzinha (...) depois das dez horas começa *colar* os cara de bike. Aí é embaçado. É *dois palito* para trombar com os caras, e tromba com bike é *osso tio*<sup>11</sup>, a gente leva a pior” (Miguel, 44 anos).

O skatista e redator da revista Cemporcento Skate, Rodrigo “K-b-ça”, assim relatou o “encontro” que teve com um biker durante uma *sessão* em uma pista na Espanha:

---

<sup>11</sup> Aqui a designação *tio* não remete necessariamente a uma relação de familiaridade. Ela é uma forma utilizada para chamar outra pessoa, assim como as gírias *mano* e *jão*.

“Fui andar com meu amigo Jan numa pista recém inaugurada. Bom, como toda pista nova, estava cheio de crianças, bikers, rollers. Numa das vezes que fui *dropar o banks*, quando me preparava para subir a outra transição, dei de cara com um biker sem a mínima noção de que fazia. Resultado, choque iminente. O tal biker me xingou porque sua bicicleta não tinha freio. Não pensei duas vezes e joguei a bicicleta dele para longe, para não jogar o próprio (...)” (Rodrigo “K-b-ça”).

Um segundo fator de crítica dos skatistas a presença de bikers, diz respeito aos estragos provocados pelas bikes na estrutura do espaço, especialmente nas bordas, conhecidas também como *coopings* (estrutura metálica redonda onde o skatista executa manobras de deslize). As bikes provocam mais atrito e menos deslize que o skate:

“Eu acho que não deveriam liberar bicicleta em pista de skate, elas estragam o *cooping* (...) não tenho nada contra os caras, mas só que eles poderiam andar em pista para bike, que tem *cooping* quadrado e achatado. Se não *zoa* a pista, atrasa o nosso lado” (Eduardo, 29 anos).

Portanto, se os skatistas buscam na relação com os rollers transformar a pista em barreira, além de dissociar a imagem das duas praticas, no caso dos bikers, existe maior intersecção e tolerância entre as duas atividades, sendo que, inclusive, em alguns locais, como é o caso do CEU Campo Limpo, a presença dos bikers parece ser admitida pelos skatistas. Entretanto, em outras pistas a sua presença é criticada ou vetada em decorrência da conservação dos obstáculos e da dinâmica conflituosa produzidas no uso compartilhado com os skatistas. No entanto, independente da situação, os skatistas impreterivelmente se posicionam como *proprietários* da pista, como um espaço de conquista dos skatistas, como afirma Rodrigo “K-b-ça”:

“(…) nada contra bikers, ou o que seja. Cada um se divirta como queira, mas, se você está em uma *skatepark*, pelo menos respeite os ‘verdadeiros’ beneficiados pela construção e, que geralmente faz alguma coisa para que aquilo se torne real, pois, em geral, essa galera sempre se dá bem por conta da nossa luta!”.

❖ **Aqui o *localismo* prevalece.**

Para quem chegar na pista do CEU Butantã e reparar em um dos obstáculos na extremidade da *skatepark*, deverá notar uma pichação com a seguinte frase: *Aqui o localismo prevalece*. Mais abaixo, em outra pichação lê-se: *Butanclan*. Estas duas grafias são o primeiro passo para se compreender como que grupos de skatistas podem produzir formas diferenciadas de pertencimento e posse da pista em relação a outros skatistas que atravessam este espaço. No entanto, como veremos, estas formas mais densas de sociabilidade geradoras de *localismos* na pista, não indicam somente para uma relação de posse, mas também para um sistema de alianças e reciprocidade que permitem o fluxo de diferentes de skatistas por uma determinada localidade.

A presença de um espaço físico destinado exclusivamente para prática do skate produz o efeito de os skatistas, na dimensão do bairro, passarem a se agrupar em torno deste ponto gravitacional, e a partir dele são construídas formas grupais de pertencimento por meio de uma relação de proximidade e assiduidade com a pista. Entre os skatistas, esta relação de um maior enraizamento espacial é conhecido como *localismo*:

“Todas as pistas tem seus *locais*. Em umas este *localismo* é mais forte, os caras são mais folgado. Em outras ele é mais sossegado, os caras são mais de boa, mais *humilde*” (Danilo).

“Cada pista tem seus *locais*, tá ligado? Pega essa pista como exemplo, de manhã é até de boa, não tem muito *localismo*, mas à tarde, *vixe*, se marca você nem anda (...) os cara da área dominam, *colam* em peso para cá” (Miguel).

O *localismo* a que Miguel se refere é constituído, basicamente, por skatistas que residem nas imediações do CEU Butantã e/ou que freqüentam a pista cotidianamente, de modo que criaram vínculos mais densos tanto com o espaço como entre si, os skatistas que estão ali para sua *sessão* diária. Esta forma de agrupamento mais denso, que parte dos skatistas chamam de *crew* (terminologia utilizada originalmente pelos membros da cultura hip-hop, e que significa bando, turma), na pista do CEU Butantã é conhecida como *Butanclan*. Segundo seus integrantes, este *localismo* se formou a partir da construção da pista de skate do CEU, que fez com que, inclusive, seu nome fosse inspirado na mistura entre o território (a pista no bairro do Butantã), e a designação clã (ou *clan*) que remete a idéia de família e de pertencimento.

Esta idéia de formas mais densas de sociabilidade na esfera do bairro foi elaborada por Magnani (2002) por meio do conceito de pedaço. Segundo o autor, esta categoria é caracterizada, por um lado, pela ordem espacial do bairro: os membros em geral são colegas de rua, com quem se tem uma maior familiaridade por ocuparem espaços mais próximos às suas residências, o que dá uma certa uniformidade ao grupo. Por outro lado, o pedaço possui uma segunda e determinante característica que são as redes de relações que se tecem entre seus integrantes, de maneira que eles possam compartilhar os códigos de

pertencimento do grupo, por meio de laços de identificação presentes em determinado estilo de vida.

No caso da presente pesquisa, o *localismo* se apresenta como uma espécie de variação do conceito de pedaço. Isto porque o princípio territorial do *localismo* faz com que a dimensão espacial tenha uma maior importância, e se torne um elemento fundamental na experiência e na sociabilidade do grupo. Este peso territorial que a pista exerce, expresso como um ponto gravitacional que aglutina skatistas de toda a região e, em menor intensidade, de fora do bairro, acaba provocando também o agrupamento mais homogêneo do que Marcos Alvito (2000) chamou de micro-pedaços. Ou seja, se anteriormente existiam diferentes agrupamentos de skatistas diluídos pelo espaço mais amplo do bairro, com a existência de um ponto gravitacional (a pista), estes micro-grupos tendem a se unificar de forma mais homogênea em um mesmo local.

Ao questionar os skatistas sobre quem eram os integrantes do *Butanclan*, pôde ser observado que, em muitos casos, nem eles sabiam ao certo o número exato de membros:

“A família é grande *tio* (...) tem o Punk, Zocreta, Ned, Indião, Cara Preta, Mario do long, Bruno, Sapo, Mola, Tomé (...) citar todo mundo é foda (...) fora os cara que tão sempre *correndo junto* (...) a rapaziada é firmeza, tem *proceder*” (Renato, 27 anos).

Ao conversar com alguns skatistas pude perceber que nem todos são do bairro, residem longe da pista, mas por estarem praticamente todos os dias ali junto com seus pares, acabam se considerando e passam a ser considerados como *locais*, membros do *Butanclan*. A quantidade de skatistas e a falta de rigidez sobre quem são os integrantes deste agrupamento, faz com que esta localidade tenha uma forte denotação espacial, ou seja, mais do que um grupo solidamente formado, o *Butanclan* remete a uma dimensão

territorial reconhecida por skatistas de outros pontos da cidade. Muitos skatistas quando se dirigem para esta pista, se referem da seguinte forma; “Vou para o *Butanclan*”. Neste sentido, o que faz um skatista *local* é, sobretudo, a forma como ele incorpora a pista a seu corpo, não apenas na concepção de sua prática esportiva, mas também enquanto forma de identificação e filiação a um determinado espaço.

Recentemente seus integrantes construíram uma página na internet, em que constam como integrantes do *clan* os skatistas: Jairjunkie, Gian Naccarato, Fé, Brunão, Zokreta, Guillis, Cara Preta, Dabah, Diogo, Carlos Punk, Indião, Bob, Maizeninha, Felipe Mola, Wilson Nebão, Érica Maradona, Mario Neto, Marcos ET, Mullet, Tomé, Sapo, João, Ricardo Gude, André Porto, Bruno Pomba, André, Fabinho e Seu Luis — dono do bar Recanto dos skatistas e, mesmo não sendo skatista, é considerado um dos fundadores do *Butanclan*.

A fama que Seu Luis possui decorre da forma como ele soube absorver e interagir com o público de skatista, que segundo ele, corresponde à cerca de 90% de sua clientela. O Recanto dos skatistas tornou-se um espaço de convivência dos skatistas, em especial dos *locais* que se dirigem para bar todos os dias, seja durante a *sessão*, seja após andar de skate para se embriagar, trocar idéias e tomar caldo de feijão. Embora a temática principal seja o skate, em que uma espécie de micro mídia (Almeida e Tracy, 2003) se forma em torno de informações sobre *picos* para andar, locais para aquisição de peças e acessórios, lançamentos de vídeos de skate, realização de campeonatos e técnicas para execução de manobras, outros assuntos são também abordados nas rodas de conversa, tal como estilos musicais, baladas, mulheres, trabalho (*trampo*) e estudo.

O bar, apesar de ser freqüentado por diferentes skatistas que passam pela pista, acabou transformando-se em uma extensão territorial de convivência dos integrantes do *Butanclan*. Inclusive, toda decoração do pacato boteco é feita com adornos doados pelos

skatistas *locais*, tal como *shapes* usados e pôsteres de skate. O prestígio que o bar adquiriu no meio do skate, pôde ser notado com a repercussão do falecimento de Seu Luís em 2009, em que diferentes mídias do skate divulgaram notas lamentando sua perda para o skate.

Do ponto de vista etário, os integrantes do *Butanclan* possuem uma heterogeneidade de idades, que variam dos 15 até aproximadamente os 40 anos. Os skatistas mais antigos, conhecidos também como *old schools*, geralmente, exercem um papel de status e prestígio frente aos novos integrantes do *local*. São aqueles que detêm as histórias antigas do skate no bairro e fora dele, ou seja, são aqueles que *representaram* o skate quando a maioria dos atuais skatistas nem pensavam em andar de skate, em um período em que quase não havia *skateparks* em São Paulo:

“Tem os cara que são *firmeza*, dão um *rolê* de skate a *mile ano*, quando nem tinha pista, improvisavam uns obstáculos lá Avenida Politécnica (...) os caras andavam na raça” (Felipe, 17 anos).

O prestígio que estes skatistas mais antigos possuem decorre do respeito que existe no meio do skate frente aos *old schools*. Segundo a alegação de alguns skatistas com os quais conversei sobre o assunto, as condições favoráveis que existem atualmente no skate são atribuídas à persistência deles em um período em que não existia qualquer tipo de incentivo para sua prática. Como pode ser verificado na tabela 1 do capítulo III, antes de 2000 existiam pouquíssimas pistas em São Paulo:

“Essas pistas que tem hoje em dia aí, a molecada tem que agradecer a gente que é das antiga, *tá ligado?* Se não fossemos nós não existiria nada disso, os moleques iram estar ralando no asfalto” (Pedrão, 38 anos).



O prestígio que alguns skatistas possuem, seja pelo tempo de prática, seja por sua habilidade — que rende a admiração de seus companheiros pela plasticidade de seu movimento —, não implica que tenham algum tipo de favorecimento frente aos outros skatistas. Logo, devido à ausência de um chefe e de um modelo hierárquico de organização, a unidade do grupo é dada pela aliança de seus integrantes entre si, de maneira que é possível aproximar este grupo aos Nuer que, também, conforme Evans-Pritchard coloca, “não fazem distinção de status entre pessoas que vivem com eles, partilham de suas lutas, gozam de sua hospitalidade, e são membros de sua comunidade em relação a outras” (Evans-Pritchard, 1978: p. 243). A transcrição de meu diário de campo abaixo, mostra como, muitas vezes, cabe aos *old schools* o “dever da palavra” de passar a postura que os skatistas devem ter na pista, independente de ser *local* ou não:

(...) o sol forte e a ausência de sombra nas imediações da pista do CEU Butantã, costuma ser causa das reclamações de muito dos skatistas que por ali circulam. O único lugar à sombra é muito freqüentado por aqueles que buscam um descanso nos horários de maior calor. Ao ficar cansado de ser castigado pelo sol forte, posicionei-me na sombra referida; passei a observar a quantidade de pipas no céu em meio aos fios de alta tensão. A todo momento, um turbilhão de crianças, em sua maioria descalças ou de chinelos, atravessam o CEU em busca das pipas que haviam levado *um relo*, ao fundo, o som das rodas derrapando na pista e do *shape* batendo no solo disputa a atenção dos ouvidos com os berros de *tá na mão!* — pronunciados pelas crianças que venciam a disputa para ver quem pegaria a pipa que acabara de *boiar* —. Em poucos instantes, um grupo de skatistas passou a dividir espaço da sombra. Após um tempo de conversa, pude perceber que se tratava de skatistas oriundos de Cotia. Na

seqüência, um novo personagem veio a povoar o acanhado espaço, se tratava de um antigo skatista *local*, conhecido como ET. Aos poucos, ele foi cada vez mais monopolizando a palavra, suas longas narrativas eram apenas entrecortadas por respostas curtas e acenos com a cabeça indicando que todos escutavam o que estava sendo dito.

Entre suas narrativas, ele a todo instante *dava a letra* aos meninos que podiam *andar de boa* na pista, *que aqui neguinho não atravessa os outros*, bastava ter *humildade*. Contudo, suas falas não eram carregadas de uma autoridade. Sua narrativa, na maior parte das vezes, era construída no plural (nós), na realidade, ele parecia mais se colocar como porta-voz do grupo do qual fazia parte, e no qual cabia zelar pelo *proceder* na pista (...).

*Diário de campo: março de 2007.*

Nesta perspectiva, pôde se perceber que embora alguns skatistas, especialmente os mais antigos, constantemente busquem passar o *proceder* (atitude) para os outros skatistas, sua fala é destituída de poder e vazia de autoridade. No entanto, este discurso é rigorosamente obrigatório, principalmente para aqueles que acabam de ingressar no universo do skate, possibilitando receber com os mais experientes, dentro das práticas cotidianas, regras informais que permitam o uso coletivo da pista.

Como Pierre Clastres percebe em relação à chefia indígena, que não concentra poder, mas apenas prestígio, e que profere palavras que não são de mando, assim também o discurso do skatista ET não carrega palavras de mando que impõem obediência:

O discurso do chefe é vazio justamente por não ser discurso de poder (...) não é do lado do chefe que se encontra o poder: daí resulta que sua palavra não pode ser palavra de poder, de autoridade, de comando. (...) O dever da palavra do chefe, esse fluxo constante de palavra vazia que ele *deve* à tribo, é a sua dívida infinita, a garantia que proíbe que o homem de palavra se torne homem de poder (Clastres, 2003: p. 172).

As relações no interior do grupo não implicam necessariamente em uma simples forma de dominação e hierarquia dos mais velhos em relação aos mais jovens, pelo contrário, pois o que garante a relação de sociabilidade entre os diferentes integrantes não é a coerção e a obediência, mas o prazer de se estar junto enquanto forma lúdica de interação. A integração entre as diferentes gerações de skatistas não ocorre por uma relação de pastor e rebanho, em que cabe aos mais velhos exercerem o papel de pastor, de modo a arrebatá-los para seus domínios os seus discípulos, ou seja, os skatistas mais jovens, ou mesmo aqueles que possuem uma inferioridade técnica em cima do skate.

Embora o *localismo* do CEU Butantã tenha como territorialidade a pista, isto não quer dizer que esses skatistas deixem de ocupar outros espaços, tanto no interior da instituição, como fora dela. No que diz respeito às apropriações dos diferentes espaços do CEU, ocasionalmente, estes skatistas ocupam as dependências do anfiteatro, que serve também de cinema, para exibição de vídeos de skate, conhecidos também como *demos*.

As *demos* são filmes que possuem como tema a prática de skate. Toda produção é feita pelos próprios skatistas, ou de forma independente sem nenhum tipo de apoio (este é o caso dos vídeos de skate feito pelos integrantes do *Butanclan*, cuja exibição ocorre, basicamente, pela internet), ou por empresas que trabalham no mercado do skate, que produzem filmes a partir de excursões de skatistas profissionais e amadores (patrocinados pela marca) pelo Brasil e pelo exterior (geralmente Europa, em especial Barcelona, que é considerada a capital do *street* skate). Um terceiro tipo ainda de produção de *demos*, são as dirigidas por skatistas que constroem pequenas marcas de vídeos de skate (como é o caso

da *Chiclé, Metrópoles e Silly Society* <sup>12</sup>), e passam a acompanhar skatistas em suas *sessões* diárias, registrando as manobras para mais tarde editá-las e produzir os vídeos que são comercializados em lojas de skate.



Foto: filmagens para as *demos* no centro de São Paulo (Renato Custódio).

As dependências do CEU também são utilizadas pelos skatistas para realizações de eventos que unam música e skate, como foi o caso do “Iº *Butanclan* fest”. Este evento, realizado no final de 2008 e organizado pelos membros do *Butanclan* em parceria com o conjunto de rap R.P.W e a direção da instituição, teve como atração apresentação de skatistas e de grafiteiros, rodas de capoeira e shows com bandas de rap e hardcore.

A direção do CEU também mantém uma relação com os skatistas por meio da organização de campeonatos na pista. No entanto, as competições, geralmente, demandam uma organização que transcendem tanto a direção, como os próprios skatistas *locais*. Isto porque a organização destes eventos fica a cargo da Confederação Brasileira de Skate

---

<sup>12</sup> Atualmente, estas pequenas marcas têm investido em produzir programas para canais esportivos de canais fechados, tal como a SPORTV e a ESPN Brasil.

(CBSK) em comunhão com a Secretaria Municipal de Esportes e/ou a Coordenadoria da Juventude do Município de São Paulo.

O evento de maior destaque que acontece na pista é o Circuito Paulistano Cemporcento Skatebanks. Embora seja uma competição amadora, este campeonato goza de grande credibilidade junto aos skatistas, pois é um dos eventos considerados mais democráticos dentro do skate, já que possui diferentes categorias divididas por idade (*iniciante, amador, master, grandmaster, legend*), além de contemplar a modalidade *longboard*. Muitos skatistas elogiam a realização deste campeonato por se tratar de uma confraternização tanto de velhos amigos, como entre diferentes gerações do skate:

“Mais do que competir, o pessoal vem aqui para se reencontrar (...) é como se fosse uma reunião que junta diferentes gerações do skate, é o primeiro evento deste tipo realizado no Brasil” (Pedrão).



Foto: cartaz do campeonato (Cemporcento Skate).

O circuito, realizado anualmente desde 2005, possui quatro etapas, todas realizadas nos Centros Educacionais Unificados, localizadas em diferentes pontos de São Paulo: Campo Limpo (Zona Sul), Aricanduva (Zona Leste), Butantã (Zona Oeste) e Parque Veredas (Zona Leste). Os dias que antecedem o campeonato são aguardados com grande expectativa por seus competidores, como mostra o trecho do diário de campo abaixo:

(...) o esperado dia se aproximava, há semanas já se comentava na pista sobre a etapa do campeonato que iria ocorrer ali, etapas já vinham sendo realizadas em outros CEUs da capital (Campo Limpo e Aricanduva). Nos dias que antecederiam a competição, marcadas para os dias quatro e cinco de novembro, a pista, principalmente o *banks*, estava com um movimento acima do comum, skatistas de diferentes pontos da Grande São Paulo treinavam suas *linhas*; nas rodas de conversa, discutiam-se manobras a serem realizadas, a atuação e o resultado em outras etapas, a preferência por diferentes tipos de *banks* (aberto ou fechado, com cotovelo ou sem cotovelo), cada um dava um palpite sobre sua preferência. As narrativas eram extremamente performáticas, os skatistas desenhavam cartografias sobre a forma de apropriação dos obstáculos, como iriam construir a *linha* que iriam executar durante a competição (...).

*Diário de campo: outubro de 2007.*

A participação dos membros do *Butanclan* nas etapas que acontecem fora dos domínios de sua *localidade* espacial, não tem a mesma adesão de quando a competição acontece no CEU Butantã. Geralmente, só os skatistas que possuem um nível técnico mais apurado participam todas as etapas, caso contrário, seus integrantes se restringem a correr apenas da etapa na sua *quebrada*, pois, como afirma o skatista *local* Marcos ET, “é obrigação correr o campeonato no quintal de casa”.

O dia da competição se aproxima, uma nova lógica de ocupação espacial é construída, como mostra a transcrição de parte do meu diário de campo:

Era chegado o dia, fim de semana de sol forte em São Paulo, para sorte de todos. Conforme me aproximava das imediações do CEU, pude perceber pelo som alto e a quantidade de carros estacionados, que, sem dúvida, o evento tão esperado estava realmente sendo realizado. Na rua de acesso aos fundos do CEU, uma ambulância (em caso de acidentes com alguns dos competidores), e carros de TV com antenas e cabos que atravessavam a rua davam um novo tom à tranqüila paisagem, que geralmente é ocupada pelo gado que pasta nos terrenos adjacentes ao CEU. Transeuntes desferiam olhares curioso; não é todo dia que redes televisivas aparecem por aqueles lados, costumam vir só quando ocorrem tragédias (...).

Quando chego na pista, noto que ela passou por uma grande transformação, estava enfeitada para o evento, uma grande poluição visual toma conta do ambiente; “*Seja radical, tome Gatorade*”, “*ESPN Brasil, informação é nosso esporte*”, “*Prefeitura de São Paulo, nunca ninguém fez tanto pela cidade*”, propagandas estavam espalhadas pela pista (...) As atenções estão voltadas para o *banks*, em que ininterruptamente skatistas executam suas *linhas* ao som de conjuntos de RAP e bandas de hardcore.

A cada boa manobra executada, euforia dos espectadores e do locutor (o também skatista Ed Scanner) que narra a performance dos skatistas; esta vibração é identificada pelo indistinguível *Yeah!* decorrente do êxito das manobras bem realizadas. Já as quedas são vistas com preocupação por todos presentes, no skate, de modo geral, não se ri do tombo alheio. O silêncio se instaura. Expressões alegres e descontraídas se desfazem. Preocupação (...).

O locutor, com auxílio do microfone deixam todos informados sobre as condições do skatista; “*E aí César tá bem, aí? Machucou?*” Com um OK dado por um aceno de mão, que não esconde a dor provocada pela queda, cabe ao locutor retomar o “ritmo da festa”: “*É isso*

*aí, uma salva de palmas para o César! Agora o próximo skatista na pista (...)*” – o silêncio se desfaz, risos, algazarra, euforia.

No entanto, conforme transito pela pista, a todo instante me deparo com barreiras que cercam o *banks*, delimitam os *de dentro* (protagonistas) e os *de fora* (coadjuvantes). Para ser *de dentro* necessita-se de um crachá, identificação esta, que marca os competidores, organizadores, imprensa, entre outros. Isto faz que, os *de dentro* transitem a todo o momento entre o dentro e o fora.

Mesmo que exista uma grande interação entre estes dois universos, o *de fora* não pode entrar, mas por sua vez, o *de dentro* pode sair. Para os *de fora*, portanto, resta encontrar um bom local com visibilidade para o *banks*, embora muitos espectadores ficam grande parte do tempo de costas para a pista, formam-se rodas de conversa que passam a interessar mais do que a apresentação dos skatistas. Isto porque, para muitos, este campeonato é uma das poucas oportunidades para encontrar outros skatistas que não se vê nas *sessões* cotidianas.

Em uma das extremidades das barreiras, se localiza uma grande tenda voltada para o *banks*, em que locutor, DJ, juízes e convidados observam atentamente o desempenho dos skatistas, na outra ponta, noto a existência de uma tenda menor, adornada com grandes logotipos com os dizeres *gatorade cool blue*. Neste espaço, oferece-se para os *de dentro*, refresco a vontade, refresco este, que segundo a propaganda tornam seus consumidores potencialmente mais radicais; já para os *de fora*, perante o sol forte e privado do líquido radical, resta apenas a rotineira torneira de água da rua localizada mais adiante da pista.

A competição, ao seu modo, produz suas segmentaridades: os que andam e os que assistem, os *de dentro* e os *de fora*, os que tomam *gatorade* e os que tomam *água* (...).

*Diário de campo: novembro de 2007.*





Foto: skatista *old school* durante campeonato no CEU Butantã (Renato Custódio).

❖ **Entre o *Yeah!* e o *tesourar*: reciprocidade em deslize.**

A presença física dos *locais* na pista acontece de modo mais acentuado no período da tarde/noite, já que seus integrantes têm o hábito de se dirigir para a pista somente a partir deste horário. Contudo, o *localismo* é percebido mesmo sem a presença dos membros do *Butanclan*. Isto porque a inscrição no canto da pista com a frase *aqui o localismo prevalece* indica aos skatistas mais desavisados, que ele está atravessando um território que possui uma localidade, e que portanto, sua postura deve ser de respeito e *humildade*. A idéia de *humildade* aqui utilizada é a mesma usada por Alexandre Pereira em sua pesquisa sobre os pichadores em São Paulo, em que “ser *humilde* significa estar aberto a relações de troca,

não se expressar com arrogância e não adotar uma postura de superioridade” (Pereira, 2005: p. 69).

A idéia de humildade é o caminho para entender como os skatistas de fora da localidade se relacionam para que possam utilizar a pista sem nenhum tipo de atrito, em especial com os *locais*. Para isso, é importante observar que a implementação de pistas de skate em diferentes *quebradas* de São Paulo permite que os skatistas comecem a se deslocar por pistas localizadas em diferentes bairros da cidade. Isto provocou aos *locais* passar a conviver dentro de seu próprio território com estrangeiros, isto é, skatistas oriundos de outros bairros passam a penetrar em seu espaço.

É importante ressaltar que os encontros entre skatistas de diferentes localidades sempre aconteceram, mas estes encontros se restringiam a espaços mais centrais de São Paulo, como é o caso do Vale do Anhangabaú, da Praça Roosevelt e do Parque do Ibirapuera. No entanto, a princípio, o fato destes espaços estarem localizados em regiões mais centrais, permite que os estrangeiros possam circular por ali sem grandes estranhamentos, visto que estas regiões têm como característica justamente o anonimato e a impessoalidade. Por outro lado, nas *quebradas* onde o *localismo* se apresenta de forma mais densa, as relações são construídas com base no pertencimento e no conhecimento. Neste espaço, o estrangeiro e o desconhecido são vistos com maior desconfiança pelos habitantes do local.

As *quebradas* são ainda identificadas como territorialidades periféricas de maior violência e precariedade social, de modo que a incursão a estes espaços seja tomada como mais arriscada. Ao questionar dois skatistas, estudantes da USP que estavam fazendo sua *sessão* no interior da instituição (na Praça do Relógio), a respeito se já haviam freqüentado

a pista do CEU Butantã, eles disseram que nunca tinham ido até lá por achar um local perigoso, por ter muito *maloqueiro*.

Neste sentido, se por um lado as pistas localizadas em regiões mais periféricas da cidade geram uma espécie de receio em alguns skatistas, como é o caso dos dois estudantes da USP, por outro lado, a princípio, skatistas de fora da *quebrada* não sofrem qualquer tipo de impedimento de ocupar o espaço da pista (podem *colar de boa*), mesmo que não conheçam previamente os skatistas *locais*. Isto se deve pelo fato que o gosto comum pela prática do skate propicia a construção de um sistema de reciprocidade que permite o uso coletivo da pista por skatistas de diferentes localidades. Este sistema de reciprocidade acena para dois movimentos diferenciados. O primeiro indica para a construção de regras imanentes na pista, sob a perspectiva de uma espécie de ordem cooperativa informal (Wacquant, 2002: p. 106) que garanta e viabilize a prática do skate pelos diferentes skatistas que ocupam o mesmo espaço.

O segundo movimento produz modos de reciprocidade que transcendem o espaço da pista por meio da construção de uma relação de contraprestação, que consiste, basicamente, na postura adotada pelos skatistas *locais* de aceitarem que outros agrupamentos, skatistas de outros bairros, utilizem seu território para a prática do skate. Em contrapartida, quando estes mesmos skatistas *locais* se projetarem para fora de seu bairro, em direção ao território do outro, também poderão utilizar a pista sem que sofram qualquer tipo de constrangimento.

Se nos determos no primeiro modo de reciprocidade, que remete as regras imanentes na pista, tornar-se-á necessário entender como diferentes skatistas, em densidades variadas, interagem em um mesmo espaço por meio de normas que são produzidas e reproduzidas, via de regra, por seus próprios praticantes. Com exceção feita a

poucas pistas que impõem institucionalmente algum tipo de norma a seus praticantes, como por exemplo, a obrigatoriedade do uso de equipamentos de segurança, ou a divisão de horário do uso da pista por faixa etária, no restante das *skateparks* e *picos* não existe nenhuma regra institucional que determine a forma pelos qual os skatistas devam se comportar no espaço.

Todavia, isto não quer dizer que não existam regras que balizem a convivência durante a prática do skate, de modo a evitar com que aconteçam acidentes e atritos entre seus praticantes. Estas normas, sem autoria e tecidas na prática, visam garantir, a priori, que a pista e *picos* não se tornem alvo de disputas e conflitos entre os próprios skatistas, inviabilizando assim o seu uso coletivo. Estes códigos têm como objetivo também produzir uma organização informal, que evite constantes choques e batidas entre os skatistas, que, por sua vez, podem por em risco a integridade física dos seus praticantes:

“Quando você tá dando um rolê na pista *jão*, não dá para ficar *panguando*, de *tôca*, tá *ligado*? *Tipo*, tem uns lugares que se você *ficar marcando* nego te *atropela* (...) você atrapalha a *sessão* do cara, e ainda é capaz de se machucar. Para andar em pista, tem que estar esperto” (Leandro, 17 anos).

Independente da modalidade, algum tipo de regra específica é criada para viabilizar que diversos skatistas possam utilizar a pista ao mesmo tempo. No caso da modalidade *street*, por exemplo, devido à presença de diferentes obstáculos em um mesmo local, sua ocupação ocorre de forma mais desordenada, na medida em que múltiplos corpos usam o espaço sem aparentemente nenhuma ordem, como mostra o trecho de meu diário de campo abaixo:

(...) uma visão panorâmica de uma pista nos dias em que ela se encontra cheia, a primeira vista, especialmente para os leigos, passa a impressão de uma grande confusão. Ao contrário de uma pista de automobilismo, por exemplo, em que existe um ponto de partida e um de chegada, ou mesmo de uma piscina, que possui raias para separar os nadadores, na *skatepark* não existe começo nem final: para o skatista estes pontos não são dados de antemão, eles são relacionais, são construídos de acordo com a *linha* a ser feita, com a manobra a ser realizada. Com a velocidade de seus skates, devidamente incorporados aos seus pés, os skatistas cartografam suas *linhas* na pista arrebatando pontos e produzindo múltiplos trajetos. *Linhas* que surgem e desaparecem, que a todo instante são feitas, refeitas e reelaboradas; possuidoras de durações efêmeras, afirmam a vida à beira do abismo, do risco da quebra do corpo, do mau encontro (...) *linhas* que não se filiam, apenas se aliam, traçam no conjunto de seus itinerários uma rede - pista, cujo começo e término são transitórios, não duram mais do que o instante entre o descanso pela manobra realizada, e a primeira *remada* da *linha* a ser desenhada.

No entanto, para as *linhas* não se tornarem ponto, deve o skate jamais se enraizar e obstruir a passagem dos outros, interrompe-se o movimento. O ponto estria a *linha*. Cuidado o skatista deve ter também para não se chocar com outras *linhas*, sob o perigo da quebra do corpo; as alianças estão no campo da imagem e das intensidades, e não propriamente no choque e na batida (...).

*Diário de campo: setembro 2008.*

Na categoria *vertical*, por sua vez, pelo fato de toda ação acontecer em torno de apenas um obstáculo — como, por exemplo, o *half-pipe* ou o *banks* — os skatistas devem produzir uma maior coordenação em torno de sua prática, de maneira que seja garantido que apenas um skatista ocupe o obstáculo de cada vez para realização de sua *linha*. No

entanto, esta prática (que visa uma maior segurança dos skatistas), não produz necessariamente possíveis movimentos de distanciamento e individualismo na pista. Enquanto aguardam por sua vez, é comum ocorrerem interações entre os skatistas que também estão ali esperando, trocam informações sobre assuntos variados, além de serem espectadores daquele que está realizando no momento sua *linha*. Constitui-se uma relação recíproca de sujeito-observador e sujeito-observado, já que quando estiver em ação, deixará de observar, e passará a ser observado.

Estes códigos de uso coletivo do espaço tendem a sofrer variações de acordo com a necessidade com a qual estas normas devem ser empregadas, em especial no que diz respeito à quantidade de skatistas presentes no local. Quando a pista se encontra vazia, a conduta dos que ali estiverem não necessita obedecer de forma tão rigorosa as regras que visam garantir uma maior fruição dos skatistas no espaço. Isto porque, sua prática poderá se processar sem grandes interferências de outros corpos, como aponta o trecho transcrito de meu diário de campo sobre o movimento na pista durante o período da manhã:

(...) geralmente, nos períodos da manhã, especialmente antes das onze horas, a pista do CEU Butantã encontra-se vazia, os jovens, que abarcam grande parte do universo de skatistas, parecem não se motivar a acordar cedo, nem mesmo para andar de skate. Isto faz com que o skatista possa andar sem grandes preocupações em trombar ou atrapalhar algum outro skatista, enfim, andar sem se preocupar em *atravessar* alguém. Inclusive, concentração na execução das manobras é mais fácil nestes momentos de calma, ao se dirigir a um obstáculo, a atenção não é roubada por possíveis encontros no trajeto, ou ainda, momentos antes de executar a manobra, não é necessário abortá-la ao ver um outro skatista se aproximar do mesmo obstáculo com qual flertava realizar a manobra. Com o espaço livre as

*linhas* dificilmente sofrem interrupções, além de não haver necessidade de esperar outros skatistas desocuparem os obstáculos. Anda-se de acordo com sua vontade.

Por outro lado, esta prática mais solitária faz com que se perca o estímulo externo dado pela presença de outros skatistas, que aplaudem, comentam as manobras e injetam ânimo nas *sessões*. A presença do outro afaga seu narcisismo; acertar uma manobra certamente é gratificante, mas realizá-la frente a seus pares é mais emocionante. Receber o reconhecimento do outro produz uma dose extra de adrenalina. Isto faz com que muitos skatistas, ao chegarem em uma pista vazia, fiquem prostrados em um canto, adormecidos à espera de movimento, do outro, para iniciar o jogo de vidente e visível. Com a chegada de outros skatistas, seus corpos passam a se adrenalizar, rapidamente, se dirigem para a pista (...) o turno da tarde se aproxima (...).

*Diário de campo: janeiro de 2006.*

O esvaziamento no espaço permite com que se possa andar de uma forma mais descomprometida, sem se preocupar em estar prejudicando outro skatista, assim como se torna mais fácil evitar atritos em decorrência de possíveis maus encontros:

“Quando eu vinha andar à tarde (na pista do CEU Butantã) era ruim por causa do *crowd*, não dá para dar manobra direito (...) é você e mais um monte de gente para dar uma manobra no mesmo obstáculo (...) fora os moleques da área que ficavam tirando *umas fina*, reclamavam que eu ficava no meio atrapalhando o *rolê* deles” (Alexandre).

Se por um lado, a grande densidade de skatistas na pista pode gerar atritos e atrapalhar a *sessão*, por outro lado, a ausência destes outros corpos, deixa de produzir um efeito de “vidente e visível” na relação: “Não tem graça andar quando a pista está vazia, não dá animo” (Gabiru, 16 anos). Para muitos skatistas, a ausência do outro-afim não

permite que a adrenalina, fruto da interação, seja gerada. A prática solitária diminui a produção do que os skatistas chamam de *vibe* na *sessão*, diminui a adrenalina.

Assim, muitos skatistas preferem se dirigir para a pista apenas nos períodos da tarde e início da noite, quando se encontra mais cheia. O acúmulo de um grande número de skatistas no mesmo espaço faz que seja necessária uma maior coordenação e organização entre seus praticantes, além de uma postura mais estratégica para que cada skatista consiga construir suas respectivas *linhas* em meio a *sessão* dos outros skatistas. Para quem olha de fora, o caos parece estar instaurado. A transcrição do meu diário de campo evidencia como, nos momentos em que a pista está mais cheia, os movimentos devem se tornar mais estratégicos para que a *sessão* não acabe em possíveis atritos entre skatistas:

(...) andar na pista quando está *crawdeada* (do inglês *crowded*, que significa abarrotado), exige dos skatistas uma certa dose de conhecimento do local, aliado a uma certa *malandragem* para não ficar mais olhando do que propriamente andando de skate. O skatista tem que ter uma dose de *maloqueiro*, de ser *folgado*, de se afirmar (não hierarquicamente) em um espaço que se apresenta, ora acolhedor por abrigar diferentes skatistas, ora hostil por não permitir que a fluidez da pista seja interrompida.

Assim, para não ser considerado um *prego* pelos outros skatistas — característica esta, atribuída para aqueles que não só andam mal, mas também atrapalham os outros praticantes —, é prudente para aqueles que ali chegarem pela primeira vez na pista, conhecer os múltiplos trajetos que a pista lhe proporciona, de modo a não se fixar em pontos que possam prejudicar a fruição dos skatistas, nem tampouco construir trajetórias que *atravessem* os outros skatistas e destruam suas *linhas*.

Ao mesmo tempo, pelo fato de na pista não haver um início, nem tampouco um fim, assim como não haver nenhum juiz que sentencie a vez de cada um andar, cabe ao skatista



aproveitar as brechas, os espaços vazios entre as *linhas* dos diversos skatistas, para conquistar seu espaço, montar a sua *linha* (são nos buracos que o movimento acontece). Para isso, a inserção neste universo movediço da pista deve ocorrer por meio de atitudes em que o skatista seja o senhor de si: ele tem que identificar o aparecimento dos buracos, avaliar as possibilidades para execução do movimento, e por fim realizar a ação, isto é, efetuar a *linha*. Caso contrário ninguém arbitrará por ele (...).

*Diário de campo: maio de 2007.*

Portanto, nestes períodos de maior densidade, os skatistas, embora mais motivados pela visibilidade proporcionada pelo grande número de pessoas no espaço, devem aliar prudência e estratégia, visto que o excesso de um pode, em alguns casos, significar a quebra de um tênue sistema de reciprocidade podendo, eventualmente acarretar acidentes e possíveis conflitos que extrapolem uma espécie de competição lúdica no qual cada um, ao produzir suas *linhas* no espaço, acaba por afirmar suas qualidades para o restante dos skatistas ali presentes:

“Uma *mão* dessas, *colou* uns moleque meio playboy para andar aqui. Em vez deles chegarem na *humildade*, não, chegaram se achando, causando (...) agente coloco os moleque para correr, depois teve os mano que ainda tomaram os skate dos *bico* (...) nunca mais colaram na área” (Rafael \*).

A prática do skate, ao contrário de esportes como o futebol, não se processa enquanto uma atividade que ocorre dentro de uma lógica hierárquica competitiva, ou seja, dentro de um sistema normativo que transcende sua prática, marcado por normas que estipulam a priori o começo e o final do jogo. Este tipo de lógica competitiva, parte de uma

---

\* Nome fictício.

isonomia das regras, dada pela simetria inicial entre os competidores, mas que no decorrer do jogo, deflagra-se um movimento de assimetria entre os praticantes, de modo a segmentá-los de maneira valorativa entre vitoriosos e derrotados.

No caso do skate, de modo geral, a competitividade não leva necessariamente a um fim em que seus praticantes sejam estigmatizados entre vencedores e vencidos: “o skate não tem essa pegada de ficar competindo, de ficar um querendo ganhar do outro. No skate é você com o seu corpo, você compete com o limite do seu corpo” (Miguel). Na realidade, a prática do skate não se configura como uma atividade esportiva que possui um início nem tampouco um fim, mas se processa como um meio pelo qual se exercita um jogo relacional e interativo de observador–observado, ao invés de vitorioso-derrotado. Assim, a princípio, caso não haja violação nas alianças que viabilizam a interatividade recíproca na pista, no skate não existe uma estrutura de códigos normativos que origina a assimetria entre os praticantes. A distinção reside nas diferentes situações que o skatista ocupa, nas quais ora ele vê (sujeito da observação), ora ele é visto (sujeito da ação).

A expressão que melhor indica a veracidade desta relação de vidente e visível, é o termo nativo *Yeah!* proferido por todos na pista quando um skatista consegue realizar uma manobra de grande plasticidade. O *Yeah!*, assim como as batidas do *shape* contra o chão e os pequenos assobios, expressam formas de respeito e de igualdade frente aos seus semelhantes, pois este termo é aplicado a qualquer skatista que estiver na pista, independente se ele é *local* ou não.

Desferir o *Yeah!*, portanto, representa uma ação em que o outro torna-se um afim, indica *humildade*. Desta forma, quando um skatista utiliza este termo para com seu outro-afim, ele está demonstrando uma abertura às relações de troca, em que ora ele é o sujeito da observação (emite o *Yeah!*), ora ele é o sujeito da ação (recebe o *Yeah!*).

Contudo, nem sempre estas praticas são respeitadas, seja por seu desconhecimento, seja por um desejo narcisístico de apenas querer ser sujeito da ação, jamais sujeito da observação. No primeiro caso, este tipo de situação ocorre com skatistas que estão iniciando sua prática, de modo que ainda não incorporaram a gramática que permeia o uso coletivo da pista (geralmente, por falta de conhecimento, mais se enraízam na pista do que propriamente produzem movimento). Com isso, passam a atrapalhar as *linhas* traçadas por outros skatistas que se encontram no fluxo, não por maldade ou má fé, mas por falta de familiaridade com este universo, cuja velocidade é a regra. Por este fato, é comum vê-los quando a pista encontra-se cheia, apenas na postura de observadores, devido ao acanhamento de fazer feio decorrente da pouca habilidade em cima do skate.

Esta situação pôde ser comprovada quando acompanhei a incursão de um jovem grupo de skatistas *locais* da Vila Gomes na pista do CEU Butantã. A pouca intimidade com o espaço, somada a uma habilidade ainda incipiente em cima do skate, fez com que estes jovens adotassem uma postura de maior inibição, perderam a espontaneidade que tinham em sua localidade (na Escola Municipal Amorim Lima). Segundo eles, o fato de se colocar majoritariamente como observadores decorre do receio de atrapalhar os skatistas que possuem uma técnica mais apurada, que em alguns casos, intimidam os iniciantes por meio de falas ríspidas (“sai da frente moleque!”) e não oferece espaço para eles andarem (*tiram finas* e não respeitam o tempo mais lento de aprendizado dos jovens).

Estas ações, quando não levam à formação de relações hierárquicas na pista, apontam para uma dinâmica de construção e absorção das regras da pista que possuem suas doses de crueldade, análogas as normas das sociedades nomádicas, assim descritas por Deleuze e Guattari:

Essas sociedades não são sem leis, ainda que sua diferença com lei possa exprimir-se sob a aparência de uma anarquia. Elas têm antes a lei do *nomos*, que regula uma variação contínua da atividade, com seu próprio rigor, sua própria crueldade (Deleuze e Guattari, 1997b: p. 201).

Todavia, rigor e crueldade de que falam Deleuze e Guattari possuem um tênue equilíbrio que, em caso de desarmonia, pode transformar a beleza da habilidade técnica de um skatista (a plasticidade de uma subjetividade em deslize) em um elemento segmentar entre aqueles que devem andar e os que devem apenas assistir. Uma relação de saber-poder emerge de uma subjetividade que passa a desejar o assujeitamento:

“Outro dia eu estava andando aí chegou o Anjinho, puta cara folgado, ele sai voando do *banks* e não está nem aí (...) outro dia ele quase acertou a cabeça de um menino e nem pediu desculpa, pegou o skate e saiu rindo. Quando ele está na pista eu nem ando” (Rosana, 19 anos).

Esta postura relatada, apesar de não ser uma regra entre todos que possuem uma técnica mais apurada no skate, leva determinados skatistas a criar para si um comportamento hierárquico em relação aos demais, a partir da idéia de uma postura de superioridade técnica. Quando isto acontece, a idéia de *humildade* como condição básica de interação recíproca na pista, é corrompida pelo desejo egocêntrico de ser apenas sujeito da ação, e não da observação. Esta atitude tende a definir as relações de troca, de maneira que o outro deixe de ser um afim. A transcrição de parte do diário de campo mostra como determinados skatistas rompem com a relação de igualdade-*humildade* na pista. Este tipo de ação é conhecida como *tesourar* no meio do skate:

(...) as *linhas* por eles produzidas parecem não se aliar as outras, constroem para si uma *linha com cerol*, cortante, de modo a romper e estriar os outros traçados. Cria-se um movimento de desconexão da rede – pista, eles *tesouram* as outras linhas. A multiplicidade torna-se unidade. Para estes skatistas, a diversidade de *linhas* implica em uma concorrência, disputa por visibilidade e notoriedade, é preciso destruí-las, *tesourá-las*, para construção de um narcisismo hegemônico: é necessário mostrar sua superioridade. Aos poucos, aqueles que não estão dispostos a entrar na batalha, repousam seus corpos, resolvem só observar. Enquanto outros, por meio de sua “supremacia técnica”, permanecem na pista executando manobras de grande plasticidade para convencer seus observadores que sentar e observá-los era a opção correta (...).

Um terceiro grupo ainda, parece se assenorear da situação, resistentes, continuam a andar de skate esquivando-se dos possíveis maus encontros (...) não deixam de admirar e aprender com o skatista que possui uma *base* maior que a sua, mas, não encaram esta diferença técnica como um impedimento em compartilhar o espaço com skatistas mais habilidosos. Isto porque seus parâmetros de referência não estão na manobra em si ou no que o outro faz, e sim na superação dos limites de seu próprio corpo, o que ele pode fazer (...).

*Diário de campo: novembro de 2006.*

O narcisismo produtor de relações hierárquicas modifica o próprio sentido/valor dado às manobras, pois possibilita que estas deixem de ter como parâmetro a forma como cada um lida com os limites de seu próprio corpo (valor imanente), adquirindo um valor transcendental. Ou seja, o valor é abstraído da ação - de como cada skatista busca superar-se a si próprio, de modo a tornar-se um ponto referencial pelo qual são criadas segmentações entre aqueles que sabem ou não executar as manobras. Por fim, esta divisão faz que a interação no espaço possa deixar de ocorrer por um jogo de sujeitos relacionais

(ora ser observador, ora ser observado), para transformar-se em uma relação de posições estáticas (o que só anda e o que só assiste).

\*

Feita a descrição do sistema de reciprocidade enquanto modo que permite a convivência de diferentes skatistas em um mesmo espaço, com base em regras imanentes a sua prática, tornar-se-á necessário agora, a partir das relações de troca construídas na pista, entender como se estrutura um outro tipo de forma de reciprocidade, que envolve forças centrípetas de fluxo de agrupamentos por diferentes pistas da cidade por meio da construção de um sistema de contraprestação.

Este sistema coletivo de obrigações de troca consiste no movimento em que os skatistas *locais* permitem que agrupamentos e/ou sujeitos possam utilizar o espaço da pista sem sofrer algum tipo de impedimento ou constrangimento. Para isso, cria-se um mecanismo a partir do qual, semelhante ao que Malinowski encontrou nas pequenas ilhas do Pacífico Ocidental, em que longe de leis inscritas ou estatutos, códigos ou manuais, “cada comunidade tem uma arma para fazer cumprir os seus direitos: a reciprocidade” (Malinowski, 2002: p. 26). Esta forma de reciprocidade envolve um sistema contratual de aliança e de circulação que indica modos e estratégias de trânsito dos skatistas pela cidade.

Neste sentido pôde ser constatado que o *localismo* exercido no CEU Butantã, por meio do *Butanclan*, embora afirme uma propriedade territorial sobre o espaço da pista, a princípio, não obstrui a investida de estrangeiros em seu território. Todavia, a forma como estes diferentes skatistas e seus respectivos agrupamentos se relacionam segue a uma variação de acordo com as alianças tecidas entre os grupos.

Logo, os integrantes de agrupamentos como *Fome crew*, *Sktlixos – Ganja booze* e *BS crew* por possuírem uma maior *coletividade* com os membros do *Butanclan*, acabam se inserindo na pista com maior familiaridade e fluidez. Alguns skatistas inclusive transitam por mais de um agrupamento. Estas alianças mais estáveis permitem que seus integrantes se diluam mais, organizam *sessões*, baladas e até mesmo *demos* em conjunto.

Embora os integrantes do *Butanclan* se autodenominem como sendo um agrupamento de *quebrada*, que remete a uma forma de concreta de pertencimento, de ser da periferia em uma dimensão que a violência e a precariedade social são encaradas de forma positivada, ou seja, eles identificam nas dificuldades de sobrevivência da periferia um valor positivo — o saber viver na adversidade — que cria uma identificação entre todos que são da *quebrada* (Pereira, 2005), este não é o vetor principal que viabiliza a relação de contraprestação deles com outros skatistas. Isto porque, o elemento fundamental que permite a convivência de diferentes skatistas na pista não é dado primordialmente pela localidade espacial (ser da *quebrada*), mas sim pelo respeito e a *humildade* com que se relacionam no espaço, como destacou o skatista *local* Azeitona:

“Aqui na pista qualquer um pode *colar* e fazer seu *peão*, *tá ligado*? Mas só que o cara tem que vim na *humildade*, não pode querer se crescer em cima dos outros, *atravessar os manos*”.

Para os skatistas de fora, estrangeiros do território, independente se residem na *quebrada* ou não, a *humildade* e o não *atravessar* tornam-se os elementos fundamentais para utilizar a pista sem que haja *treta* (briga), principalmente para os agrupamentos que não possuem uma *coletividade* com os *locais*:

“Se você vai a um *pico* sem ter a *coletividade* com os *mano* da área, tem que chegar suave, na *humildade*, se não vai arranjar inimizado. Arranjar *treta* fora da sua *quebrada* é *preju* na certa” (Ricardo, 18 anos).

No entanto, observando o campo discursivo não pelo aquilo que se diz, mas pelo aquilo que se vê e sente no decorrer da *sessão*, pôde-se observar que a *humildade* como condição básica de interatividade é uma postura mais presente com relação aos skatistas de fora da *quebrada*, do que com os *locais*. Isto porque, quando se encontra fora de seus domínios, o skatista deve adotar ações mais estratégicas e prudentes ao adentrar territórios desconhecidos.

Ao chegar na pista, um sinal de *humildade* é cumprimentar os outros skatistas presentes, assim como durante sua prática elogiar as manobras executadas pelo outro (dizer *Yeah!*), além de ser solícito por meio de empréstimo de materiais (vela, chaves para ajuste do skate), em caso de quedas ou quando o skate escapa do pé do skatista, na ajuda/dicas para execução de determinadas manobras, e pedir desculpas em caso de trombadas. Ao skatista assumir estas posturas descritas acima, dificilmente ele sofrerá algum tipo de constrangimento ou entrave enquanto estiver na pista:

“Na vida não há limites para quem tem *humildade*” (Jefferson, 19 anos).

Por outro lado, os skatistas *locais* por estarem em seu território, muitas vezes, abrem mão de determinadas posturas que denotam *humildade*, como uma forma de afirmar seu domínio sobre o espaço. Neste sentido, torna-se mais difícil andar na pista quando ela está ocupada por determinados skatistas *locais* que buscam a todo instante afirmar sua *propriedade* territorial. Sua postura assemelha-se a de determinados skatistas que possuem



uma técnica mais apurada, ou seja, buscam apenas ser o sujeito da ação, e não da observação, contudo, a hierarquia que é edificada nos dois casos obedece a dinâmicas diferenciadas. Em um a *humildade* é quebrada por meio da técnica em cima do skate, em que ao invés de dizer *Yeah!* aos outros skatistas em sinal de igualdade (ser também sujeito da observação), prefere *tesourá-los* de maneira a ser apenas o sujeito da ação. Por outro lado, rompe-se com a *humildade* enquanto forma de reciprocidade através do princípio da *propriedade* territorial da pista, em que determinados skatistas, geralmente os *locais*, ao afirmarem seu domínio sobre o espaço, podem constranger skatistas de fora do bairro a usar a pista.

Esta situação pode ser notada na transcrição abaixo de meu diário de campo, em que os skatistas adotam uma postura mais *folgada* na pista onde são *locais*, embora não excluam os outros skatistas:

Observando a primeira vista, a existência de skatistas *locais* na pista pode ser percebida pela maneira com que alguns skatistas se postam no espaço. Muito embora o discurso elaborado pelos skatistas nos meios de comunicação seja de que não existe nenhum tipo de competição entre seus praticantes, que o importante é a diversão, no cotidiano da pista, esta situação, por vezes, não se aplica de modo tão harmonioso.

Os *locais*, quando estão andando, por conhecerem os diferentes trajetos que a pista lhes proporciona, ocupam grande parte do espaço com suas *linhas*. A expansão de sua ação no espaço faz com que outros skatistas tenham que se retrair mais, em especial àqueles que não possuem uma técnica mais apurada, uma afirmação por monopólio espacial se instaura (...).

Ao *atravessar*, ou ser *atravessado* (*tesourado*) por outro skatista que não é da sua *quebrada*, sua atitude — mesmo com os pedidos de desculpa — é o de desferir, por vezes, um olhar recriminatório, ou em alguns casos, xingar o outro skatista e mandá-lo sair da frente.

Geralmente, estas ações mais agressivas e intimidadoras são desferidas aos mais jovens que estão iniciando no skate; já os mais velhos, os *old schools*, embora também façam cara de poucos amigos, evitam desferir um atrito verbal, preferem manter uma disputa velada, pois sabem que o xingamento, ao invés de intimidar, pode levar a um possível atrito e represálias de alguém que possui maior experiência não só no skate, mas também na vida.

No entanto, não é só na prática que muitos desses skatistas demonstram um comportamento *folgado* dentro de seu território. Algumas vezes, ao pararem para descansar, ao invés de se colocarem em um local onde não haja circulação de skatistas, acabam por ficar no meio de um obstáculo, obstruindo assim a sua passagem (...) alguns skatistas que não são da *quebrada* reclamam de modo mais resignado: “*esses localzinho são mó folgado, se acham os donos do pico!*”, enquanto outros optam pelo diálogo, se dirigem até os skatistas e pedem *na humildade* para que eles desocupem o obstáculo para que outros possam utilizá-los.

Os *locais*, por sua vez, frente ao pedido feito *na humildade*, não os ignoram. Porém, dificilmente saem do obstáculo e pedem desculpas. Eles apenas acabam se deslocando um pouco mais para o lado (...) Esta ação, por um lado, busca mostrar sua solicitude, afinal, foi aberta uma brecha para os outros skatistas usarem o seu espaço, entretanto, esta ação de não sair totalmente do obstáculo indica, para os de fora, quem são os verdadeiros donos do pedaço (...).

*Diário de campo: novembro de 2009.*

Nesta perspectiva, a relação entre os skatistas *locais* e os de fora do bairro aponta para um jogo relacional de conflito e sociabilidade (Toledo, 1996: p. 45), na medida em que, por um lado, o gosto comum pela prática do skate, como uma afinidade potencial (um elemento compartilhado por todos), permite que exista um sentimento de pertencimento que possibilita uma aproximação entre os diferentes segmentos. Por outro lado, o conflito

no skate é algo latente quando diferentes skatistas, especialmente os que não possuem uma *coletividade* com os *locais*, dividem o mesmo espaço.

O sistema de reciprocidade que abre o território dos *locais* ao estrangeiro, segue o tênue equilíbrio do princípio de que é necessário aceitar em seu território os skatistas vindo de fora para que se ganhe prestígio e notoriedade. Ou seja, na medida em que aceita o outro em seu espaço, os skatistas *locais* passam a adquirir um prestígio que permite a investida de seus membros no território do outro sem qualquer tipo de impedimento e/ou constrangimento.

Nesta perspectiva, quando skatistas *locais* se projetam para além das fronteiras de seu bairro, a relação com o outro, isto é, com aquele que não é da sua localidade, se transforma de um *eu local* frente ao *outro estrangeiro*, para uma nova perspectiva, pautada no *eu estrangeiro* frente ao *outro local*.

Estes processos de contraprestações praticados pelos skatistas evidenciam movimentos centrífugos e centrípetos de construção, tanto de formas de sociabilidade mais densas e de fixação territorial, como de práticas mais amplas de interação e de transitoriedade de skatistas pela cidade. A pista, neste sentido, se apresenta como um espaço que possui uma dupla perspectiva que permeia as trocas entre os diferentes skatistas, e seus respectivos agrupamentos; um de estabilidade e repouso (*localismo*), e o outro de instabilidade e movimento (*deriva*).

## CAPÍTULO III: A CIDADE

### **Desejo de evasão: práticas de intervenção no meio urbano.**

*“A cidade oferece assim, paradoxalmente, lugares totalmente vagos em que seu espírito e seu corpo poderão estar em vacância completa, a possibilidade de viverem a multiplicidade de seres que a habitam, quer dizer, a possibilidade de estar, ao mesmo tempo, aqui e em outro lugar”.*

Michel Maffesoli.

No capítulo anterior, vimos a descrição das formas mais densas de relação dos skatistas na construção de uma localidade na pista. O objetivo agora será o de ampliar o foco para entender como acontece o movimento de espraiamento dos skatistas pela cidade. Para isso, tornar-se-á necessário entender a categoria de localidade em sua dinâmica de expansão e transitoriedade, em detrimento das formas de fixação e pertencimento espacial. Essa dinâmica entre movimento no espaço mais amplo e fixação em certos pontos, realizada pelos skatistas, permite traçar um paralelo e perceber semelhanças formais com a dinâmica espacial de fixação e movimento numa realidade completamente diferente: a dos índios Parakanã Ocidental, entre vida nômade e sedentarismo na aldeia, conforme pesquisado por Carlos Fausto. A aldeia:

(...) funciona como um ponto de referência, espécie de pique ao qual retornam após incursões guerreiras e longas caçadas; local privilegiado de aglutinação e realização de rituais. Representa, ao mesmo tempo, uma garantia da permanência da horticultura e da

unidade política do grupo. Com diz Maybury-Lewis a propósito da aldeia-base xavante, era ali que a ‘comunidade’ estava localizada. A aldeia era antes um ponto de concentração para a futura dispersão do que um local de morada permanente (Fausto, 2001: p. 112).

Esse paralelismo formal com um trabalho de campo indígena também inspira a própria descrição etnográfica urbana, cuja intenção é a de identificar espaços mais amplos da cidade de São Paulo ocupados a partir do movimento em que diferentes *localismos* existentes nos bairros passam a se projetar para além de suas fronteiras. As territorialidades decorrentes deste movimento expansivo serão entendidas não mais na perspectiva da localidade, ou seja, como uma forma de pertencimento e de *propriedade* sobre o espaço, em que são construídas relações mais densas de conhecimento entre seus praticantes. A idéia de territorialidade utilizada neste contexto de etnografar os *picos* da cidade ocupados pelos skatistas, remete a um fora, a um movimento de desterritorialização, ou seja, de *apropriação* e resignificação da arquitetura urbana enquanto ação pelos quais estes sujeitos *fazem cidade*. A ação dos skatistas na cidade será entendida por meio da prática do que Deleuze e Guattari chamaram de Corpo sem Órgãos:

(...) que se revela pelo que ele é, conexão de desejos, conjunção de fluxos, continuum de intensidades. Você terá construído sua pequena máquina privada para ramificar-se em outras máquinas coletivas (Deleuze e Guattari, 1997: p. 24).

Para compreender este tipo de territorialidade construída por meio da prática de um Corpo sem Órgãos, é importante observar o movimento que leva a localidade se projetar para fora de seu bairro. Isto porque, embora os códigos de pertencimento continuem a existir, mesmo estando fora da *quebrada*, as relações estabelecidas pelo grupo deixam de

ser marcadas pela vizinhança, isto é, as relações passam de uma forma mais íntima de conhecimento para uma relação mais genérica de reconhecimento, em que as interações tendem a ser mais formais e visuais (Magnani, 2002: p. 22). Quando saem de seus respectivos bairros, os códigos de pertencimento ganham uma nova importância, visto que será a partir destes símbolos presentes em seu estilo de vida que os skatistas poderão se reconhecer e ser reconhecidos como integrantes de uma determinada manifestação (são os conectivos que agenciam as máquinas privadas às máquinas coletivas). Este é o princípio que permite aos skatistas realizar contatos e trocas com outras localidades.

Contudo, é importante ressaltar que a relação de pertencimento expresso pela localidade é de fundamental importância no processo pelo qual os jovens passam a ocupar espaços mais amplos da metrópole. Isto porque, ao se lançarem para outras regiões da cidade, transferem para seus corpos o território-bairro (Diógenes, 2003) — ou se pensarmos no *Butanclan*, transferem para seus corpos o território-pista —, visando oferecer a seus integrantes tanto uma maior segurança ao trafegar pelos diferentes espaços da cidade, como projetar a localidade para além de suas fronteiras. Gabiru, skatista *local* do CEU Butantã, assim descreveu a importância destas incursões pela cidade:

“Não adianta ficar só na *quebrada* andando (...) tem que *colar* em uns *pico* de rua, mostrar que tem a *base* em diferentes terrenos, não só em pista. Mas ir para os *pico* sozinho é *osso*, é legal ir com os camarada, quando chega em *banca* os caras respeitam mais”.

Portanto, a construção da lógica do território-bairro ao trafegarem pela cidade, aponta para a necessidade dos skatistas de, por um lado, extrapolar os limites espaciais do bairro para andarem de skate em diferentes *picos*, assim como para adquirirem

vestimentas e equipamentos, ou ainda se deslocarem para shows e bares/casas noturnas em diferentes pontos da cidade. Por outro lado, a construção destes territórios itinerante nos corpos, aponta para a necessidade dos skatistas de manterem uma filiação frente a espaços que, por não possuírem mais a segurança oferecida pelo bairro de origem (dada por relações de pertencimento via conhecimento), se apresentam potencialmente como locais de uma maior hostilidade e insegurança em virtude do desconhecimento das pessoas e grupos que circulam e habitam os espaços fora de suas cercanias.

Assim, tornar-se-á importante para os skatistas quando saem de seus bairros de origem, carregar consigo esta aliança como forma tanto de garantir uma maior segurança do grupo, como também de levar o nome do bairro — e conseqüentemente de sua localidade — para além de sua fronteira espacial. Ao projetar o nome de sua localidade, o skatista busca criar uma relação de reconhecimento e de notoriedade frente ao universo mais amplo de interatividade dos skatistas:

“Você pode chegar em um *pico*, mesmo que não conheça, dar seu *rolê* de boa e sair fora que ninguém vai te *atravessar*, ninguém vai pesar na tua (...), mas eu acho melhor chegar *queimando uma idéia, tá ligado?* Perguntar de que *quebrada* é, falar de onde você vem, pois da próxima vez que você trombar os caras, eles já te reconhecem, já *ligam* os outro mano do meu *proceder*” (André, 26 anos).

O movimento de apropriação do espaço urbano executado pelos skatistas, ao contrário do que acontece com as torcidas organizadas que se locomovem pela cidade em massa (Toledo, 1996: p. 79), tendem a ocorrer sob a forma de micro-grupos que coagulam em determinados pontos. Estes pontos podem ser ocupados tanto para a prática do skate, como para encontros que extrapolem propriamente a prática esportiva: este é o caso de

shows, baladas, ou ainda eventos voltados ao universo do skate como, por exemplo, o lançamento das *demos*.

A incursão em universos que extrapolam a prática esportiva torna evidente o diálogo que o skate estabelece com outras manifestações do universo juvenil, visto que, na medida em que o jovem passa a praticar um estilo de vida skatista, abre um campo de possibilidades de ação e interação com outros universos. Este é o caso, por exemplo, da cultura hip-hop, assim como das manifestações que abarcam o universo mais amplo do rock (punk, hardcore, heavy-metal, straight-edges), além dos esportes radicais — em especial às atividades denominadas esportes de prancha. As trocas praticadas por estes diferentes universos apontam para a capacidade que o skate tem de interagir e de se manter em constante diálogo com diversas manifestações esportivas e juvenis.

No entanto, para compreender melhor a dinâmica dos skatistas na metrópole, tornar-se-á necessária uma leitura da relação entre corpo e cidade, em que cabe ao corpo movimentar-se, de modo a afetar e deixar ser afetado pelo espaço urbano. A cidade, por sua vez, deve ser percebida não como um espaço exclusivamente voltado à circulação de bens e mercadorias, mas, como um conjunto de práticas apoiado nos movimentos oriundo dos fluxos corporais que a atravessam, de maneira que o espaço urbano se desdobre em redes constituídas através da multiplicação de trajetórias (Caiafa, 2002). Assim em suas práticas cotidianas a cidade pode ser cartografada por meio de micro-ordens que se entrecruzam formando diversos circuitos construídos através de processos que evidenciam tanto a fragmentação, como a pluralidade do meio urbano.

Portanto, a apropriação do meio urbano por parte dos skatistas acontece por meio de um plano de intensidades e intersecções, que aponta não para o uno (ênfase na fronteira) ou



para o múltiplo (variação sobre o mesmo), mas sim para uma pluralidade de experiências que fluem de acordo com o desejo de ocupar a cidade.

Nesta perspectiva, para identificar espacialmente como que os skatistas praticam cidade, o trajeto será de delimitar uma região de São Paulo que os skatistas convergem no intuito de se apropriar de sua arquitetura urbana. O movimento que leva as diferentes localidades se projetarem para fora de seus bairros, a princípio, se deve a existência de *picos*, geralmente localizados nas regiões mais centrais da cidade. Valendo-se da categoria de mancha, elaborada por Magnani (2002: p. 22 – 23), cuja característica consiste na existência em uma região de equipamentos (*picos*) voltados a uma determinada prática, que se interligam por contigüidade espacial, além de serem referenciais, físicos, visíveis e públicos. Segundo o autor ainda, estas características permitem que haja uma circulação mais ampla de pessoas (do que na localidade) — embora exista uma maior impessoalidade —, além de propiciar encontros imprevistos e cruzamentos variados.



Foto: skatistas no Vale do Anhangabaú (Renato Custódio).

Em ressonância com a categoria de Magnani, e tomando como recorte os skatistas na cidade de São Paulo, pôde ser observada a existência de uma mancha skatista na região central da cidade, espaço este, caracterizado como lugar “privilegiado de intercâmbios, ponto de saturação semiológica, é também o local da aventura, do acaso, da extravagância, das fugas. Fluxos de populações, fluxos do desejo” (Perlongher, 2008: p. 70).

O fluxo de um grande número de skatistas para este espaço se justifica pela arquitetura urbana (equipamentos) favorável para a prática do skate, somada a localização que permite que as localidades de diversos pontos da cidade possam ocupá-la. Pelo centro passam as principais linhas de ônibus e metrô que levam para diferentes locais da zona metropolitana de São Paulo. Um terceiro fator ainda é que no centro encontram-se diversas lojas dirigidas ao consumo de peças, vestimentas e outras mercadorias voltadas para o público skatista.

Assim, locais como o Vale do Anhangabaú, Praça Roosevelt, Praça da Sé, Estação São Bento/Santa Ifigênia, Pátio do Colégio e Praça Ramos se metamorfoseiam em pistas de skate ao serem ocupadas por estes corpos. Antes de adentrar na descrição mais retida sobre o território e a população, ou seja, entre a relação dos skatistas com os *picos*, é importante ressaltar que os skatistas que ocupam a maioria destes pontos são, majoritariamente, praticantes da modalidade *street*, o que representa cerca de 90% do total de praticantes, segundo dados da Confederação Brasileira de Skate (CBSK). Outro ponto importante, é que embora alguns skatistas se dirijam para determinados pontos de maneira mais assídua, a relação de localidade não é tão forte e visível como nos bairros.

Deste modo, seguindo os skatistas pelo centro de São Paulo, foram observados os seguintes *picos* onde existe um movimento de *apropriação*, entendido como modo de desterritorialização da arquitetura urbana por meio da prática de um espaço liso:

- **Pátio do Colégio e Estação São Bento/Viaduto Santa Ifigênia:** os skatistas que se dirigirem para estes pontos, localizados na região conhecida como centro velho, tem como objetivo executar tipos de manobras conhecidas como *solo*, em que se utilizam da superfície lisa e sem obstáculos destes espaços para treinar *linhas* e manobras. O *solo* é uma prática também muito realizada em quadras poliesportivas de bairro, assim como na marquise do Parque do Ibirapuera (frequentada também por praticantes da modalidade *freestyle*), espaço este historicamente conhecido no meio do skate como sendo o principal local para este tipo de *sessão*.



Foto: skatistas no Pátio do Colégio (Homero Nogueira)

Atualmente, a assiduidade de skatistas nestes pontos tem sido pequena, em especial na Estação São Bento/Viaduto Santa Ifigênia, que durante o final dos anos 80 e início dos anos 90 era um dos principais destinos dos *streeteiros* paulistanos, espaço este compartilhado com os membros da até então incipiente cultura hip-hop. As

recorrentes repressões policiais contra a prática do skate, tem sido um fator que também levou a uma diminuição do uso destes *picos* por parte dos skatistas.

- **Praça da Sé:** Por apresentar uma variedade de obstáculos, tal como degraus, bordas, escadas e paredes, que permitem ao skatista uma maior interação e diversidade de manobras, a praça da Sé (conhecida como o ponto zero de São Paulo) tornou-se um dos pontos mais frequentados da mancha, inclusive sendo palco de inúmeros ensaios fotográficos e filmagens para as *demos* produzidas pelos skatistas. Assim como acontece com o Pátio do Colégio e a Estação São Bento/Viaduto Santa Ifigênia, na Sé os skatistas também sofrem com a repressão policial, embora em menor intensidade (por ser um espaço de maior degradação urbana, a polícia acaba por não dar tanta atenção para a ação praticada pelos skatistas).



Foto: skatistas durante *sessão* na Praça da Sé (Sidney Arakaki).

- **Praça Roosevelt:** Localizada em outra extremidade da mancha, entre a região da Praça da República e o final da Rua Augusta, este ponto é considerado um dos mais tradicionais para a prática de skate em São Paulo (sua ocupação data desde de meados da década de 80). Como acontece com a Praça da Sé, a Roosevelt oferece uma variedade de obstáculos ao skatista, com destaque às paredes inclinadas nas extremidades que se transformam em transições para execução de diferentes manobras. A partir de 2008, skatistas passaram a realizar pequenas obras para transformar a Praça — como diz na gíria nativa — em um *pico* mais *skatável*. Foram construídas transições e uma borda em formato de corrimão, ambas de cimento, visando uma maior fluidez dos skatistas no espaço. Embora a praça esteja bastante degradada, é um dos *picos* preferidos pelos skatistas.



Foto: Praça Roosevelt (Homero Nogueira).

- **Vale do Anhangabaú:** situada no meio da mancha, entre a região da Praça da República e o centro velho, o Anhangabaú é o *pico* mais procurado pelos skatistas

que se dirigem ao centro de São Paulo. Este ponto passou a ser ocupado pelos skatistas após as obras de reurbanização que aconteceram no início dos anos 90, durante a gestão da então prefeita Luiza Erundina, em que foram construídas espécies de arquibancadas de granito (material que resiste ao atrito com o skate).

Os skatistas, logo após sua inauguração, passaram a usar o espaço para treinarem, em especial, as manobras *de borda* (movimento em que o skate desliza pelas bordas dos obstáculos). Este tipo de *sessão* passou a ser muito praticada nos anos 90, tornou-se referência de “skate moderno” por exigir do skatista uma grande habilidade técnica, diferente do estilo dos anos 80 que enfatizava mais a velocidade. Assim, o Vale do Anhangabaú se tornou junto com o Monumento do Ipiranga – localizado no Parque do Ipiranga, na zona sul – o principal espaço para prática deste estilo moderno de se andar de skate. O reconhecimento deste *pico* pode ser averiguado na sua presença em diversos vídeos de skate, em que sua fama no meio do skate se propagou inclusive para fora do país.



Foto: skatista no Vale do Anhangabaú (Marcos Gomes).

Em recente visita ao Brasil, um dos principais skatistas da atualidade, o estadunidense Paul Rodrigues, ao ser questionado em um programa de televisão sobre o que sabia a respeito da cidade São Paulo, ele respondeu: “Conheço apenas as bordas do Vale do Anhangabaú, através dos vídeos de skate que vi do Brasil”<sup>13</sup>.

- **Galeria do rock:** este ponto, localizado entre a rua 24 de maio e a avenida São João, é conhecido por ser um local de encontro e consumo de diferentes manifestações do universo juvenil, tal como o hip-hop, o rock e o próprio skate. No entanto, possui uma característica que extrapola a dimensão voltada simplesmente ao consumo, visto que ali se desenvolve uma centralidade lúdica de lazer, em que são construídas redes de interações (Frúgoli, 1992).

Nesta perspectiva, a Galeria do rock se apresenta como um lugar que, além de permitir o contato com as novidades do mercado de skate, também seja um ponto em que se possa tomar conhecimento de campeonatos e eventos por meio de flyers e pôsteres afixados nas lojas voltadas ao skate e ao estilo denominado *streetwear*. Em geral, ali também é o espaço em que o skatista encontra seus pares, constrói uma relação de reconhecimento por meio do estilo.

Em grande parte das lojas também são exibidos vídeos de skate, o que provoca uma coagulação de skatistas que rapidamente passam a se sociabilizar por meio de comentários a respeito das manobras realizadas. Para alguns, inclusive, portando seus respectivos skates, os vídeos servem como fonte de inspiração e uma forma de adrenalizar seus corpos para *sessão* a ser realizada nos outros pontos da mancha.

---

<sup>13</sup> Programa Skate Paradise [Rede ESPN Brasil, março de 2007].

Entretanto, as interações construídas na Galeria do Rock não acontecem somente entre skatistas transeuntes que trafegam pelo espaço, visto que muitos funcionários das lojas também são skatistas. Isto faz com que haja uma relação de um maior reconhecimento entre os próprios lojistas, e deles com os consumidores/transeuntes, pois além de compartilharem o gosto comum pela prática do skate, eventualmente se conhecem também por terem já compartilhado *picos* na cidade. É comum ainda que após o encerramento do expediente, muitos dos lojistas se dirijam para outros *picos* da mancha para *sessões* noturnas de skate pela região central de São Paulo.

- **Galeria Olido:** o cinema da Galeria tem sido ponto para o lançamento de vídeos (as *demos*) produzidos pelos próprios skatistas. A ocupação deste espaço ocorre de modo mais esporádico, só quando acontece este tipo de evento.

Recentemente, mais especificamente a partir do ano de 2008, a mancha da região central passou (com a reforma do calçamento da avenida Paulista e a inauguração da pista de skate no Parque Zilda Natel, situada na avenida Doutor Arnaldo) a se dilatar com a incorporação destes dois novos pontos. A rua Augusta tornou-se, para muitos skatistas, a rota de ligação entre a Paulista e o centro da cidade, onde se localizam os demais *picos* da mancha. Esta via, por um lado, oferece condições favoráveis (mesmo com o tráfego intenso de veículos) para o trânsito de skatistas pelo fato de ser uma ladeira de revestimento liso que desemboca na Praça Roosevelt (um dos pontos da mancha central). Por outro lado, a existência de inúmeros bares e casas noturnas voltadas ao universo jovem, em especial ao público do rock (punk, straight-edge, hardcore), permite que — por motivos que extrapolam



a prática do skate — muitos skatistas acabam por atravessar este espaço para se socializar com outras manifestações afins.

- **Avenida Paulista:** com a troca do calçamento (as pedras portuguesas foram retiradas para em seu lugar ser colocado um revestimento de concreto liso) a Paulista tornou-se um espaço privilegiado para a prática do skate. No entanto, frente ao grande fluxo de pessoas que transitam por ali durante o dia, os skatistas acabam por ocupar a avenida no período noturno, já que o número de pedestres diminui neste horário. Assim como acontece no resto da mancha são os skatistas da modalidade *street* que ocupam o espaço, embora, ao contrário do que acontece com os outros pontos, na Paulista pode-se perceber a presença de jovens que utilizam o skate apenas para passeio ou como meio de transporte, e não para execução de manobras. Este fenômeno pode ser percebido também em parques da cidade, como é o caso do Villa-Lobos e do Ibirapuera (que oferecem, inclusive, o serviço de aluguel de skate). Geralmente, não há interação entre estes dois universos, o dos jovens que utilizam o skate de modo radical e, os que usam para passeio.

Devido a alguns conflitos com transeuntes e comerciantes locais, que acusam os skatistas de desrespeitarem os pedestres e de destruírem o patrimônio público, a prática do skate tem sido alvo, por vezes, de repressão policial. Em especial no final do ano, quando prédios da Paulista recebem adornos natalinos que atraem diversos turistas. Neste instante, com o aumento do volume de transeuntes pela avenida no período noturno, e, como forma de evitar possíveis atritos, a prefeitura — como forma de retirar os “corpos indesejáveis” do espaço — passou a proibir sua prática

no local. Contudo, após os períodos de festas, a repressão abrandou e os skatistas voltaram a circular pela Paulista.



Foto: Jornal do Metrô.

- **Pista do Parque Zilda Natel:** mais conhecida pelos skatistas como pista do Sumaré, em razão de estar situada próxima ao metrô de mesmo nome (entre a rua Cardoso de Almeida e a avenida Doutor Arnaldo), este ponto da mancha tem como característica ser o único destinado propriamente para a prática de skate, ou seja, é o único espaço que é de *propriedade* dos skatistas (ali não há o movimento de *apropriação*), além de ser o local mais distante no que diz respeito à contigüidade espacial. Sua localização privilegiada, próxima do centro e ao lado do metrô, possibilitou que a pista do Sumaré tenha se tornado um dos locais mais frequentados pelos skatistas na cidade. A existência de obstáculos da modalidade *street* (*caixote, pirâmide, transição*) e do *vertical* (*mini-rampa e banks*), tem feito

com que este ponto receba um público mais diversificado de skatistas do que os outros *picos* da mancha.

A maior diversidade apresentada na pista do Sumaré aponta para uma intersecção entre a mancha do centro, povoada majoritariamente pelos *streeteiros*, e o circuito mais amplo formado pelas pistas de skate distribuídas nas diferentes regiões da área metropolitana de São Paulo. A formação deste circuito, fruto da construção de diferentes pistas de skate, em especial pela prefeitura, será alvo de uma investigação mais retida no final deste capítulo.

É importante ressaltar ainda que a região central de São Paulo possui outras duas pequenas pistas, uma na Várzea do Glicério e a outra na Rua Maria Paula, mas, em virtude do projeto arquitetônico ruim, estes espaços acabam sendo ignorados pelos skatistas que se deslocam pela mancha. Os skatistas abrem mão de sua *propriedade*.

Deve-se levar em consideração ainda que a mancha, sob a perspectiva de um olhar diacrônico, possui um dinamismo produzido basicamente por dois motivos. O primeiro diz respeito ao aparecimento de novos pontos de encontro dos skatistas, seja para andar de skate ou não. Recuando um pouco no tempo, mais especificamente para a década de 90, a mancha skatista no centro possuía, entre seus diferentes *picos*, casas noturnas voltadas, entre outros, para o público do skate. Este foi o caso, por exemplo, do *Urbânia* localizado entre o Vale do Anhangabaú e a Praça da Bandeira, que em sua estrutura contava com a existência de uma *micro-rampa* ao lado do palco onde ocorriam shows, especialmente de conjuntos de *rap bate-cabeça*, rock e de hardcore. A existência destes equipamentos veio a

intensificar ainda mais a aliança do skate com estas outras manifestações do universo juvenil.

O segundo motivo que leva a um dinamismo na mancha se deve às eventuais interdições a prática do skate em seus diferentes equipamentos. Estas situações possuem uma certa sazonalidade, pois de tempos em tempos locais antes interditos para a prática do skate acabam por ser liberados, geralmente não por decreto, mas pela persistência das práticas cotidianas que leva a uma certa indiferença em relação às suas ações neste espaço. Ou seja, pelo fato de haver skatistas todos os dias no espaço, mesmo este local não sendo, a princípio, voltado para a prática do skate, eles acabam se tornando parte da paisagem, deixam de ser um corpo estranho no local. Sua *apropriação* deixa de causar estranhamento, pois afinal, se pegarmos o Vale do Anhangabaú como exemplo, quem são os usuários habituais do espaço? São mendigos, “vagabundos” e prostitutas. Como diz um skatista assíduo do *pico*: “É trocar seis por meia dúzia, se a gente não tá andando aqui, o *pico* é dominado pelos *mendigos*, usam o espaço até como banheiro para fazer suas necessidades”.

Esta situação de interdição aconteceu, por exemplo, no Vale do Anhangabaú no ano de 2003, em que, por ordem da instituição mantedora do espaço (o Banco de Boston), a prática de skate passou a ser proibida no local, sob a alegação da necessidade de se manter a ordem para revitalizar o espaço. Na realidade, a intenção da ação era — ao tirar os corpos indesejáveis que até então ocupavam o espaço, ou seja, mendigos, skatistas, prostitutas e “vagabundos” — criar um novo público que usufrísse o local. Meses depois, frente à ineficácia da ação (o novo público não veio), o skate voltou a ser praticado em suas dependências com um abrandamento da repressão policial e a reocupação do espaço por seus antigos usuários.

A interdição de determinados *picos* não impede que os skatistas ocupem o espaço, o que muda é a duração da intervenção, pois ela tende a ser efêmera: dura até a polícia chegar. Esta situação provoca uma diminuição do campo de ação da mancha na região central da cidade, e que ela assuma uma perspectiva de ilegalidade e conflito no espaço. Em contrapartida a *apropriação* dos skatistas (como será abordado mais adiante na pesquisa), a prefeitura tem construído ao longo desta última década equipamentos voltados exclusivamente para a prática do skate em diversos bairros localizados, majoritariamente, em regiões mais afastadas da cidade.

Neste sentido, a *apropriação* praticada pelos skatistas pode ser entendida como um vetor de desterritorialização da ordem urbana: “ele violenta por sua própria situação, a ordem estabelecida, e lembra o valor da ação do pôr-se a caminho” (Maffesoli, 2001: p. 41). Logo, os skatistas passam a construir uma espécie de trajeto nômade que abre os limites e se espalha para um espaço aberto, análogo ao movimento executado pelos punks em suas experimentações pela cidade:

A gangue é uma experiência coletiva. Tentar compreender o seu funcionamento é acompanhar o investimento do bando num agenciamento coletivo: é assistir a como o desejo se arma como exercício de grupo, e ao que eles usam para fazê-los circular, em que outras estratégias se apóiam nessa experimentação, o que aproveitam do espaço urbano, que é o seu meio, para esse exercício, o que serve e ajuda, o que emperra e constrange (Caiafa, 1989: p. 63).

Portanto, na medida em que busca fazer cidade, através do desejo como vontade de potência, o skatista constrói “sua pequena máquina privada para ramificar-se em outras máquinas coletivas” (Deleuze e Guattari, 1997: p. 24). Se ele assim desejar, poderá — ao

contrário do sedentário que se organiza por papéis, funções e expectativas — deslizar pelo espaço liso povoado por agenciamentos, singularidades e afectos.

❖ **A busca pelo novo: ou como transbordar pelo meio.**

*“A erva existe exclusivamente entre os grandes espaços não cultivados. Ela preenche os vazios. Ela cresce entre, e no meio das outras coisas. A flor é bela, o repolho útil, a papoula enlouquece. Mas a erva é transbordamento”.*

Gilles Deleuze e Felix Guattari.

*“Em terras ociosas é que viceja a erva daninha”.*

Lavoura Arcaica, Raduan Nassar.

O skatista ao extrapolar os limites de seu bairro e ao percorrer os diferentes equipamentos da mancha, passa a delinear trajetos na cidade que, mais do que ligar um ponto ao outro, representam o fluxo destes corpos no espaço mais abrangente da cidade. No entanto, ao atravessar os trajetos, sofrem de um certo desassossego, pois ao entrarem em contato com os pórticos — que são os espaços de circulação entre os pontos de ocupação da cidade, caracterizados como “a terra de ninguém, lugar do perigo e do vazio sem fronteiras” (Magnani, 2002: p. 23) —, passam a desferir um olhar diferente sobre as coisas da cidade.

O skatista, por meio da sensualidade de seu olhar, produz uma percepção molecular que enxerga as dobras da arquitetura urbana. Ou seja, curvas das ruas, bancos de praça, corrimãos, paredes e escadas passam a ser avaliados através do olhar do skatista de um modo singular; olhares estes que vêm novos significados e potencialidades destes

diferentes equipamentos. Por intermédio do desejo, observam os pórticos como potenciais *picos skatáveis* e, assim, abrem os limites do espaço e transformam a rua em um deserto, isto é, criam um campo de possibilidade de atuação no espaço urbano que vai além dos códigos que fixam um determinado ordenamento espacial.

Deste modo, a relação do skatista com o pórtico produz novas formas, age por reorganização das funções e reagrupamento das forças, produz interações a partir do desejo criado pela relação das intensidades emanadas pelo espaço. Este movimento é construído na medida em que o skatista busca encontrar novos *picos* para a prática do skate, em que o processo resignificação do pórtico — enquanto meio de se praticar cidade como uma forma de “instaurar uma correlação de forças em um fluxo móvel de criação e destruição” (Tótor, 2007: p. 11) —, deve ir além da construção de uma percepção visual sobre o espaço.

Este tipo de percepção, a princípio, produz uma vontade que irá povoar seu corpo de intensidades e desejos de ocupar os pórticos. No entanto, este instante é marcado ainda por uma certa passividade do skatista, em que para ele realizar sua busca por inovação e risco (é este o desejo produzido pelo olhar) — características estas que estão na gênese dos esportes radicais (a construção de um corpo adrenalizado) —, caberá a ele se lançar *rumo ao perigo e a terra e ninguém*.



Foto: skatista ataca um pórtico da cidade (Homero Nogueira).

Frente ao desconhecido e ao iminente conflito deflagrado pela resignificação do espaço, tornar-se-é importante que o skatista esteja acompanhado por seus pares do pedaço, de modo a oferecer-lhe maior segurança frente aos riscos que envolvem as incursões pelos pórticos. Outras estratégias usadas pelos skatistas são a exploração de locais desabitados, e a intervenção em horários alternativos, como forma de evitar conflitos com outros possíveis usuários do espaço.

Neste sentido, conforme os pórticos passam a ser ocupados pela ação plástica dos skatistas, acabam por se transformar em territórios, tomados como uma espécie de nódulos-integradores (Diógenes, 2003), que apontam para os espaços da cidade em que os skatistas interferem em ato, em que o desejo criado na relação de sensualidade de seu olhar com a cidade, se territorializa no prazer da ação, de modo a produzir adensamentos e coagulações no espaço:



E que momentos são estes que os *punks* acertam juntos? Momentos de interferência em ato (...) ação que parece não apostar em um futuro, sem planos, sem finalismos, agir sobre o instante, em cima da hora, aproveitando a oportunidade, o bom momento, o kairós do desejo (Caiafa, 1989: p. 63).

No entanto, os nódulos-integradores que geram os espessamentos, só existem para serem abandonados, são territórios em movimento: os skatistas “não nomadizam pela extensão de seu movimento, mas pela intensidade da trajetória” (Caiafa, 1989: p. 68). Assim os espaços são submetidos ao próprio trajeto; o nômade, ao contrário do sedentário, não cultiva o espaço, não cria raízes que possam fixá-lo. O skatista ao utilizar o pórtico, improvisa, experimenta e joga no acaso:

A arte de improvisar, a arte de introduzir o acaso no seio do movimento, é um exercício de alto risco. Porque a cada instante se recria o caos, se refaz o território e se reconstroem as máquinas de desterritorialização para seguir linhas de fuga (Gil, 2008: p. 136).

Neste contexto, o skatista não busca edificar nada que possa fazer com que ele tenha que permanecer no local, ele apenas toma o espaço em sua paisagem natural e produz pequenas adaptações, que tem sentido só enquanto estes corpos estiverem no espaço. Ao abandonarem os pórticos, estas adaptações e marcas deixadas pelos skatistas, fruto das intensidades vivenciadas por sua prática, ganham um novo sentido, passam a ser codificadas pelos usuários habituais e transeuntes como marcas de desordem, vandalismo e de transgressão do espaço ocupado.

Logo, este movimento faz que os pontos (pórticos) sejam arrebatados pela *linha*, um processo de *apropriação* se deflagra, os pórticos só existem para serem deixados. O skatista equivalendo-se de sua territorialidade móvel, itinerante, mantém a velocidade, ele continua a *remar*, uma sonoridade intensa, um vôo rasante, rasga o asfalto possibilitando que, novamente, ele se coloque a caminho na busca por um novo bom momento, um novo kairós do desejo.

Esta rua larga que desce dura uma eternidade (...) e essa longa rua que sobe (...) é outra eternidade (...) Estes caminhos são contrários, opõe-se um ao outro, e encontra-se aqui neste pórtico. O nome do pórtico está escrito em cima: chama-se instante (Nietzsche, 2007: p. 139).

## ▪ POLÍTICAS PÚBLICAS COMO APARELHO DE CAPTURA

*“Assim é para os bandos e gangues, é o Estado que se apropria da máquina de guerra e a absorve para o seu serviço. Contudo, foi desde o início que a máquina de guerra manteve contato com o Estado, ao mesmo tempo em que produzia um fora em relação a ele. É assim que o Estado triunfa, ao estar desde o início em perpétua interação com a máquina de guerra, o constante trabalho do centro de poder convertendo os fluxos para sua zona de potência e a qualquer momento essa conversão podendo emperrar a máquina de guerra”.*

Janice Caiafa.

As formas de *apropriação* do espaço urbano pelo qual os skatistas praticam cidade, como visto na seção anterior, produzem um duplo movimento. Por um lado, o uso criativo da arquitetura urbana permite com que haja um movimento de territorialização da experiência dos skatistas em determinados espaços da metrópole. Estes espaços, denominados como *picos*, possibilitam que diferentes localidades de skatistas transbordem de suas respectivas fronteiras espaciais, determinadas pela dimensão espacial do bairro, e passem a *fazer cidade* por meio da construção de um espaço liso.

Por outro lado, este movimento de *apropriação* e de formação de *picos*, produz uma desterritorialização na medida em que descaracteriza a organização e as funções de determinados equipamentos urbanos, em prol de um uso lúdico e criativo destes espaços:

É porque pode se deslocar, o bárbaro afirma sua soberania sobre a própria vida. É seu escapismo, essa capacidade de se movimentar, que o predispõem toda hora à sublevação, aos transbordamentos afetivos, à quebra da ordem estabelecida (Maffesoli, 2001: p. 43 – 44).

Esta quebra da ordem estabelecida, não quer dizer que o skatista seja contra o espaço urbano, mas sim pela forma como ele se organiza. Ao ocupar o espaço com suas manobras plásticas, ele perfura a lógica da representação e das funções atribuídas aos diferentes equipamentos presentes na paisagem, dando novos sentidos e uma profundidade a arquitetura urbana, diferente do significado e do papel originalmente atribuída ao espaço. O que convencionalmente entendemos por um banco de praça, um corrimão ou mesmo uma calçada, para os skatistas são obstáculos pelo qual ele desliza, pois como afirma José Machado Pais:

Os skaters fogem do atrito, mas a ocupação que fazem da rua afronta o convencional. De facto, o skateboard, libertando-se das convenções urbanas, viola a imposição que sustenta a necessidade de um recinto desportivo para a prática de um qualquer desporto clássico (Pais, 2004: p. 14).

No entanto, este tipo de ação que afronta o uso convencional do espaço é associado à deterioração dos equipamentos urbanos e a falta de organização no espaço urbano, pois o atrito do skate deforma os equipamentos e o barulho incomoda os transeuntes e vizinhos. Sua presença na cidade tende a gerar uma situação de conflito, como algo que está fora de lugar, que polui a harmonia do ambiente.

Este foi o caso da proibição da prática de skate no entorno da praça Horácio Sabino em Pinheiros, em que o asfalto foi trocado por paralelepípedos sob a justificativa oficial de minimizar as enchentes, mas que na realidade foi a forma encontrada pela prefeitura em comunhão com parte dos moradores para impossibilitar a prática de skate no local. Frente ao protesto dos skatistas, a prefeitura oficializou a interdição por meio da lei nº 14.139 de março de 2006 que estabelece o confinamento dos adeptos de esportes radicais em locais específicos para a sua prática, mediante utilização de equipamentos adequados (capacete, joelheira), visando a preservação da arquitetura urbana, além de garantir a segurança individual e coletiva (Cotidiano, 2007). Com base nesta lei, o uso de determinados equipamentos urbanos para a prática de esportes radicais vem sendo considerado uma atividade ilegal para o Estado.

Nesta perspectiva, a ação de *apropriação* do espaço urbano por parte dos skatistas deflagra uma situação de perigo aos defensores da *cidade oficial* (De Certeau, 2000). O uso criativo do espaço fere o padrão e as classificações impostas à arquitetura urbana. Para os

defensores da *cidade oficial*, a construção de *picos skatáveis* se configura como uma forma de poluição do espaço urbano:

O nosso comportamento face à poluição consiste em condenar qualquer objeto ou qualquer idéia suscetível de lançar confusão ou de contradizer as nossas preciosas classificações (Douglas, 1991: p. 51).

Portanto, a presença dos skatistas, enquanto desterritorializadores da ordem espacial, tende a ser encarada pelo Estado e por parte da população como uma prática deturpadora da *cidade oficial*, na medida em que coloca o significado (uso habitual) de determinados equipamentos urbanos em risco em virtude de sua ação. Deflagra-se um conflito entre aqueles que acreditam ser os *proprietários* do espaço e os que se *apropriam* dele de forma lúdica.

Posto isso, abordaremos agora os desdobramentos provocados por esta ocupação, no sentido de como em especial a prefeitura de São Paulo, busca conter o conflito provocado pela construção, mesmo que de forma efêmera, de *picos skatáveis* na cidade. As estratégias do Estado para contenção do conflito e restabelecimento da harmonia espacial (de sua organização por meio de funções), serão encaradas aqui a partir do conceito desenvolvido por Deleuze e Guattari (1997b) de aparelhos de captura, entendidos como forças moleculares de controle que, produzidas pelo próprio Estado, penetram no espaço de subjetivação que transbordam sua axiomática (suas funções), de modo a absorver estas forças que lhe escapam, absorvendo-as para seu próprio fluxo de organização.

Os aparelhos de captura agem nos corpos que lhe escapam no intuito de despontecializar suas intensidades, estriar o espaço liso, ação esta que não opera por repressão ou ideologia: “elas não constituem o combate de forças, são apenas a poeira

levantada pelo combate” (Deleuze, 2005: p. 39), mas, por processos de normalização e modelização do movimento e do desejo.

Neste sentido, a prática do skate “fora de seu recinto desportivo”, no movimento de *apropriação* tende a ser enquadrada como uma forma de delinquência juvenil, pois como afirma David Matza:

Os delinquentes estão profundamente envolvidos numa incansável busca por excitação, de ‘sensação’ ou de ‘emoções’. O estilo de vida aprovado é o da aventura.(...) Ao cortejar o perigo físico, fazendo o que é proibido, e desafiando as autoridades, não está simplesmente se arriscando; está criando os riscos, numa tentativa de produzir excitações (Matza, 1968: p. 89 – 90).

Logo, na medida em que o skatista produz situações de conflito no espaço urbano, encaradas como forma de delinquência, ele tornar-se-á alvo de ações policiais (no sentido amplo do termo) visando restabelecer a harmonia da ordem espacial. Neste contexto, o Estado irá valer-se das políticas públicas como aparelhos de captura para “estriar o espaço contra tudo o que ameaça transbordá-lo” (Deleuze e Guattari, 1997b: p. 60).

❖ **“Bem vindo a Arroyo Moroti”: formas de se cativar um nômade.**

*“Assim se apaziguaram o medo e a desconfiança dos dois Aché e se fortificou neles a certeza de que Arroyo Moroti representava a salvação da tribo, o ponto calmo onde existia o único beeru (homem branco) protetor dos Ache. Algumas semanas mais tarde, a noite deixou surgir dos bosques os dois índios seguidos de toda a tribo (...) esgotados de fugir e sem esperança, renunciavam a tudo e*

*vinham pedir ajuda e proteção no mundo dos brancos. Os nômades faziam uma parada definitiva”.*

Pierre Clastres.

Tomando como referência à cidade de São Paulo, nos últimos anos observa-se que o skate vem se tornando alvo de políticas públicas ligadas à juventude, em que pistas de skate vêm sendo construídas, especialmente em regiões periféricas da capital, tal como aponta a tabela abaixo:

<b>Tabela 1: Construção de pistas públicas e particulares de skate pelo poder a partir da década de 90 no município de São Paulo.</b>			
<b>Período</b>	<b>Pistas de skate públicas</b>	<b>Pistas de skate particulares</b>	<b>Total</b>
<b>Entre 1990-94</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>5</b>
<b>Entre 1995-99</b>	<b>2</b>	<b>5</b>	<b>7</b>
<b>Entre 2000-04</b>	<b>66</b>	<b>25</b>	<b>91</b>
<b>Entre 2005-09</b>	<b>6</b>	<b>4</b>	<b>10</b>

Fonte: Revista Cemporcento skate e pesquisa de campo.

O dados apresentados acima indicam um grande aumento na construção de equipamentos específicos para a prática do skate a partir do ano 2000, tanto por parte da esfera privada, como, especialmente, pelo Estado. Por sua vez, o pequeno número de pistas ao longo dos anos 90, é justificado pela recessão que o skate passou no início da década em decorrência do Plano Collor, em que muitas empresas do ramo do skate foram à falência (Ribeiro, in: Britto, 2000). Já o retrocesso na construção de pistas entre os anos de 2005-09 pode ser explicado tanto pelo esgotamento da demanda, em virtude do grande número de pistas construídas entre os anos de 2000-04 (em especial 2003 quando foram construídas 55

*skateparks* no município de São Paulo), como pela mudança na administração pública do município, em que as políticas públicas voltadas para construção de áreas de lazer em bairros periféricos da cidade fora preterida por ações de outra natureza.

O aumento no número de pistas de skate, portanto, é fruto do processo de crescimento e recuperação da visibilidade do skate na cena urbana a partir dos anos 90. Este processo pode ser entendido por uma conjunção de fatores, tal como o aumento no número de praticantes, o crescimento da aparição do esporte no espaço urbano e nos meios de comunicação, a formação de entidades locais que passaram a pleitear junto a prefeitura a construção de pistas em suas respectivas regiões. Soma-se o fato ainda de o skate possuir a partir da segunda metade da década de 90 uma representação política, personificada no ex-vereador e ex-deputado estadual Alberto “Turco Louco” (PSDB).

Estes fatores levaram a uma maior intensificação do fluxo de skatistas na *apropriação* dos espaços da cidade, rompendo e causando atritos com a ordem urbana que caracteriza a *cidade oficial*. A prefeitura, por sua vez, frente ao aumento no número de praticantes, e, como forma de eliminar estas formas de apropriação que geram conflitos na organização espacial da cidade, passou a focar suas ações no sentido de construir equipamentos voltados exclusivamente para a prática de skate, em especial, em bairros localizados em regiões mais periféricas da capital.

Em decorrência dos atritos envolvendo, de um lado, os skatistas (que por meio de suas práticas corporais criam novas possibilidades de uso da arquitetura urbana), e, do outro lado, as autoridades (que visam resguardar estes espaços como tendo uma finalidade específica), outra medida tomada pela prefeitura foi o aumento da interdição da prática de skate em espaços localizados na região central de São Paulo. Esta medida visava eliminar o



adensamento de skatistas em espaços centrais da cidade que possuem um grande fluxo de pessoas.

Contudo, não basta eliminar apenas os adensamentos (nódulos-integradores) por meio da interdição de determinados equipamentos urbanos para a prática de skate, pois sua referência territorial não reside no espaço físico em si, mas nos corpos que a ocupam, que se *apropriam* dos espaços da cidade e os transformam em território, em *picos skatáveis*.

Logo, para restabelecer a organização urbana por intermédio da produção de fronteiras e de processos de (re)territorialização (reorganizar o espaço a partir de suas funções), o Estado, por intermédio dos aparelhos de captura, buscará interromper o movimento, absorver e remodelar o fluxo do desejo enquanto vontade de potência, domesticar as linhas de intensidade produzidas pelos skatistas, enfim, estriar o espaço liso.

Este processo vivenciado pelos skatistas pode ser pensado de modo análogo à situação de absorção e aldeamento sofrida pelos índios da Amazônia perante a política de fixação praticada por agentes coloniais e a sociedade nacional, pois como afirma Carlos Fausto:

Um fenômeno recorrente nos processos de ‘pacificação’ é a reunião de grupos dispersos em um mesmo aldeamento. A política dos agentes coloniais e da sociedade nacional sempre visou a concentração e à fixação dos nativos em poucos locais, por razões econômicas, logísticas e ideológicas (...) a mobilidade e a dispersão foram percebidas como obstáculos à aculturação dos grupos indígenas e a redução de seu território (Fausto, 2001: p. 125).

É assim que skatistas e indígenas podem ser colocados em paralelo: como objetos de políticas de pacificação. Nesta perspectiva, para entendermos melhor como as políticas

públicas voltadas para o skate se configuram como uma estratégia de captura e aldeamento de skatistas em determinados pontos da cidade, tornar-se-á necessário observar que entre as sessenta e seis pistas de skate públicas (em sua grande maioria municipais) construídas entre os anos de 2000 e 2004, período este de maior intensificação das políticas voltadas para o skate (como mostra a tabela 1), quarenta e cinco delas foram feitas durante o ano de 2003. Neste mesmo ano, um decreto publicado pela prefeitura de São Paulo passou a proibir a prática de esportes radicais no Parque do Ibirapuera (Iwasso, 2003), e, em um dos locais mais freqüentados pelos skatistas de São Paulo, o Vale do Anhangabaú, por determinação da instituição mantedora do local, o Banco de Boston, que passou a proibir a prática de skate neste espaço.



Foto: estrutura metálica posta pela prefeitura em escada próxima ao Vale do Anhangabaú para impedir a prática de skate no local (Alexandre Vianna).

Em ambos os casos, o discurso que justifica a interdição é o da requalificação urbana, em que ao buscar restabelecer a ordem do espaço, os agentes responsáveis por estes espaços acabam por imprimir processos de codificação e reterritorialização (Deleuze,

2005), ou como diria Michel Foucault, de normalização e disciplina. Este discurso possibilita que o skate seja retirado de determinados espaços da cidade, pois é tido como um corpo de práticas indesejáveis, poluidor do espaço urbano. Na realidade, o skatista passa a ser remanejado para outras regiões, onde são reagrupados (aldeados) em espaços exclusivos para sua prática, geralmente localizados em pontos mais afastados da cidade.

Portanto, é neste processo que o aparelho de Estado, entendido como a forma de agenciamentos de reterritorialização (Deleuze e Guattari, 1997b: p. 101), passa a introjetar no skatista a lógica arborescente que “consiste em distribuir os homens em um espaço fechado, atribuindo a cada um a sua parte, e regulando a comunicação entre as partes” (Deleuze e Guattari, 1997b: p. 51). O skate passa a ser organizado, de modo que a distribuição das pistas pela cidade expresse uma nova forma pelo qual os skatistas passam a *fazer cidade*, como elucidada a tabela a seguir:

<b>Tabela 2: localização das pistas de skate construídas no município de São Paulo entre os anos de 1990 e 2009.</b>			
<b>Regiões da cidade</b>	<b>Pistas de skate públicas</b>	<b>Pistas de skate particulares</b>	<b>Total</b>
<b>Centro</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>4</b>
<b>Zona Norte</b>	<b>15</b>	<b>4</b>	<b>19</b>
<b>Zona Sul</b>	<b>27</b>	<b>10</b>	<b>37</b>
<b>Zona Leste</b>	<b>26</b>	<b>5</b>	<b>31</b>
<b>Zona Oeste</b>	<b>7</b>	<b>10</b>	<b>17</b>

Fonte: Guia de pistas Cemporcento skate [2006] e pesquisa de campo.

Com base nos números acima, podemos perceber que a construção de pistas públicas se fez mais presente em regiões de São Paulo consideradas, em média, menos

privilegiadas, devido à existência de maiores rincões de pobreza, como é o caso da Zona Leste e Sul (vinte e seis e vinte e sete pistas respectivamente), e, em menor intensidade, na Zona Norte (quinze pistas). Já na Zona Oeste, considerada uma das regiões mais prósperas da capital, a investida da prefeitura foi mais tímida (sete pistas), sendo que, inclusive, o número de pistas particulares supera o de públicas na região, chegando a dez, quantidade esta só encontrada na Zona Sul, devida à existência deste tipo de equipamentos em bairros, clubes e condomínios mais abastados da região.

No que diz respeito às pistas particulares é importante ressaltar que nos últimos anos diversos empreendimentos imobiliários passaram a incluir *skateparks* entre os equipamentos de lazer oferecidos no interior de condomínios. Tomando como base o ano de 2006, por exemplo, pôde-se observar nos jornais impressos Folha de São Paulo e Estado de São Paulo onze propagandas de lançamentos imobiliários em que pistas de skate figuravam entre os equipamentos de lazer oferecidos pelos condomínios.

Este fenômeno mostra como o skate tem uma penetração não só nas classes populares (como indica o investimento da prefeitura nos últimos anos), mas também nas classes média/alta. Inclusive, pistas vêm sendo construídas em clubes de alto padrão, como é o caso do Clube Pinheiros, que em 2006 construiu um *banks* em suas dependências, e passou a oferecer aulas de skate aos seus sócios.

Retornando à tabela, os dados nos mostram ainda a quase inexistência de uma política pública voltada a construção de pistas na região central da cidade. Como visto na parte anterior, esta é região é considerada uma das principais manchas de lazer dos skatistas, entretanto, foi contemplada com apenas duas pistas públicas, sendo que ambas foram construídas sem consultar os skatistas, de modo que seu projeto arquitetônico se mostrou desapropriado para a prática de skate. Assim estas pistas quase não são utilizadas

pelos skatistas que trafegam pela região central de São Paulo (abriram mão de sua *propriedade*), que, por sua vez, preferem outros pontos do espaço urbano, como, por exemplo, o Vale do Anhangabaú e a Praça Roosevelt, ou ainda a recém inaugurada pista do Sumaré, localizada próxima à região central.

Sob este prisma, as políticas públicas devem ser pensadas para além do bem e do mal, em que as relações de poder presentes neste processo não podem ser entendidas como um atributo do Estado, mas “como o conjunto das relações de forças, que passa tanto pelas forças dominadas, como pelas forças dominantes, ambas constituindo singularidades” (Deleuze, 2005: p. 37). Ou seja, as políticas públicas não agem simplesmente por repressão ou ideologia, mas por processos de normalização e modelização do movimento e do desejo. Este processo, dito de outra forma, faz com que a pista seja também desejante para o skatista, ele reivindica a sua *propriedade*.

Deste modo tornar-se-á necessário encarar as políticas públicas não como um processo meramente de repressão/incentivo da prática de skate em determinados pontos da cidade, mas como formas de absorção e captura do desejo do skatista enquanto vontade de potência de *fazer cidade*. Mais do que uma imposição, as políticas públicas voltadas para os skatistas, consistem também em ações reivindicadas por seus próprios atores dentro do movimento de crescente visibilidade e conflito do skate no espaço.

Neste contexto que o skate passou, a partir da segunda metade da década de 90, por um período de maior estruturação institucional e profissional. No que tange a estruturação institucional, ela se deu por meio da formação de diversas associações, especialmente organizações autônomas de bairro e municipais, em que objetivo principal consiste em pleitear políticas voltadas especificamente para a prática do skate.

Este processo vem de encontro ao movimento pelo qual Nestor Garcia Canclini (1996) chama a atenção: uma aproximação entre as concepções de cidadania (tida como o baluarte da racionalidade) e de consumo (visto como um terreno da irracionalidade). Esta aproximação tem produzido uma espécie de politização do estilo de vida em que, frente a crescente fragmentação da cultura urbana, no sentido da formação de mosaicos de pequenos mundos sociais e culturais, os skatistas passam a se estruturar institucionalmente, por meio de confederações, federações e associações, para pleitear melhorias especificamente para a prática de skate na cidade.

Na medida em que passa a estar mais bem organizado, o skatista corre o risco de abrir mão de sua potência de experimentar, isto é, de constantemente se *apropriar* do espaço urbano como uma “luta pela subjetividade, como direito à diferença, à variação, à metamorfose” (Deleuze, 2005: p. 113). Isto porque ao se organizar, seu desejo passa a focar as formas de *propriedade* e de identidade. O skatista passa a se estruturar em uma manifestação que lhe permite construir um projeto de vida, apoiado pelos aparelhos de captura do Estado, que buscam desde o momento que o jovem passa a incorporar o estilo de vida skatista, produzir formas de sujeição da subjetividade “que consiste em ligar cada indivíduo a uma identidade sabida e conhecida, bem determinada de uma vez por todas” (Deleuze, 2005: p. 113).

O que pode ser chamado de politização do estilo de vida, que no caso do skate está pautado em uma maior organização institucional visando, entre outras coisas, uma crescente aproximação com diferentes esferas do Estado (em especial, o município) no intuito de pleitear a construção de pistas de skate, pode também ser identificado em diferentes manifestações do universo juvenil, inclusive em manifestações afins aos skatistas, como é o caso de projetos que envolvem elementos da cultura hip-hop.

Contudo, a forma de relacionamento junto ao Estado ocorre de modo diferenciado no caso do skate. Isto porque alguns movimentos, como, por exemplo, o punk e os straight-edges, produzem um tipo de politização do estilo de vida baseado em críticas a determinados valores e instituições, e não possuem como fim último chamar a atenção para sua invisibilidade no sentido de buscar uma aproximação ou uma inclusão nas políticas públicas. Em sua pesquisa sobre os straight-edges, Bruna Mantese assim expressou a posição destes jovens com relação ao Estado:

A idéia (de boicote aos produtos e instituições que praticam crueldade com os animais) aqui parece não a de inclusão no Estado ou num determinado mercado de consumo, mas sim de exclusão de ambas as coisas e de construção de algo alternativo a este modelo que esteja em conformidade ao seu sistema de valores e com sua ética particular (Mantese, 2006: p. 94).

O skate, por sua vez, através das diversas associações e por sua representação política, buscou se associar ao Estado para que ele lhe provesse de equipamentos específicos para sua prática. Esta forma de politização, que envolve um processo de domesticação do skatista, não implica em uma crítica e nem tampouco a busca de soluções aos problemas crônicos da sociedade brasileira, mas sim em uma aproximação com o Estado para a viabilização da prática de skate em espaços pré-determinados na metrópole.

Este movimento tem como objetivo englobar tudo aquilo que escapa a organização do Estado, de modo a enquadrar os transbordamentos e transformá-los em instrumentos de captura do Estado. Um processo de pacificação do skatista se deflagra, como meio de cativá-lo através de relações de sujeição e sedução, de modo semelhante ao processo que Carlos Fausto observou entre etnias indígenas na Amazônia:

O verbo que traduzo por ‘pacificar’ é o *mo’ying*, mas talvez sua melhor glosa fosse ‘cativar’, com o mesmo sentido ambíguo que tem essa palavra em português: ao mesmo tempo sujeitar e seduzir (...) implica uma transformação nas disposições daquele que sofre a ação pacificatória em direção daquele que promove a ação (Fausto, 2001: p. 86).

No entanto, falta ainda ao skate (após ser pacificado), uma função que legitime e permita que haja o implemento de políticas públicas voltadas a sua prática. Como que uma atividade, que no final dos anos 80 era proibida em São Paulo, pode se tornar alvo de políticas públicas? Como criar um papel social do skate que justifique o investimento do Estado? É neste contexto que o skate ganha um caráter benéfico, em que a construção de pistas nas regiões mais afastadas da capital, é legitimada sob um discurso no qual o skate, considerado antes coisa de maloqueiro e poluidor do espaço urbano, ganha uma utilidade (função) e um status de uma atividade cidadã. Torna-se um instrumento para supostamente tirar o jovem pobre de um pretense caminho às drogas e a criminalidade, além de deixá-lo afastado em espaços pré-determinados para sua prática (todas escolas de skate no qual se teve notícia, estão localizadas dentro de instituições e/ou pistas, nenhuma ocupa os *picos*).  
Seduz para sujeitar, controlar:

A prisão enquanto segmentaridade rígida remete a uma função flexível e móvel, a uma circulação controlada, a toda uma rede que atravessa também os meios livres e pode aprender a sobreviver sem a prisão (...) já não necessita de detenção nem de condenação (...) o internamento remete a um lado de fora, o que esta fechado é o lado de fora (Deleuze, 2005: p. 52).



O Estado, portanto, por meio dos aparelhos de captura, busca absorver os movimentos de *fazer cidade* que lhe escapa, e, após o choque, mudar-lhe o sentido e organizar o movimento a seu favor. O skatista passa a se organizar, passa a desejar a *propriedade* em prol da *apropriação*:

“Skate direito do cidadão, dever do Estado” (frase estampada em uma camiseta).

A construção de pistas representa a forma pelo o Estado tem tentado enquadrar o fluxo dos skatistas no meio urbano (criar-lhe um corpo organizado), e restaurar a harmonia espacial da cidade, em especial, em suas regiões mais prósperas e de maior circulação. Como afirmou um policial ao abordar e expulsar skatistas de um *pico* (uma praça de uso público), cena esta vivenciada em uma incursão de campo:

“O que vocês estão fazendo aqui (...) aqui não é lugar para andar de skate. Não tem pista de skate para vocês?! Na próxima eu levo todo mundo para o distrito seus *maloqueiros!*”.

O aldeamento do skatista tem como objetivo último, portanto, criar um corpo organizado ao skatista, um corpo como clausura, como afirma Glória Diógenes sobre a busca de se regulamentar os corpos na esfera pública moderna:

O preço de ter um corpo é o de poder experimentá-lo apenas dentro de limites definidos para sua existência (...), pois é ele, no corpo, que se coloca a possibilidade de transbordamento, de desfiguração das fronteiras entre o individual e o social. É assim que o corpo se torna analisável, manipulável, para que possa ser mais bem controlado (Diógenes, 2003: p. 189).

Logo, na medida em que o skatista torna-se alvo da ação dos aparelhos de captura, seu corpo sofre um processo de organização via sedução e sujeição, em que sua potência de evasão deixa de estar no trajeto e passa para o ponto, isto é, a pista torna-se um território fixo pré-determinado onde, como sugere Hobbes, “as águas podem ser contidas por diques ou canais, pois se assim não fossem se espalhariam por um espaço maior, rumo as planícies desconhecidas” (Hobbes, 1974: p. 133).



Foto: pista de skate em região periférica de São Paulo (Cemporcento Skate).

▪ **NOVAS FORMAS DE DERIVA DOS SKATISTAS NA  
METRÓPOLE**

*“As árvores tem linhas rizomáticas, mas o rizoma tem pontos de arborescência”.*

Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Tal como afirmam Gilles Deleuze e Felix Guattari:

Sempre que possível o Estado empreende um processo de captura sobre fluxos de toda a sorte, de populações, de mercadorias ou de comércio, de dinheiro ou de capitais, etc... Mas são necessários trajetos fixos com direções bem determinadas, que limitem a velocidade, que regulem as circulações, que relativizem o movimento, que mensurem nos detalhes os movimentos relativos dos sujeitos e dos objetos (Deleuze e Guattari, 1997: p. 59).

A implementação de políticas públicas voltadas à construção de pistas de skate em diferentes pontos da cidade de São Paulo, como visto na segunda parte da pesquisa, vem produzindo transformações, tanto na forma pelo qual os skatistas se *apropriam* do espaço urbano, como nas relações mais densas (de conhecimento) construídas na dimensão do bairro. Isto porque, as pistas tendem a fazer que os skatistas se fixem mais em seus bairros de origem, de maneira que o movimento por eles executados de fazer cidade passe por uma transformação tenha uma nova dinâmica desenhada a partir da presença de pontos arborificados (as pistas), que exercem uma força gravitacional no fluxo de skatistas pela cidade.

Contudo, como pode ser observado no trabalho de campo, esta nova dinâmica não implica no fim do movimento de *apropriação* dos *picos*, mas sim na diminuição de sua potência, pois, como veremos a seguir, os skatistas passaram a construir novas formas de espraiamento pela cidade, que não mais apenas no fluxo bairro (localidade) - centro (mancha) em busca dos *picos skatáveis*. Com as pistas, os skatistas passaram a praticar um movimento, como se diz na gíria nativa, *de quebrada para quebrada*, ou seja, de uma localidade para outra localidade (de bairro para bairro).

Neste sentido, as pistas passam a cumprir um papel que tende a determinar a circulação dos skatistas no meio urbano, como uma espécie de centro gravitacional que leva a formação de uma cartografia onde os pontos (de *propriedade* dos skatistas) passam a compreender as linhas (movimentos de *apropriação*). Isto provoca o desenvolvimento de uma nova dinâmica, construída a partir de territórios fixos e determinados para a prática do skate, localizados de forma dispersa pelos bairros mais afastados de São Paulo. Este novo movimento possibilitou aos skatistas passarem a construir circuitos na cidade. A categoria de circuito é assim definida por Magnani:

Trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de um determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contigüidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais (...) A noção de circuito também designa um uso do espaço e de equipamentos urbanos – possibilitando, por conseguinte, o exercício de sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos -, porém, de forma mais independente com relação ao espaço, sem se ater à contigüidade, como ocorre na ‘mancha’ e no ‘pedaço’. Mas tem, igualmente, existência objetiva e observável: pode ser levantado, descrito e localizado (Magnani, 2002: p.23 – 24).

Utilizando as categorias de Magnani, podemos dizer que este novo circuito tem possibilitado com que o universo da mancha (local em que as relações são de reconhecimento) venha a se projetar na dimensão do pedaço (espaço das relações de conhecimento), na medida em que a pista passa a atrair skatistas de fora da vizinhança para dentro do bairro. Há de se destacar que pelo fato destes equipamentos, em sua maioria, estarem localizadas em bairros periféricos da capital (nas *quebradas*), permite, assim como acontece com o funk no Rio de Janeiro (Herschmann, 2000: p. 237), que muitos jovens procurem a periferia na busca por pontos para a prática do skate. Todavia, para isto acontecer, é importante que os skatistas estabeleçam alianças fora de suas respectivas localidades, mesmo que estas ligações sejam circunstanciais e se esgotem no instante do encontro (Toledo, 1996: p. 111).

Isto porque, ao contrário da mancha que tende a se instalar em territórios mais centrais da cidade — caracterizado por ser um espaço não definido e não delimitado do qual ninguém é propriamente dono — a esfera do bairro, por sua vez, é um espaço marcado por relações mais pessoais, homogêneas e de conhecimento, em que a presença do estrangeiro (aquele que é de fora *da quebrada*) é vista, muitas vezes, com desconfiança por seus moradores.

Nesta perspectiva, as localidades se transformam em pontos de referência, tanto para aqueles que são da *quebrada* como para os de fora, sendo que a pista (como visto de forma mais detida na segunda parte da pesquisa) tornou-se um espaço de pertencimento e reconhecimento dos skatistas residentes do bairro frente aos outros grupos que passam a adentrar seu território. Desta relação, origina-se um sentimento de localidade caracterizado por Antonio Candido, num contexto rural, como uma “porção de terra que os ‘moradores’

tem consciência de pertencer, formando uma certa unidade diferente das outras” (Candido, 2001: p. 84).

Com isso, a categoria de pedaço passa por uma variação, pois tende a perder sua transitoriedade de ocupação, na medida em que as redes de sociabilidade locais passam a ser construídas por meio de uma maior fixação. Ou seja, os skatista de determinado bairro são identificados dentro da dimensão espacial da pista, como sendo os *locais* daquele espaço. Desta forma, o pedaço ao participar de um circuito mais amplo, torna-se mais físico, visível, público e fluído em decorrência da constante presença de skatistas de fora do bairro no espaço da pista, na localidade.

No entanto, este processo não implica na diluição da categoria de pedaço, mas aponta para as transformações que ela vem sofrendo ao ser incluída no circuito do fluxo de skatistas na cidade em busca de pontos exclusivos para a prática do skate. Assim, esta categoria permite ainda sistematizar universos locais de skatistas, pois mesmo com as transformações ocorridas em detrimento da instalação de uma pista no bairro, o pedaço continua mantendo um componente simbólico de identificação e classificação daqueles que são os *locais* da pista, fazendo com que seja conservada uma previsibilidade e uma unidade do segmento. Sabe-se quem anda na pista regularmente, quem são os *locais* e, como já citado, a existência e o reconhecimento destes *locais* tornam-se importantes para com que os skatistas estrangeiros possam utilizar a pista com maior segurança.

No caso de pistas localizadas em espaços privados, como condomínios e clubes, conhecer os *locais* destes espaços significa também ter acesso a espaços de circulação restrita.

É importante ressaltar ainda, que a formação desta localidade por meio de um sentimento de pertencimento a um território específico, não é exclusividade dos skatistas.

Isto porque, esta situação pode ser observada em outros contextos onde um determinado território, que pode ser desde uma praia ou até mesmo uma quadra de futebol é atravessado por diferentes agrupamentos, cujo objetivo é também usufruir o espaço.

Logo, este movimento, que tende a levar a uma fixação da sociabilidade do território–corpo para o território–pista, tem permitido que os skatistas, dentro de suas respectivas localidades, ao mesmo tempo em que mantém relações mais estáveis e pessoais com seus pares da *quebrada*, passem também a estar em contato (sem sair do bairro) com o universo mais amplo, heterogêneo e diferenciado do skate.

#### ❖ **Recortes do circuito.**

Segundo Magnani (2002: p. 24), a categoria de circuito pode alcançar vários níveis de abrangência de modo que cabe ao pesquisador delimitar o seu contorno. No caso desta nova cartografia que vem sendo traçada pelos skatistas, em decorrência do grande número de pistas que vem sendo construídas, acaba acarretando que este circuito contemple uma dimensão espacial muito ampla, em que a principal característica de ocupação é dada pelo *localismo* (pista como território) e pela alternância (busca por conhecer novas pistas).

Neste sentido, no decorrer do mapeamento etnográfico, um circuito que chamou a atenção para um possível recorte, e que tem no Centro Educacional Unificado (CEU) Butantã um dos seus pontos gravitacionais, consiste no trajeto construído por skatistas cuja preferência é o de andar em pistas que tenham entre seus obstáculos o *banks*.

Assim, pôde-se observar que dentro de um circuito mais amplo de pistas que abrange pontos que extrapolam o limite da região metropolitana de São Paulo, já que

muitos skatistas viajam para o interior e para o litoral na busca por conhecer novas pistas (questão da alternância), existe a formação de uma espécie de sub-circuito específico daqueles skatistas que se dirigem à pista para o uso, em especial, do *banks*.

Este obstáculo que foi criado no final dos anos 70 nos Estados Unidos — inspirado nos formatos de piscinas que passaram a ser apropriadas pelos skatistas na busca por uma inovação na forma de se andar de skate<sup>14</sup> — tornou-se popular e requisitado pelos skatistas nos anos 80, inclusive aqui do Brasil. Entretanto, com o crescimento da modalidade *street* e com o fechamento de diversas pistas de skate, o *banks* acabou caindo no ostracismo no decorrer dos anos 90.



Foto: skatista em uma piscina abandonada em Itapeirica da Serra (Renato Custódio).

---

<sup>14</sup> Sobre esta apropriação das piscinas na Califórnia no final dos anos 70, conferir o documentário “Dogtown and Z-Boys”. Este documentário trás também uma dimensão interessante do localismo no surfe, das relações entre diferentes grupos de skatistas (as equipes, como eram conhecidas no período), além do crescimento do skate como atividade esportiva e mercadológica.



Atualmente, com a abertura de diversas pistas de skate (a ênfase dada a estas construções visa contemplar uma arquitetura híbrida que misture o *street* com o *vertical*), o *banks* vem sendo resgatado por ser um obstáculo que além de possuir diferentes formatos e muitas curvas, também é caracterizado por ser uma espécie de meio termo entre o *street* e o *vertical*, possibilitando que praticantes destas duas modalidades possam utilizá-lo.

Todavia, não são todas as pistas que possuem este tipo de obstáculo, além de que sua localização não ocorre de forma contígua. Assim, este sub-circuito é reconhecido em sua totalidade apenas pelos skatistas que o usam de forma mais sistemática. Isto porque uma diferenciação precisa ser feita entre os skatistas que se dirigem para a pista no intuito de usar o *banks*, e aqueles que o utilizam quando estão na pista de uma forma mais esporádica, ou seja, não é exclusivamente este obstáculo que o motiva para ir a determinada pista. É apenas mais um.

Desta forma, existe um público específico que vai para a pista para o uso do *banks*. Ao pesquisador desferir um olhar “de perto e de dentro” frente aos diferentes skatistas que atravessam este espaço, alguns traços indicam aqueles que são os *banheiros* (skatistas que andam em *banks*). O primeiro é a presença de equipamentos (capacetes e joelheiras) que, embora não se configure como uma regra entre seus praticantes, pois muitos skatistas não usam este tipo de equipamento exceto nas pistas onde o seu uso é obrigatório (como é o caso das pistas de São Bernardo do Campo e de Barueri), uma distinção (não absoluta) com relação aos *streeteiros* que, salve raras exceções, não utilizam nenhum tipo de equipamento de proteção.

Um segundo traço que os diferenciam é o formato do skate visto que, ao contrário do *street* que possui rodas pequenas, *trucks* estreitos e *shapes* mais finos (para deixar o skate mais leve para a execução das manobras de *borda* e de *giro*), os *banheiros*, de modo

geral, possuem skates com rodas maiores, além de *trucks* e *shapes* mais largos, visando não tanto à execução de manobras técnicas, mas que o skate possa ganhar mais velocidade e ter uma maior estabilidade. É comum ainda entre este universo de praticantes a crescente presença dos *longboarders*, que são aqueles que possuem skates com dimensões maiores (acima de 40 polegadas), cujo formato lembra uma prancha de surfe. Sua presença é constante também nas ladeiras da cidade, já que muitos *longboarders* são praticantes da modalidade *downhill*.

Outro elemento importante, que caracteriza os *banheiros*, são as técnicas corporais empregadas na sua prática, visto que, as *linhas* no *banks* consistem em movimentos de alta velocidade valendo-se das curvas do obstáculo, manobra esta conhecida como *carving*, que consiste no movimento no qual o skatista arredonda os ângulos das curvas e, com auxílio das transições, produz uma coreografia centrífuga que desenha um trajeto no obstáculo na forma gráfica do infinito. Ao ver um skatista executar um *carving*, a impressão que se tem é justamente de um movimento perpétuo (infinito), em que o skatista insinua com as transições do obstáculo por meio de movimentos de força para ganhar velocidade e, ao mesmo tempo de leveza para manter a rapidez e a agilidade do movimento. Esta técnica, assim como no *downhill* (e ao contrário do *street*), possui um movimento que se assemelha às manobras executadas pelos surfistas nas ondas, onde os corpos buscam se mover com o máximo de agilidade, velocidade e elasticidade, de modo a eliminar ao máximo o impacto e o atrito.

Esta característica acaba fazendo com que muitos surfistas passem a andar de skate, na busca por reproduzir os movimentos executados na onda, mas só que agora no concreto e no asfalto. Por esse motivo, é mais comum encontrar surfistas que estejam na pista para

utilizar a área do *banks*, do que para praticar *street* já que esta modalidade possui movimentos e manobras (por exemplo, os *flips*) inexistentes no surfe.

O atributo do *banks* de produzir um menor impacto no corpo do skatista proporciona aos de idade avançada, ou seja, os *old schools*, usar este obstáculo como forma de praticar uma economia dos movimentos, que tem como objetivo evitar os impactos e os tombos que ocorrem de forma mais sistemática na prática do *street*.

Portanto, os skatistas se locomovem na cidade — ou para além dela — em busca de pistas que possuam um *banks* para a prática do skate, em que se valendo das características do obstáculo, desenvolvam uma técnica corporal específica que transite entre o skate e o surfe, diferente, por exemplo, dos movimentos executados na *mini-rampa*, que dentre os diferentes obstáculos é o que mais se assemelha ao *banks*. Embora cada skatista tenha seu *banks* de preferência, seja por sua localização, seja por seu formato — o que permite que sua presença seja mais assídua em determinada pista — de modo geral o sub-circuito *banks* possui a seguinte geografia, como aponta o quadro abaixo:

**LOCALIZAÇÃO DAS PISTAS DE SKATE COM BANKS NO ESTADO DE SÃO PAULO.**

<b>REGIÕES DE SÃO PAULO</b>	<b>PISTAS PÚBLICAS</b>	<b>PISTAS PARTICULARES</b>	<b>TOTAL DE PISTAS</b>
<b>INTERIOR</b>	CAMPINAS, SOROCABA, TIÊTE, TAUBATÉ, SÃO JOSÉ DOS CAMPOS [2] E AMPARO.	ARARAQUARA [CLUBE NAUTICO] E GUARATINGUETÁ [1:ITAGUARÁ CLUBE; 2: VERT IN ROÇA].	<b>10</b>
<b>LITORAL</b>	SÃO SEBASTIÃO [BARRA DO UNA, CENTRO E BOIÇUCANGA (2)], CUBATÃO, SANTOS, PRAIA GRANDE, CARAGUATATUBA E MONGUAGUÁ.	SANTOS [PISTA DO CHORÃO].	<b>10</b>
<b>REGIÃO METROPOLITANA</b>	BARUERI, SÃO BERNARDO E GUARULHOS.	SANTANA DO PARNAÍBA [ALPHAVILLE RESIDENCIAL 3, 6 E 9] E JUQUITIBA [CS TEAM SKATEPARK].	<b>7</b>
<b>CAPITAL</b>	<b>ZONA SUL:</b> CEU CAMPO LIMPO – IMIGRANTES - PARQUE ARARIBA - CIDADE ADEMAR – JARDIM ÂNGELA - SÃO LUIS. <b>ZONA LESTE:</b> CEU VEREDAS, JAMBEIRO E ARICANDUVA – PENHA – SÃO MIGUEL PAULISTA. <b>ZONA NORTE:</b> PERUS. <b>ZONA OESTE:</b> CEU BUTANTÃ.	<b>CENTRO:</b> CAMBUCI [EZSE]. <b>ZONA SUL:</b> JARDIM PRUDÊNCIA [FIFTY]. <b>ZONA OESTE:</b> PINHEIROS [CLUBES – ALTO DE PINHEIROS E PINHEIROS E BANKS DO MELÃO]. <b>ZONA LESTE:</b> ARICANDUVA [PLASMA SKATEPARK].	<b>19</b>
<b>TOTAL DE PISTAS NO ESTADO</b>	<b>31</b>	<b>15</b>	<b>46</b>

Fonte: pesquisa de campo.

Nesta perspectiva, portanto, tomando como referência à pista do CEU Butantã, os *bankeiros* que andam ali tendem a freqüentar mais as pistas de Barueri, CEU Campo Limpo, Imigrantes, e, caso tenham acesso, as pistas particulares da Zona Oeste. Isto

acontece por dois motivos: o primeiro é a localização das pistas que permite uma locomoção mais fácil, sem ter que atravessar toda a cidade para andar de skate. Com isso, exceto em semanas que antecedem os campeonatos, não é tão comum, por exemplo, ver um skatista *local* do CEU Veredas (Zona Leste) fazendo uma *sessão* no CEU Butantã ou em Barueri.

Já o segundo motivo deve-se ao fato do tipo (formato) de *banks* que cada pista apresenta, visto que — como no CEU Butantã existe um *banks fechado* — o skatista que é *local* deste espaço, irá buscar se locomover pela cidade (e além dela) em busca de pistas que tenham *banks* com características diferenciadas. Este é o caso, por exemplo, do CEU Campo Limpo e da pista da Imigrantes (possuem *banks abertos*).

A qualidade da pista, no que diz respeito ao material utilizado (superfície lisa ou áspera), sua conservação (se está degradada, com buracos) e um bom acabamento (se o obstáculo não possui imperfeições) são fatores que influenciam também na opção por determinadas pistas, pois o skatista busca espaços que conciliem a possibilidade de uma evolução técnica, somada ao divertimento e sua segurança física. Assim, um obstáculo que esteja em um estágio de má conservação, ou que possua uma superfície imprópria para a prática de skate, ou ainda que tenha um projeto arquitetônico e um acabamento ruim, torna-se um espaço pouco frequentado, em especial pelos skatistas de outras regiões da cidade. Este tipo de pista não cria o desejo para que o skatista se locomova pela cidade no intuito de usufruir deste espaço.

É importante ressaltar que durante a idealização do projeto da construção das pistas de skate nos Centros Educacionais Unificados, uma das reivindicações do skatista e arquiteto George Rotatori (responsável pela elaboração do projeto) foi o de não haver uma padronização no formato das pistas, como era vontade da prefeitura. Segundo Rotatori, esta

uniformização poderia se transformar em uma barreira à evolução técnica dos skatistas, já que não lhes possibilitaria o contato com obstáculos e formatos novos de pista.

Uma outra leitura que se pode fazer é a de que este projeto de padronização, caso implementado, provavelmente levaria os skatistas a se fecharem mais em seus bairros, haja vista que não valeria a pena circular pela cidade em busca de equipamentos iguais àqueles presentes em seus próprios bairros. O desejo de se andar de skate em uma pista diferente é um dos principais motivos que fazem os skatistas circularem por espaços mais abrangentes da cidade, fazendo com que eles excedam os limites espaciais do bairro e estabeleçam alianças com outros grupos de skatistas.

Esta busca por novos tipos de pista é o que fará também, de forma mais esporádica (devida à distância), que os skatistas se desloquem por espaços mais amplos que extrapolam o limite da cidade: como é o caso das incursões às pistas de São Bernardo (região metropolitana) e de São Sebastião (litoral), que pelo fato de possuírem um *tri-banks*, se tornam alvo do desejo dos *banheiros*, de maneira que, mesmo com a distância a ser percorrida, a ida até estes locais seja recompensadora para seus praticantes.

#### ❖ **Novas formas de transbordamento: ou como verter pelo ponto.**

*“Os Aché Gatu viveram desde então meio nômades meios sedentários: eles continuavam a percorrer os bosques, caçando ou coletando suas provisões, mas acabavam sempre por voltar (...) ao acampamento fixo que o destino lhes havia assinalado em Arroyo Moroti”.*

Pierre Clastres.

Como visto, a construção de pistas de skate em diferentes bairros da cidade de São Paulo tem feito com que os skatistas passem por uma maior fixação em territórios próprios para sua prática. No entanto, é importante observar dois aspectos que fazem com que o skatista possa a qualquer momento expandir sua ação e deslizar novamente pelos diferentes espaços da cidade.

O primeiro deles consiste no fator de que a interação entre os skatistas, a priori, não se fundamenta primordialmente na defesa do território, como acontece com os estudos clássicos sobre gangues feitas pela Escola de Chicago (Foote White, 2005), embora a questão espacial, dada pela perspectiva do *localismo*, tenha se tornado um elemento de maior importância com a construção de pistas *nas quebradas*. Isto faz com que seja importante para os skatistas, assim como acontece com os pichadores (Pereira, 2005: p. 64), sair do bairro e se locomover por diferentes lugares da metrópole.

Um outro fator relevante é que mesmo que os aparelhos de captura estriem (fixem) os skatistas em locais pré-determinados para sua prática, o desejo de evasão e de *apropriação* da arquitetura urbana, que levam a produção de possíveis conflitos, não são eliminados, mas apenas controlados. Assim, a qualquer instante, na medida em que o skatista busque tornar-se livre, isto é, romper a fronteira espacial da pista, ele poderá, se assim desejar, *verter pelo ponto*.

Desta forma, recortar o circuito de skatistas na cidade não implica em delimitá-lo, mas sim localizá-lo. Nesta perspectiva o menor elemento do circuito não será o ponto-pista, e sim a dobra, a pista enquanto inflexão e local de tensionamento, de possíveis transbordamentos. Ao criar a dobra, abre-se um campo de pluralidade da experiência; cria-se um vetor de variação, de desdobra.

Logo, o processo que leva ao fechamento do skatista em espaços exclusivos para sua prática, não implica de modo algum em um movimento fatalista (sem volta) de domesticação. Isto porque, mesmo quando, a princípio, o skatista encontra-se estriado na pista — sem transbordar espacialmente —, ele pode manter sua trajetória sem sair do lugar, praticar um nomadismo sem se mover, ser acometido pelo desassossego, na medida em que se recusa a abandonar o desejo como vontade de potência, de expandir sua ação para além do espaço da pista, de buscar constantemente superar-se a si mesmo.

Este desejo de verter pelo ponto, de conhecer novos espaços para prática do skate, enfim, de transformar a pista em uma dobra, faz com que a captura do skatista por meio da construção de pistas em regiões periféricas da cidade produza resultados inesperados, pois como afirmam Deleuze e Guattari:

Mas eis que esse empreendimento desemboca no resultado mais inesperado: a multiplicação dos movimentos relativos, a intensificação das velocidades relativas no espaço estriado, acaba reconstruindo um espaço liso ou um movimento absoluto (...) o Estado não só relativiza o movimento, mas torna a produzir movimento absoluto (...) torna a produzir o liso ao final do estriado (Deleuze e Guattari, 1997b: p. 61).

O Estado relativiza o movimento dos skatistas na medida em que constrói equipamentos que, em um primeiro momento podem levar a criação de uma força centrífuga de filiação e fixação no espaço, mas, que também podem provocar, a partir da existência das pistas, novos movimentos centrípetos de circulação na cidade impulsionados pelo desejo dos skatistas de experimentarem novas pistas.

Com isso, a pista apresenta uma certa ambigüidade, na medida em que permite ao skatista aumentar sua potência enquanto performance em cima do skate, haja vista que



“todo progresso se faz por e no espaço estriado” (Deleuze e Guattari, 1997b: p. 195). Ou seja, a pista proporciona melhores condições para o aprimoramento técnico das manobras. Mas, por outro lado, a segurança e a comodidade que a pista proporciona pode levar a uma certa impotência do skatista, no sentido da produção de transbordamentos que levem a diferentes formas de interferência no espaço urbano.

No entanto, o skatista sente a necessidade de transbordar o espaço estriado da pista, sente um desassossego para que possa criar e produzir novas intensidades, riscos e desafios (aprender novas manobras e enfrentar novos obstáculos), além de buscar compartilhar seus excessos, isto é, mostrar suas manobras, sua técnica e habilidade para um universo maior de skatistas que não só aqueles de sua localidade. Se as políticas públicas constroem o ponto, o skatista produz a linha, o ponto torna-se a inflexão da linha, em que o espaço urbano será encarado “como um sonho de pedra que liberta o homem do fechamento” (Maffesoli, 2001: p.99). Os skatistas *locais*, por meio de seu desejo de evasão, reconstroem o espaço liso, passam a “desterritorializar-se a si mesmo, renunciando, indo a outra parte” (Deleuze e Guattari, 1997b: p. 14).

Logo, uma nova cartografia é traçada a partir de uma espécie de enraizamento dinâmico que possui um duplo movimento; indica tanto o seu lugar ‘original’, como o seu além. A pista, neste prisma, aparece como o refúgio em que se idealiza a projeção para fora de suas fronteiras. O *localismo*, neste sentido, remete a um dentro e um fora, na medida em que os skatistas podem produzir contra-efetuações que reconstroem a pluralidade da diferença frente às formas impostas pelos aparelhos de captura. Deste modo, as localidades possuem formas de abertura/fissuras (as dobras) que permitem o fluxo de skatista de fora para dentro e de dentro para fora do território, ou seja, abrem a pista para circulação mais heterogênea de skatistas.

É importante ressaltar que a existência de diferentes pistas nas regiões mais afastadas da capital, exercendo uma função de atração e gravitação provocará, em muitos casos, no movimento do skatista — ao praticar trajetos nômades guiados pelo desejo de evasão — formas mais estratégicas, ligando um ponto ao outro, embora estes pontos se configurem mais como uma *alternativa* do que como uma *determinação*, pois como afirmam Deleuze e Guattari:

O nômade tem um território, segue trajetos costumeiros, vai de um ponto ao outro, não ignora os pontos (...) ainda que os pontos determinem os trajetos, estão estritamente subordinados aos trajetos que eles determinam, ao contrário do que acontece com o sedentário (...) todo ponto é uma alternância e só existe como alternância (Deleuze e Guattari, 1997b: p. 50 – 51).

Neste sentido, os circuitos traçados pelos skatistas embora partam de um ponto-árvore, isto é, da localidade como forma de filiação territorial, os movimentos executados não buscam a raiz, mas, acima de tudo, seguir o canal, experimentar novos espaços da cidade, e para além dela. O seu objetivo, mais do que permanecer na pista é o de atravessar, provar uma pluralidade de espaços sem se prender a uma geometria rígida que subordine a trajetória à determinação espacial da pista. O skatista, neste movimento, executa uma implosão do ponto, de modo a produzir uma multiplicidade de linhas; movimento este que fará que:

(...) os caules de rizoma não param de surgir das árvores, as massas e os fluxos escapam constantemente, inventam conexões que saltam de árvores em árvores, e que desenraizam, todo um alisamento do espaço, que por sua vez reage sobre o espaço

estriado. Mesmo e, sobretudo, os territórios são agitados por esses profundos movimentos (Deleuze e Guattari, 1997b: p. 221).

Portanto, esta nova cartografia provocará no skatista o deslocamento através da cidade de *quebrada* para *quebrada*, ora se fixando como um modo de afirmar sua filiação - um *localismo* a um determinado espaço, ora se colocando a deriva como uma forma de estabelecer alianças e construir agenciamentos para que possa escoar seus excessos. Para que isto acontecer, basta ao skatista “ajustar a vestimenta e a própria casa ao espaço exterior, ao espaço liso aberto onde o corpo se move” (Deleuze e Guattari, 1997b: p. 181).



Foto: corpo do skatista se projetando no espaço urbano (Jardel's Corner).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### Fechando o circuito.

*“O saber não pode prescindir da beleza, busco uma ciência bela”.*

Michel Serres.

Ao chegar no término da presente pesquisa, uma questão que emerge é de como encerrar uma experiência que a todo instante busca evadir, escapar, se diluir, criar linhas de fuga, se desterritorializar? Este desafio, de certo modo, esteve presente em todos momentos da pesquisa, porém, sobre uma outra perspectiva: como etnografar o movimento? Como tornar visível, o invisível? Audível, o inaudível? Dizível, o indizível? Enfim, como tornar pensável, o impensável?

Em busca destas respostas, a pesquisa percorreu caminhos que, de algum modo, expressassem a pluralidade da experiência dos skatistas na cidade, não por aquilo que é, que esta dado, posto de antemão, cabendo ao pesquisador coletar as informações prontas, de modo a reiterar discursos e representações. O caminho praticado foi outro, a pesquisa seguiu os potenciais movimentos, os abismos, as fugas, assim como os processo de domesticação e as estratificações.

Seguindo os skatistas em seus interstícios, em seus movimentos de diluição e captura, entre o liso e o estriado, e não por uma ótica em que a experiência fosse enquadrada a partir de funções e papéis, a pesquisa optou em flertar por veredas literárias e,

por vezes artísticas, com o objetivo de captar as sensibilidades, de tornar possíveis visões e audições que transcendam a ordem do empírico. Ou seja, buscou-se construir na etnografia uma espécie de empirismo da razão prática, cujo objetivo último foi captar as forças moleculares, tornar sensíveis forças impensáveis, indizíveis, inaudíveis e invisíveis.

A postura do pesquisador enquanto um *skatista molecular*, ou seja, como alguém que anda de skate, mas que no processo de pesquisa construiu um distanciamento em que deixa de ser skatista para tornar-se skatista (um outrar-se a partir da experiência de si mesmo, enquanto devir, e não como forma, identidade), foi o modo encontrado na prática de campo para construção de um sujeito etnográfico no corpo do pesquisador, resultado de um movimento de dobrar o de fora para constituir um sujeito de dentro. O desafio do trabalho etnográfico foi “descobrir esses agenciamentos coletivos, esses povos que estão em nós e que nos fazem falar, e a partir dos quais nós produzimos enunciados” (Deleuze, 2006: p. 347).

Neste sentido, o presente enunciado se estruturou a partir de uma tridimensionalidade dos skatistas na metrópole, em que ao atravessar a experiência destes sujeitos pelo corpo, pela pista e pela cidade, buscou-se criar narrativas em deslize geradoras de uma pluralidade de movimentos. Formas de profundidade, adensamento e espraiamento foram utilizadas para cartografar, tanto os modos de evasão e expansão (espaço liso), como os modos de retração e fechamento (espaço estriado).

Na dimensão do corpo foi abordada a questão do risco enquanto modo de expansão ou de retração da ação do skatista em suas técnicas corporais e na estetização de seus gestos. Já na pista, a partir do movimento de maior fixação dos skatistas em espaços pré-determinados para sua prática, foram descritos tanto os modos de reciprocidade construídos no espaço por meio do jogo relacional de sujeito da ação e sujeito da observação —

representado pela categoria nativa *Yeah!* (sinal de *humildade* e igualdade entre os skatistas) —, como os modos de segmentação produtores de fronteiras na pista. As segmentações foram entendidas a partir de outra categoria nativa, o *tesourar*, que consiste na ação inibidora da formação de outras *linhas* na pista, o autor deste movimento busca apenas ser o sujeito da ação, jamais da observação. Quando isto acontece, a pista torna-se um espaço de hierarquias e exclusões, seja entre os próprios skatistas, seja de skatistas frente aos rollers, bikers e crianças.

Por fim, na dimensão macroscópica da cidade, as formas lisas e estriadas foram entendidas através de um duplo movimento: por um lado de deriva/nomadismo por meio da dinâmica de *apropriação* e ocupação de diferentes locais da paisagem urbana, e por outro lado pela captura/sedentarismo dos skatistas pelo Estado através da construção de espaços pré-determinados para sua prática, locais de *propriedade* dos skatistas.

Nesta perspectiva, a pesquisa teve por objetivo descrever “como o desejo se arma como exercício de grupo, e ao que eles usam para fazê-los circular, em que outras estratégias se apóiam nessa experimentação, o que aproveitam do espaço urbano, que é o seu meio, para esse exercício, o que serve e ajuda, o que emperra e constrange” (Caiafa, 1989: p. 63).

No entanto, ao se tornar um estrangeiro de si mesmo, ao criar “povos inacabados” e ao levar, em alguns casos, ao limite a linguagem acadêmica, como, voltando a questão inicial, encerramos um trabalho deste gênero? A resposta emerge de um duplo movimento, em que, por um lado, a etnografia, por excelência, é sempre um trabalho inacabado, que possui múltiplas localizações e aberturas. Mais do que fechar um tema, ao meu ver, a etnografia provoca uma expansão e uma abertura em relação ao assunto pesquisado, indica as diversas bifurcações da experiência vivida.

Por outro lado, a etnografia produz a partir da experiência em campo “um sentimento de todo sem evocar a totalidade que emerge do próprio processo de pesquisa” (Marcus, 1994: p. 17). Ou seja, embora a construção da mancha e do circuito enquanto formas de espraiamento dos skatistas na cidade evoquem uma delimitação da abrangência do modo como estes sujeitos *fazem cidade*, isto não implica que a pesquisa tenha dado conta da totalidade da experiência dos skatistas na metrópole, afinal este não era o objetivo do estudo. O objetivo, na realidade, foi o de fazer um experimento por meio da imersão (uma viagem) ao mundo sensitivo dos skatistas, observando, descrevendo e praticando as formas como eles sentem e experimentam a cidade.

Neste contexto, o maior desafio para cumprir esse objetivo foi o de transformar o conhecimento construído de modo sensitivo em um saber acadêmico. Para isso, embora a referência antropológica tenha sido central no trabalho, a pesquisa caminhou no limiar de sua fronteira, nos interstícios, no estar entre, flertando em suas ressonâncias com filósofos e com uma escrita, por vezes, literária no intuito de levar os possíveis leitores para dentro desta experiência singular e tridimensional de se *fazer cidade*.

Com isso, mesmo sabendo de possíveis limitações, em especial, no que diz respeito a situação do ‘outrar-se’ no trabalho de campo, em que pesa a crítica de uma suposta auto-antropologia nas escalas mais densas da etnografia, assim como possíveis lacunas deixadas nas escalas mais amplas de espraiamento dos skatistas na cidade, esta dissertação é fruto de uma descrição etnográfica que buscou captar movimentos de maior amplitude, cujo olhar do pesquisador teve que manter-se mais distante da experiência in-loco (ênfase na diacronia, em prol da sincronia).

Talvez, mais do que limitações, estas críticas podem ser encaradas como aberturas, bifurcações de possíveis estudos futuros sobre o tema. Isto porque, a presente pesquisa se

encerra, não como um trabalho sobre a totalidade da experiência dos skatistas na metrópole, mas como a abertura de uma prática, de uma dinâmica de se *fazer cidade*, em que o sentimento de todo emerge da experiência com o sujeito em campo, do enlace de duas sensações sem semelhança produtoras de uma zona de vizinhança no qual pesquisador e skatista parecem não se distinguir mais:

Agilulfo se rende, se dissolve como uma gota do mar. É porque o corpo de Agilulfo, mesmo inexistente, sempre esteve lá. Certamente, foi quando se dissolveu que mais existiu (...) dissolvemo-nos (Diógenes, 2003: p. 212 — adaptado de Calvino, 2005).

Por fim, se por um lado a pesquisa produziu um *skatista molecular*, por outro, ela também construiu um outro sujeito em devir, um *acadêmico molecular*, fruto do movimento de transformação do conhecimento sensitivo em acadêmico, de um tornar-se em que os skatistas em suas forças invisíveis praticam autores como Nietzsche e Deleuze. Enfim, os skatistas em suas formas impensáveis, em suas forças minoritárias, no movimento em que o desejo se arma como exercício de grupo, experimentam uma razão prática a partir da experiência de si mesmos: criam seus próprios conceitos. *Yeah!*.



## BIBLIOGRAFIA

- ABRAMO, Helena. *Cenas juvenis; punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Página Aberta/ANPOCS, 1994.
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes & Tracy, Kátia de Almeida. *Noites nômade; espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares; introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.
- ALVITO, Marcos. *As cores de acari*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. “Gosto de classe e estilo de vida”. In: Ortiz (org.) *Bourdieu – Coleção Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Ática, 1983.
- BRITTO, Eduardo (org.). *A onda dura: três décadas de skate no Brasil*. São Paulo: Parada Inglesa, 2000.
- CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Editora 34/ Duas cidades, 2000.
- CAIAFA, Janice. *Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Jornadas urbanas; exclusão, trabalho e subjetividade nas viagens de ônibus na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- CAILLOIS, Roger. *Os jogos e os homens*. Lisboa: Cotovia, 1990.
- CALVINO, Ítalo. *O cavaleiro inexistente*. São Paulo: Cia das letras, 2005.
- CANCLINI, Nestor. *Consumidores e cidadãos. Conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. "Radicais do skate-rock". In: *Os jovens e a cidade: identidades e praticas culturais em Angra dos Reis*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Relume Dumará, 2002.

CLASTRES, Pierre. *Crônica dos índios Guayaki: o que sabem os Aché, caçadores nômade do Paraguai*. São Paulo: Editora 34, 1995.

\_\_\_\_\_. *A sociedade contra o Estado*. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

COSTA, Márcia Regina. *Os carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno*. Petrópolis: Vozes, 1993.

DA MATTA, Roberto. "O ofício de etnólogo ou como ter Anthropological Blues". In: *Cadernos do programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1974.

\_\_\_\_\_. *A casa e a rua*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano; a arte de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2000.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil platôs; capitalismo e esquizofrenia, vol. I*. São Paulo, Editora 34, 1995.

\_\_\_\_\_. *Mil platôs; capitalismo e esquizofrenia, vol. III*. São Paulo, Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_. *Mil platôs; capitalismo e esquizofrenia, vol. IV*. São Paulo, Editora 34, 1997.

\_\_\_\_\_. *Mil platôs; capitalismo e esquizofrenia, vol. V*. São Paulo, Editora 34, 1997b.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

\_\_\_\_\_. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

\_\_\_\_\_. *A ilha deserta*. São Paulo: Iluminuras, 2006.

DIÓGENES, Glória. *Itinerários de corpus juvenis; o tatame, o jogo e o baile*. São Paulo: Annablume, 2003.

- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo; Perspectiva, 1990.
- DURHAM, Eunice. “A pesquisa antropológica com populações urbanas; problemas e perspectivas”. In: Cardoso (org.) *A aventura antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- EVANS-PRITCHARD, Edward. *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FAUSTO, Carlos. *Inimigos fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- FOOT WHITE, Willam. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 1991.
- FRÚGOLI, Heitor. “Os shoppings centers de São Paulo e a trama do urbano: um olhar antropológico”. In: Pintaui & Frúgoli (orgs.) *Shopping Centers: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras*. São Paulo: UNESP, 1992, p. 75 – 92.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GIL, José. “No pain no gain”. In: *Cadernos de subjetividade, vol. V, número 2*. São Paulo: EDUC, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Movimento total, o corpo e a dança*. Lisboa: Relógio d’ Água, 2001.
- \_\_\_\_\_. “Ritornelo e imanência”. In: *Nietzsche-Deleuze: jogo e música*. Fortaleza: Forense Universitária, 2008, p. 125 – 141.
- GOLDMAN, Márcio. “Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia”. In: *Revista de Antropologia, vol. 46*. São Paulo: USP, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Como funciona a democracia: uma etnografia da política*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.
- GONÇALVES, Vagner. *O antropólogo e sua magia*. São Paulo: EDUSP, 2006.

- HERSCHMANN, Micael. *O Funk e o Hip-Hop invadem a cena: globalização, violência e estilo cultural*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.
- HOBBS, Thomas. “Da liberdade dos súditos”. In: *Leviatã*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- LAPLANTINE, François. *A descrição etnográfica*. São Paulo: Terceira margem, 2004.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaios de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1991.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Nomadismo; vagabundagens pós-modernas*. São Paulo: Record, 2001.
- MAGNANI, José Guilherme. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Festa no pedaço*. São Paulo: HUICITEC, 1998.
- \_\_\_\_\_. “De perto e de dentro: nota para uma etnografia urbana”. In: *Revista brasileira de ciências sócias*, nº49. São Paulo: ANPOCS, 2002.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Crime e costume na sociedade selvagem*. Brasília: Imprensa Oficial/UNB, 2002.
- MANTESE, Bruna. *Os Straigh Edges e suas relações com a alteridade na cidade de São Paulo*. Mestrado defendido no Departamento de Antropologia Social da USP, 2006.
- MARCUS, George. “O que vem (logo) depois do pós: o caso da etnografia”. *Revista de Antropologia*, vol. 37. São Paulo: FFLCH/USP, 1994.
- MATZA, David. “As tradições ocultas da juventude”. In: Britto (org.) *Sociologia da juventude*, vol. 3. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naif, 2003.

- MERLEAU-PONTY, Maurice. “De Mauss a Claude Lévi-Strauss”. In: *Merleau-Ponty – Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1960, p. 179 – 206.
- MUCHAIL, Salma Tannus. “Olhares e dizeres”. In: RAGO & ORLANDI (orgs.) *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 299 – 308.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- OLIC, Mauricio Bacic. “Arte, cotidiano e juventude: a reinvenção do espaço público por parte dos jovens skatistas” (off–line). In: *Revista eletrônica Outras Palavras*, vol. 3, artigo 09, 2003, Internet. Disponível via url <http://orbita.starmedia.com/outraspalavras/art09mbo.htm>. [acesso: 12.08.2004].
- \_\_\_\_\_. “De quebrada para quebrada: por uma nova cartografia skatista na metrópole”. (on-line). In: *Pontourbe*, ano 02, vol. 03, artigo 07. Editora NAU/USP, 2008, Internet. Disponível via url <http://www.n-a-u.org/pontourbe03/Bacic.html>. (acesso: 17.04.2009).
- PAIS, José Machado & BLASS, Leila Maria. *Tribos Urbanas: produção artística e identidades*. São Paulo: Annablume, 2004.
- PARK, Robert. "A cidade: sugestões de investigação do comportamento social no meio urbano". In: Velho (org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- PEREIRA, Alexandre. *De rolê pela cidade: os pixadores em São Paulo*. Mestrado defendido no Departamento de Antropologia Social da USP, 2005.
- PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.
- POCCIELO, Christian. “Os desafios da leveza: práticas corporais em mutação”. In: Sant’anna (org.) *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- ROSA, Guimarães. *Grande sertão veredas*. São Paulo: Nova Fronteira, 2003.
- SAHLINS, Marshall. *Sociedades Tribais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

SIMMEL, George. "Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal". In: Moraes (org.) *Sociologia - Coleção Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Ática, 1983, p.165-181.

\_\_\_\_\_. "A metrópole e a vida mental". In: Velho (org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, p. 11-25.

STRAUSS, A. *Espelhos e máscaras: a busca de identidade*. São Paulo, Edusp, 1999.

SWAIN, Tânia Navarro. "Identidade nômade". In: RAGO & ORLANDI (orgs.) *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 325 – 342.

TOLEDO, Luis Henrique. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados/ ANPOCS, 1996.

TÓTORA, Silvana. "Vontade de Potência: a grande política – arte e política em Nietzsche". In: *Aurora: Revista de Arte, Mídia e Política – vol. 2*. PUC-SP: São Paulo, 2007. Disponível no url: [www.pucsp.br/revistaaurora/mai\\_2008/aurora02\\_pdf.pdf](http://www.pucsp.br/revistaaurora/mai_2008/aurora02_pdf.pdf). (acesso: 22.11.2008).

UVINHA, Ricardo Ricci. *Juventude, lazer e esportes radicais*. São Paulo: Manole, 2001.

VAZ, Paulo. "Corpo e risco". In: Villaça & Góes (orgs.) *Que corpo é esse?* Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 158 – 175.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

VIANNA, Hermano (org.) *Galerias cariocas*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

VIVEIROS DE CATRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac Naif, 2002.

WACQUANT, Loic. *Corpo e alma; notas para um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

▪ **Reportagens, matérias e artigos de imprensa.**

ANSHOWINHAS, Paulo. “A revolução”. In: *O Estado de São Paulo*. São Paulo: 06.04.95.

ARAÚJO, Carolina. “Pista cheia”. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo: 14.06.09.

BALAZINA, Afra. “Reformada, calçada da Paulista vira espaço para esporte radical”. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo: 10.12.07.

COTIDIANO. “RJ: Manobras de skatistas ameaçam patrimônio histórico”. In: *Brasil Terra*, 23.11.05.

COTIDIANO. “Paralelepípedos em ladeira aumenta embate entre skatistas e prefeitura”. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo: 01.11.07.

DIMENSTAIN, Gilberto. “Capital do skate”. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo: 19.06.02.

DIONISIO, Rodrigo. “Skatista é ‘procurado’ no interior de São Paulo”. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo: 26.07.99.

FARIA, Alan. “Ralando no asfalto”. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo: 28.01.08..

FIORATTI, Gustavo. “Rolê na Paulista”. In: *Revista da Folha*. São Paulo: 10.08.08.

FORTINO, Leandro. “Futuro radical”. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo: 15.08.05.

IWASSO, Simone. “Ibirapuera veta esporte radical em marquise”. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo: 28.10.03.

KORMANN, Alessandra & LULIE, Macedo. “Todas as caras da metrópole”. In: *Revista da Folha*. São Paulo: 24.08.03.

LOJUDICE, Marcelo. “Hobby vira negócio para skatistas”. In: *Valor econômico*. São Paulo: 24.06.02.

JIMENEZ, Keila. “As minas do skate”. In: *O Estado de São Paulo*. São Paulo: 19.08.05.

MENA, Fernanda. “Esportes radicais vão do lazer à profissão”. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo: 03.09.01.

RAMPAZZO, Fabiano. “Os radicais livres de sampa”. In: *O Estado de São Paulo*. São Paulo: 26.03.06.

ROTATORI, George. “Contra o mito e a favor do skate moderno”. In: *Guia de pistas 100% SKATE*. São Paulo: Kata Strophe, 2006.

SARLI, Carlos. “F-1 e skate”. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo: 13.06.02.

\_\_\_\_\_. “Pista livre”. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo: 08.06.06.

\_\_\_\_\_. “Vou dar uma pista”. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo: 09.01.03.

VENDRAMINI, Vander. “Skate balzaquiano”. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo: 19.05.01.

\_\_\_\_\_. “Atrás do risco”. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo: 16.06.01.

- **Sítios.**

<http://www.cbsk.com.br>. (acesso: 11.03.2009).

<http://www.brasilskate.com>. (acesso: 29.11.2008).

<http://www.sk8.com.br>. (acesso: 04.08. 2009).

- **Vídeos de skate (demos).**

CHICLÉ (Brasil).

MEMÓRIA FOTOGRÁFICA (Brasil).

PLAN-B (Estados Unidos).

SILLY SOCIETY (Brasil).

NIKE – NOTHING BUT THE TRUTH (Estados Unidos).



- **Filmes.**

DOGTOWN AND Z-BOYS (2003).

STREET PROPHETZ (2006).

- **Programas de televisão.**

ADRENALINA (Canal Futura).

GRITO DA RUA (Canal Gazeta).

SKATE PARADISE (ESPN – Brasil).

X-GAMES (ESPN Internacional).

- **Revistas de skate.**

CEMPORCENTO SKATE.

CHECK IT OUT GIRL.

GUIA DE PISTAS.

MASHING INFORMATION.

OVERALL.

SKATIN.

SKT.

TRIBO SKATE.

YEAH!

VITAL SKATE.

## ANEXO

### ▪ GLOSSÁRIO.

**Atravessar:** ação em que um skatista interfere na execução da manobra de outro skatista.

**Banks:** obstáculo presente nas pistas de skate, cujo formato é análogo a uma banheira.

**Base:** expressão que designa o conhecimento técnico das manobras por parte dos skatistas.

**Big Air:** nova modalidade que nasceu de uma bifurcação do estilo vertical. Sua prática consiste na descida de grandes plataformas em que o skatista atinge grande velocidade para pular, mais abaixo, uma plataforma vazia entre duas rampas. Ao aterrisar, o skatista deve ainda executar outra manobra no *quarter* posicionado mais à frente.

**Bowl:** obstáculo presente nas pistas de skate, cujo formato é parecido ao de uma piscina.

**Carrinho:** outra forma como o skate também é conhecido.

**Carving:** manobra em que o skatista com o auxílio das transições da pista realiza movimentos em alta velocidade em forma de um oito deitado (ou do infinito).

**Colar de boa:** gíria que indica postura humilde que o skatista (e não só ele) deve ter ao chegar em um determinado espaço.

**Colar no pé:** manobra executada com perfeição.

**Cooping:** estrutura de metal que fica nas bordas dos obstáculos para que o skate deslize por ele.

**Crew:** agrupamento, bando de skatistas.

**Crowd/Crowdeada:** aglomeração. Termo utilizado quando pistas e *picos* encontram-se cheios de skatistas.

**Demos:** vídeos de skate.

**Dois palito:** expressão que designa rapidez

**Downhill:** modalidade do skate que consiste na descida de ladeiras em alta velocidade.

**Dropar:** descer uma rampa ou mesmo uma ladeira.

**Fifty:** manobra em que o skatista desliza através dos eixos do skate.

**Flip:** manobra em que o skate gira em torno do seu próprio eixo e volta para o pé do skatista.

**Freestyle:** modalidade praticada em espaços lisos e sem obstáculos, em que o skatista realiza manobras técnicas utilizando as mãos e os pés.

**Funbox:** obstáculo presente em pistas, cujo formato é igual a um trapézio.

**Gap:** do inglês abertura, brecha. São locais em desnível, como escadarias ou plataformas, utilizados para execução de manobras.

**Glabbers:** peças plásticas para proteger o *shape*.

**Gringo:** termo que pode designar tanto algo estrangeiro, como também a beleza de uma manobra (“*essa manobra ficou gringa!*”).

**Haf-Pipe:** principal obstáculo da categoria vertical possui cerca de quatro metros de altura e o formato de U.

**Hardcore:** estilo musical que surgiu nos anos 80 como uma variação do punk (tem um ritmo mais acelerado).

**Linha:** é o conjunto de manobras realizado em seqüência pelo skatista.

**Longboard:** tipo de skate com dimensões maiores que os comuns (acima de 40 polegadas).

**Manobra de borda:** movimento em que o skatista se vale das bordas dos obstáculos para executar manobras em deslize.

**Manobra de giro:** movimento em que o skatista chuta o skate de maneira que ele gire e retorne aos seus pés no final da manobra.

**Mini rampa:** obstáculo igual ao *half-pipe*, mas com dimensões reduzidas.

**Nose:** do inglês nariz. É a parte da frente do skate.

**Nose pivots:** equipamento de proteção da parte da frente do skate.

**Old school:** skatistas que andam há muitos anos.

**Ollie:** manobra básica do skate, consiste no movimento em que o skate se eleve do solo sem que saia do pé do skatista.

**Oso:** gíria que pode designar tanto dificuldade como escassez.

**Passar um pano:** expressão que significa ajuda, auxílio.

**Pico:** locais do espaço urbano ocupado pelos skatistas para prática de skate.

**Pool riding:** prática de skate em piscinas esvaziadas de água.

**Prego:** skatista com pouca habilidade técnica e que atrapalha os outros skatistas.

**Prós:** profissionais.

**Quarter:** obstáculo cujo formato é o de um *half-pipe* cortado ao meio.

**Rampa reta:** transição reta com ângulo próximo aos 45 graus.

**Rap Bate-Cabeça:** estilo de rap com batidas mais próximas do rock/hardcore. O nome bate-cabeça vem de sua dança que é parecida a dança executada no meio do rock conhecida como *pogo*.

**Remar:** é o ato de pegar impulsão no skate.

**Se jogar:** gíria que significa se arriscar.

**Sessão:** expressão que designa o ato de andar de skate.

**Shape:** tábua de madeira do skate.

**Skatepark:** forma como também são conhecidas as pistas de skate.

**Slalom:** modalidade dentro do *downhill* que consiste na descida de ruas contornando cones em alta velocidade.

**Slide:** manobra em que o skatista derrapa o skate.

**Snake:** grande obstáculo, semelhante ao *banks*, mas com formato de uma cobra.

**Solo:** tipos de manobras dentro do *street* sem utilizar nenhum obstáculo.

**Speed:** modalidade dentro do *downhill* que consiste na descida de ladeiras em alta velocidade sem executar nenhum tipo de manobra.

**Spine:** obstáculo na forma de uma pirâmide sem o seu cume.

**Street:** modalidade em que o skatista se apropria da arquitetura urbana para prática de skate.

**Streetstyle:** do inglês estilo da rua.

**Surfinho:** nome como o skate era conhecido no Brasil entre os anos 60 e 70.

**Tail:** do inglês rabo, é a parte detrás do skate.

**Tail Pivots:** equipamento de proteção da parte detrás do skate.

**Tesourar:** ação em que um skatista corta a *linha* de outro skatista.

**Tio:** gíria utilizada para chamar outra pessoa. Não guarda relação de parentesco.

**Treta:** briga.

**Truck:** eixo de metal do skate.

**Vertical:** modalidade praticada em grandes rampas no interior de pistas.

**Vulcão:** obstáculo semelhante ao formato de um vulcão.

**Yeah!:** expressão dita pelos skatistas que significa reconhecimento pela manobra bem executada.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)